



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

A importância das disciplinas de Português e de Espanhol no desenvolvimento pessoal e social do aluno

Orlando Esteves

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em
**Ensino de Português 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e
Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário**
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professor Doutor Ignacio Vázquez

Covilhã, outubro de 2017

Dedicatória

O mundo está repleto de histórias e para cada uma delas, há um início. Algumas são prometedoras, outras geram poucas expectativas mas, em todas elas, haverá uma série de elementos que as poderão alterar, seja para melhor ou para pior. Algo que é comum a todas é o facto de nada ser garantido. Pensando um pouco no ditado popular “quem vai à guerra dá e leva” e tendo em consideração que uma guerra corresponde a uma história, podemos afirmar que, seja qual for o início, nenhuma estará imune a momentos menos positivos. Perante isso, a chave estará na forma em como se lida com os infortúnios que nelas vão surgindo. Nessas fases, aparecem os companheiros dos protagonistas que se apresentam ao seu dispor para que cada ‘copo meio vazio’ resulte num ‘copo meio cheio’. Para além disso, são eles que também ajudam a ter ‘os pés bem assentes na terra’, mesmo quando eles querem voar mais que aquilo que podem. Afinal, tendo em conta tudo o que já foi dito, são eles que ‘equilibram os pratos da balança’, para o bem ou para o mal, permitindo a harmonia.

Infelizmente, a presença física destes companheiros não é eterna. Talvez o momento em que cada história perde alguma dessas personagens seja o primeiro teste para que se conclua se, na verdade, o protagonista de uma história está preparado para ser o companheiro noutras. Em palavras mais simples, situações como essa serão a forma mais exata de entender se, sem o apoio que haviam tido até então, conseguem lidar com um infortúnio. Com isto, podemos afirmar que, entre o bom e o mau de cada enredo, nunca deveria existir egoísmo pois, se qualquer personagem principal gosta de ser apoiada, também deverá entender que, noutros terá de ser o ajudante. Assim, ainda que insubstituíveis, qualquer história estará sujeita a uma renovação de companheiros, recordando sempre os que outrora o foram e, seguramente, o continuam a ser, ainda que de uma forma muito especial.

Reconhecer tudo o que já fizeram por nós e, muitas vezes, identificar nas nossas ações os valores que nos foram inculcados pelos nossos companheiros é fundamental. Na verdade, todos temos a nossa história e, como tal, temos os nossos ajudantes, tal como tivemos outros que, infelizmente, partiram. Assim, quando falamos do que somos, teremos de pensar no que fomos sendo com o auxílio dessas pessoas. Desta forma e como homenagem, dedico este Relatório de Estágio à minha avozinha, ao meu avozinho, ao meu avô ‘Zé Manel’ à minha avó Deolinda e ao meu padrinho. Apesar de não estarem entre nós, estão no meu coração e a minha gratidão por tudo o que fizeram por mim é eterna, tal como sei que, estejam onde estiverem, estarão orgulhosos pelo que sou e pelo que vou conquistando. Como em qualquer história, vou encontrando algumas adversidades mas, com o que estas pessoas me ensinaram, vou conseguindo lidar com elas. Considero que a minha história teve um início promissor pois estava rodeado de pessoas que sempre me desejaram o melhor e, felizmente, acredito que o desenvolvimento é ainda melhor pois continuo rodeado de pessoas que continuam a querer o mesmo e, para além disso, possuo também os ensinamentos dos que já partiram.

Agradecimentos

Um indivíduo vai crescendo, somando experiências e conseqüentemente histórias para contar mas, muitas vezes, não pára para pensar. Indiscutivelmente, a vida é do que temos de melhor e, para chegar a essa conclusão, basta pensar que, sem ela, nada seria possível. Ainda assim, não basta ter a oportunidade de viver.

Muitas vezes, vemos pessoas que caminham sem caminhar, que lutam sem lutar ou, pior, conquistam sem conquistar. À primeira vista, tudo isto parece impossível mas é bastante frequente. Nesse sentido, a ilusão é, seguramente, um dos principais perigos para o ser humano visto que, quando ‘caímos’ nela, quiçá vivamos sem viver. Perante isto, não existe um ‘remédio santo’ que nos proteja de tal enfermidade mas há algo que, indubitavelmente, ajudará: PENSAR!

Considero que cada dia é uma vitória mas, talvez por vivermos muitos, vão perdendo alguma importância. Perante esta realidade, é natural que existam outras mais saborosas e que guardamos na melhor secção da nossa memória. Refletindo sobre esta questão, talvez até seja positivo pois corríamos o risco de lotar o nosso álbum de recordações cerebral num curto espaço de tempo. Na verdade, acho que todos o queremos preencher mas com momentos mais marcantes.

Escrever um Relatório de Estágio é, para mim, algo marcante e que será, sem dúvida, uma das mais belas páginas do meu álbum. Até podem dizer que é arrogância mas para mim é um orgulho chegar a esta etapa e, mais ainda, da forma como o faço. Sempre humilde, mantendo a postura e, mais importante, nunca deixando de ser eu, chego aqui. Valorizo tudo o que fui conquistando, reconhecendo que existiram erros mas que, felizmente, analisei e utilizei para crescer. Assim, como resultado de todas estas vivências, aqui estou eu.

Chego a esta fase mas nunca olvidando as outras por onde passei. Sempre acreditei que bastava retirar qualquer uma delas da minha ‘caminhada’ e o resultado teria de ser outro por isso todas são importantes para mim. Contudo, mais que falar em fases, tenho de falar das pessoas que me acompanharam nelas.

Um ‘obrigado’ nunca será suficiente para compensar tudo o que os meus pais fizeram por mim pois, muito do que sou, é devido a eles que sempre fizeram o que podiam para que eu fosse feliz por isso, creio que a melhor forma de agradecer é dizer-lhes que o sou. Falando em felicidade, destaco a minha namorada por me ter acompanhado e apoiado nos últimos anos, vivendo comigo os melhores e piores momentos, celebrando com ainda mais alegria que eu os sucessos e nunca me deixando estar mal anímicamente perante os insucessos. Para além disso, nunca poderei esquecer aqueles que fazem jus à palavra ‘amigo’, acreditando sempre em mim. Num registo mais académico, estarei, para sempre, agradecido a todos os professores que me deram aulas, a todos os meus colegas e aos funcionários que participaram no meu trajeto pelos três estabelecimentos de ensino em que fui aluno. Ainda assim, julgo que é compreensível enaltecer alguns professores, ou seja, o Professor Doutor Ignacio Vázquez pela paciência e compreensão, sendo um Orientador exemplar, à Doutora Sandra

Espírito Santo e à Doutora Maria José Soares, Professoras Orientadoras na Escola Secundária Campos Melo nas disciplinas de Espanhol e Português respetivamente, que nos ofereceram as melhores bases para que, daqui em diante, sejamos também docentes de qualidade em ambas as disciplinas. Para terminar, gostaria de agradecer também aos meus colegas estagiários pelo companheirismo e solidariedade que existiam ao longo do ano letivo, mostrando que um trabalho de cooperação é sempre positivo.

Como dizia ao início, a ilusão é um perigo a que todos estamos sujeitos mas sou daqueles que pensa o suficiente para concluir que, sozinhos, tudo é muito mais difícil mas, acompanhado por qualquer um não é mais fácil. Assim, não me iludo e sou consciente de que tenho muita responsabilidade no meu trajeto mas também reconheço que, só apoiado por estas pessoas, tudo foi realmente mais simples e, principalmente, proveitoso.

Resumo

Num mundo que deposita na Escola a responsabilidade de preparar o futuro da sociedade, é importante que se identifiquem as ‘linhas’ fundamentais que façam do ser humano alguém preparado para o ‘amanhã’. Nesse sentido, Português e Espanhol devem investir, não só nos conteúdos associados a ambas as disciplinas, mas também na transmissão de valores que permitam ao aluno vir a ser, para além de um bom profissional, um excelente ser humano. Para que ambas as dimensões possam estabelecer uma relação de complementaridade, devemos refletir sobre o que significam ambas as disciplinas na atualidade, elogiando os pontos fortes e melhorando os fracos, adaptando o que se trabalha nas salas de aula ao contexto em que vivemos porque, na realidade, só correspondendo às necessidades dos discentes, faremos uma real aposta no desenvolvimento pessoal e social do aluno.

Palavras-chave

Português, Espanhol, Programas de Português, Programas de Espanhol, Alunos, Atualidade, Valores, Estágio pedagógico.

Resumen

En un mundo que deposita en la Escuela la responsabilidad de preparar el futuro de la sociedad, es importante que se identifiquen las 'líneas' fundamentales que hagan del ser humano alguien preparado para 'mañana'. En ese sentido, Portugués y Español deben invertir, no solo en los contenidos asociados a ambas asignaturas, sino en la transmisión de valores que permitan que el alumno sea en el futuro, además de un buen profesional, un excelente ser humano. Para que ambas dimensiones puedan establecer una relación de complementariedad, debemos reflexionar sobre lo que significan ambas asignaturas en la actualidad, elogiando los puntos fuertes y mejorando los débiles, ajustando lo que se trabaja en clase al contexto en que vivimos porque, en realidad, solo correspondiendo a las necesidades de los discentes, haremos una real apuesta en el desarrollo personal y social del alumno.

Palabras clave

Portugués, Español, Programas de Portugués, Programas de Español, Alumno, Actualidad, Valores, Práctica pedagógica.

Lista de figuras

Figura 1 - Fachada da Escola Secundária Campos Melo.....	44
Figura 2 - À conversa sobre o que é “Ser professor hoje...”.....	65
Figura 3 - Dia de aulas ao ar livre.....	66
Figura 4 - <i>Día de La Hispanidad</i>	66
Figura 5 - Celebração do <i>Día de los muertos</i>	67
Figura 6 - Receção aos alunos de uma escola espanhola.....	67
Figura 7 - Adaptação do <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.....	68
Figura 8 - Almoço de Natal da Campos Melo.....	69
Figura 9 - <i>El día de Reyes</i>	70
Figura 10 - Posto 4 do “Campos Melo Go”.....	70
Figura 11 - Pela Covilhã com o Kevin e a Teresa.....	71
Figura 12 - Adaptação do <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente no XXII Sarau da ESCM.....	72

Lista de acrónimos

CEF - Cursos de Formação e Educação

EFA - Ensino e Formação para Adultos

ESCM - Escola Secundária Campos Melo

PNL - Plano Nacional de Leitura

RVCC - Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências

Índice

Dedicatória.....	I
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Resumen.....	v
Lista de figuras.....	vi
Lista de acrónimos.....	vii
Índice.....	viii
Introdução.....	1
1ª parte: Enquadramento teórico	
Capítulo 1 - A disciplina de Português no contexto atual.....	3
1.1 Os programas de Português centrados nos alunos vs Os alunos centrados nos programas de Português.....	7
1.2 Aprender vs memorizar.....	13
1.3 O papel das obras literárias no desenvolvimento pessoal e social do aluno....	16
Capítulo 2 - A disciplina de Espanhol no contexto atual.....	21
2.1 Os programas de Espanhol centrados nos alunos vs Os alunos centrados nos programas de Espanhol.....	26
2.2 Aprender vs memorizar.....	34
2.3 O papel dos conteúdos socioculturais da língua estrangeira no desenvolvimento pessoal e social do aluno.....	37
2ª parte: Estágio pedagógico (desenvolvimento da prática letiva de Português como língua materna e de Espanhol como língua estrangeira)	
Capítulo 1 - Contextualização do estágio.....	41
1.1. Caracterização da escola.....	42
1.2. Caracterização das turmas atribuídas.....	44
1.2.1. Turmas de Português.....	45
1.2.2. Turmas de Espanhol.....	47
Capítulo 2 - Reflexão do estágio.....	50
2.1. Reflexão sobre o estágio pedagógico de Português.....	51
2.2. Reflexão sobre o estágio pedagógico de espanhol.....	53
2.3. Aulas observadas.....	56
2.3.1. Aulas observadas de Português e planificação das unidades didáticas.....	57
2.3.1.1. Primeiro período.....	57
2.3.1.2. Segundo Período.....	58
2.3.2. Aulas observadas de espanhol e planificação das unidades didáticas.....	59
2.3.2.1. Primeiro período.....	59

2.3.2.2. Segundo Período.....	60
2.3.2.3. Terceiro período.....	62
Capítulo 3 - Atividades extracurriculares.....	64
3.1. À conversa sobre o que é “Ser professor hoje...”.....	65
3.2. Dia de aulas ao ar livre.....	66
3.3. <i>Día de La Hispanidad</i>	66
3.4. <i>Día de los muertos</i>	67
3.5. Visita de alunos de uma escola espanhola à Campos Melo.....	67
3.6. Viver o Natal na Campos Melo.....	68
3.7. Almoço de Natal da Campos Melo.....	69
3.8. <i>El día de Reyes</i>	70
3.9. <i>Peddy Paper “Campos Melo Go”</i>	70
3.10. Apresentação da cidade ao Kevin e à Teresa.....	71
3.11. XXII Sarau Cultural da Escola Secundária Campos Melo.....	72
Considerações finais.....	73
Bibliografia.....	76
Webgrafia.....	79
Anexos.....	80
-Anexo 1.....	80
-Anexo 2.....	82
-Anexo 3.....	85
-Anexo 4.....	86
-Anexo 5.....	89
-Anexo 6.....	94
-Anexo 7.....	108
-Anexo 8.....	110
-Anexo 9.....	122

Introdução

Existem momentos em que devemos refletir sobre a importância que temos na sociedade. Por vezes, desvalorizamos o que é nosso, considerando superior aquilo que nos é distante, mesmo que não exista nada que explique este pensamento. Na verdade, todos estamos conscientes da complexidade do ser humano e, nesse sentido, entendemos que, nem sempre, o óbvio é assim tão evidente. Assim, por muito bons que possamos ser em determinada área, acreditamos que isso é irrelevante naquilo que é a melhoria do mundo em que vivemos. Contudo, se todos tivessem essa forma de pensar, tudo o que somos, não seríamos e, na realidade, o que fomos, éramos atualmente. Felizmente, ao longo dos tempos, surgiram indivíduos que foram para além da sua zona de conforto e deixaram a sua marca, algo que nos trouxe até aqui.

Honestamente, acreditamos piamente no ser humano e nas capacidades que cada um, ao seu estilo, terá. Como é evidente, nem todos nascemos para ser reconhecidos por todo o mundo mas, não tenhamos dúvidas, viemos até ele para ser admirados por alguém. Para que isso aconteça, a profissão que exercemos poderá ser um meio extremamente eficaz. Sem que nenhuma assuma maior importância, já que todas são úteis para a sociedade, destacamos, neste caso, a de professor, não só por ser a nossa, mas também porque é a que nos motiva a escrever este Relatório de Estágio.

Naturalmente, a docência não é um posto ao qual estão associados benefícios e malefícios, isto é, tal como acontece na agricultura, somente poderemos esperar as consequências do nosso trabalho. Assim, ao longo das próximas páginas, *pretendemos transmitir a nossa perspetiva daquilo que consideramos ser a responsabilidade de um professor*, obviamente inserido num contexto que, por vezes, é positivo e, noutras situações, negativo mas que, ainda assim, está relacionado com aquilo que será o ‘amanhã’ da sociedade.

Para que o futuro seja risonho, *acreditamos que existem duas dimensões fundamentais na formação de um aluno: a pessoal e a social*. Assim, quando encaramos o processo de ensino-aprendizagem de um discente, devemos manter a aposta na transmissão de conhecimentos que permitam aos alunos estar melhor preparados para aquilo que encontrarão ao longo das suas vidas mas, igualmente importante, é a aposta nos valores que farão deles excelentes seres humanos em qualquer situação. Para isso, tentaremos analisar a realidade em que vivemos e se, efetivamente, existe um investimento nestas duas áreas no que às disciplinas de Português e Espanhol diz respeito.

Sendo nosso objetivo realizar uma análise justa e imparcial, abordaremos, numa primeira fase, a importância que cada disciplina tem no Ensino em Portugal, algo que poderemos constatar através dos momentos em que elas são inseridas no trajeto dos alunos, bem como nas cargas letivas que são atribuídas a cada disciplina. Em segundo lugar, tentando concretizar mais um pouco, faremos uma análise aos programas, tentando perceber se, de facto, se trabalha tendo em vista o desenvolvimento pessoal e social do aluno. De seguida,

embora tratemos cada disciplina de forma isolada porque, na realidade, pensamos que merecem que assim seja, não só pelas diferenças, mas pela importância que têm, tentaremos abordar uma questão que é transversal às duas disciplinas, isto é, o que separa e aproxima a aprendizagem da memorização, apelando àquilo que é dito habitualmente pelos alunos e, naturalmente, referindo aquilo em que acreditamos. Feito isso, rematamos, no caso de Português, com a importância das obras literárias no desenvolvimento pessoal e social do aluno, tal como o fazemos em Espanhol com os conteúdos socioculturais, tratando concretamente conteúdos que se encontram nos programas analisados numa fase anterior.

Aproveitaremos a segunda parte deste Relatório de Estágio para abordar o nosso enriquecedor ano de estágio na Escola Secundária Campos Melo, tentando, primeiramente, fazer com que o leitor se insira nas realidades onde estivemos inseridos, contextualizando a escola e as turmas, tanto de Português, como de Espanhol, já que são diferentes. Depois disso, estaremos preparados para refletir sobre o estágio a ambas as disciplinas que, podemos garantir, foram distintos, o que tornou a nossa experiência ainda mais rica. Seguindo a nossa abordagem sobre o ano letivo 2016/2017, demonstraremos um pouco daquilo que fizemos, tratando as aulas assistidas que, por uma questão de organização, estarão divididas por disciplina e, naturalmente, pelo período letivo em que ocorreram. Por fim, para que nada fique por dizer sobre este ano fantástico, teremos todo o gosto em colocar em evidência as atividades extracurriculares em que participámos, associando a cada uma delas uma fotografia e, em alguns casos, duas.

1ª parte: Enquadramento teórico

Capítulo 1 - A disciplina de Português no contexto atual

Identificar algumas disciplinas como sendo as mais importantes de entre todo o currículo escolar seria um erro crasso e, pior ainda, poderia resultar numa contradição. Na verdade, convivemos diariamente com uma tímida obrigação de definir algo como o melhor, sempre em detrimento de outra opção que, inevitavelmente, não será tão boa. Possivelmente, qualquer pessoa se apercebe disto mas, mesmo assim, continua a fazê-lo de uma forma quase constante. Refletindo um pouco, podemos constatar que esta competitividade está presente no mais simples como por exemplo na questão carne vs peixe. No nosso entender, todas estas questões são meros absurdos pois, por muito que se goste de carne, não deve existir o impedimento de consumir peixe, já que se tratam de duas hipóteses agradáveis mas sempre sujeitas às necessidades e gostos de cada um. No mesmo sentido, surgem as disciplinas e a igualmente desnecessária competição entre elas.

Quase que de uma forma automática, chegamos a uma fase da nossa vida em que, infelizmente, é imperativo optar por Português ou Matemática. Na verdade, esta escolha estará sempre ‘mascarada’ pelos tão conhecidos cursos científico-humanísticos, nomeadamente, o de Línguas e Humanidades e Ciências e Tecnologias. Apesar de acreditarmos que nenhuma disciplina deve ser a ‘bandeira’ de um conjunto delas, a verdade é que Matemática será sempre fortemente associada a um e Português a outro. Nesse contexto, surge a tão afamada competitividade e, frequentemente, a já referida valorização de uns e a conseqüente desvalorização de outros (leia-se a este respeito Costa, 2016). Refletindo um pouco sobre algumas situações que todos já tivemos a oportunidade de conhecer, muitos docentes têm tendência para ‘empurrar’ para o curso de Línguas e Humanidades aqueles que apresentam algumas lacunas a Matemática, ignorando a hipótese de o aluno ter também dificuldades a Português. De uma forma mais simples, existe a teoria de que uma disciplina pode ser encarada como uma ‘missão impossível’ e a outra como algo ultrapassável, com maior ou menor dificuldade. No lado oposto e, acreditamos nós, é igualmente grave, qualquer jovem que obtenha bons resultados na disciplina dos números, deve seguir esse caminho, desvalorizando a possibilidade de ser ainda melhor na das letras. Simplificando, perante jovens que mostrem grandes capacidades, é facilmente recomendado que sigam o caminho das Ciências, apontando o outro como uma escolha onde irá desperdiçar todo o seu potencial.

Perante esta mentalidade que vai vingando nos nossos tempos, é urgente tomar uma atitude que implemente o equilíbrio; partilham essa opinião Bianchetti e Jantsch (1995), Busquets (1993/1997) ou Morin (2000), entre outros. Desta feita, mais que falar, é importante demonstrar que todas as disciplinas são fundamentais para qualquer cidadão, existindo uma fase em que, tendo em consideração a ambição profissional que cada um de nós tenha, naturalmente, teremos de investir mais numas que noutras. Nesse sentido, é crucial deixar

claro que não existem as opções principais e as alternativas pois, seja qual for a opção de um indivíduo, será apenas isso, uma escolha que apenas estará relacionada com os seus gostos e vocação e nunca com uma desvalorização de outras possibilidades. Tendo isto em conta, o primeiro passo será sempre dar a entender que todos somos diferentes. Logo, de uma forma natural, temos objetivos distintos que nos levam a dar um rumo à nossa vida, o que não quer dizer que o do próximo é melhor ou pior. Para além disso, entre os vários fatores que são tidos em conta para a obtenção de um futuro risonho, o principal deverá ser sempre o Homem já que, seja qual for o caminho, se alguém não apresentar capacidades para exercer determinada profissão, de pouco valerá a decisão que outrora tomou. Assim, mais que profetizar, é importante dar a possibilidade a um jovem de construir o seu próprio futuro, respeitando as suas ambições e todas as hipóteses existentes. Para que esse cenário seja uma realidade, os professores têm a responsabilidade de aconselhar os jovens, não para as áreas às quais as suas disciplinas estão intimamente ligadas, mas sim para as que agradam aos alunos, sendo que nunca devemos ignorar a importância que os psicólogos têm na deteção vocacional apesar de, sejamos justos, o docente ter maior influência tendo em conta o tempo que passa com eles.

No que à disciplina de Português diz respeito, é importante reter que, tratando-se da nossa língua materna, assume um papel de destaque em toda a oferta formativa existente em Portugal logo, parece-nos evidente, nunca poderá ser colocada num segundo plano, seja em que momento do currículo for, sendo-lhe atribuída uma fatia importante da carga horária. Assim, fazendo uma análise mais pormenorizada, podemos constatar que, no 3º ciclo do Ensino Básico, conforme surge no Anexo III do Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de Julho (Diário da República, 2012a), Português é uma disciplina que, nos três anos, tem uma carga horária semanal mínima de 200 minutos, somente equiparável à Matemática que apresenta o mesmo tempo. Para as restantes áreas disciplinares temos, por exemplo, a mesma carga para Ciências Sociais e Humanas sendo que, nesse caso, o tempo terá de ser dividido entre história e geografia. Outro facto de extrema importância e que justifica esta distribuição de tempo será o facto de os alunos, no final deste ciclo de estudos, terem de realizar um exame nacional às disciplinas que, anteriormente, referimos que detinham uma carga horária superior às demais.

No que concerne ao Ensino Secundário, é fundamental que, numa primeira fase, tenhamos em conta a vasta oferta formativa que existe em Portugal e, conhecendo-a, analisaremos a importância que é atribuída à nossa disciplina. Assim, começando pelos cursos científico-humanísticos, segundo surge no Anexo I da Portaria n.º 243/2012 de 10 de Agosto (Diário da República, 2012b), a disciplina insere-se na componente de formação geral do curso de Ciências e Tecnologias com uma carga horária semanal mínima de 180 minutos nos primeiros dois, sendo que apenas é superada por Matemática A e, naturalmente, pelas bienais que, no final desse período, serão alvo de exame nacional. No último ano, que coincide com a realização de exame nacional à disciplina, Português tem um aumento de carga horária, passando a um mínimo de 200 minutos semanais, apenas superados pelos 270 de Matemática

A. Assim, analisando estes dados, entendemos facilmente que, apesar de muitos atribuírem menos importância a Português, isto comparando com outras como biologia e geologia, Português é a segunda disciplina que merece maior carga horária no final do curso de Ciências e Tecnologias, apenas ultrapassada por Matemática A, disciplina trienal que terminará com um exame nacional.

Relativamente ao curso de Ciências Socioeconómicas, conforme pudemos apurar no Anexo III da Portaria n.º 243/2012 de 10 de Agosto (Diário da República, 2012b), o cenário é muito semelhante ao curso científico-humanístico anterior pois, mais uma vez, Português é a segunda disciplina com maior carga horária mínima no fim dos três anos, apenas superada por Matemática A. Tendo isto em conta, voltamos a constatar que, apesar de existir uma disciplina que assume maior destaque pelo tempo que lhe é dedicada, a nossa volta a ter grande relevância no horário semanal dos alunos com um mínimo de 180 minutos semanais nos primeiros dois anos e com 200 no último, existindo um exame nacional no fim do curso. Ainda assim, nos primeiros dois anos, as disciplinas bienais acabam por ocupar mais tempo nos horários dos alunos, sendo que estas também terão, no final do 11º ano, um exame de carácter nacional.

No que diz respeito a Línguas e Humanidades, tendo como base o Anexo V da Portaria n.º 243/2012 de 10 de Agosto (Diário da República, 2012b), a lógica é muito semelhante, existindo apenas uma alteração de variáveis, isto é, a disciplina com maior carga horária semanal mínima é história A e, como acontece nos cursos já analisados, Português é a segunda maior responsável pelo tempo ocupado nos horários semanais, isto contabilizando os três anos. Seguindo o raciocínio, Português tem 180 minutos como mínimo semanal nos primeiros dois anos e, no último, 200. Como aconteceu nos outros, até ao 11º ano, foi superada por disciplinas bienais sendo que, no total dos três anos, a nossa disciplina supera a carga horária dessas que, tal como a nossa, têm exame nacional associado, ainda que em anos diferentes.

No curso científico-humanístico que ainda não referimos, ou seja, Artes Visuais, podemos afirmar que, segundo o Anexo VII da Portaria n.º 243/2012 de 10 de Agosto (Diário da República, 2012b), voltamos a ter Português como a segunda disciplina com maior carga horária semanal mínima, apenas superada por desenho A. Assim, tal como nos que já referimos, Português tem 180 minutos de carga horária semanal mínima nos primeiros dois anos, menos que as bienais e, no último ano, coincidente com exame nacional, existe uma subida desse tempo, chegando aos 200 minutos semanais.

Como o Ensino Secundário não se resume aos cursos já referidos, damos igual importância aos restantes como é o caso dos científico-tecnológicos, também conhecidos como cursos que possuem Planos Próprios. Neste caso, a organização das componentes de formação é ligeiramente diferente já que, para além da geral e da específica, existe também a tecnológica. Ainda assim, tendo em conta que a geral é igual à dos científico-humanísticos, Português volta a assumir um papel importante já que, mais uma vez, não se abdica da mesma para a formação do aluno.

Nos cursos artísticos especializados, baseando-nos no Anexo V do Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de Julho (Diário da República, 2012a), a organização das componentes de formação volta a apresentar diferenças comparativamente com as que já conhecíamos. Ainda assim, a componente de formação geral é igual à que já abordámos, ou seja, Português é uma das disciplinas lecionadas e, inclusive, com a mesma carga horária de 180 minutos nos primeiros dois anos e, no último, de 200. Ainda assim e a título de curiosidade, as restantes componentes de formação são a científica e a técnica artística, isto é, não existe a específica.

Nos cursos profissionais, tendo em conta o que nos apresenta o Anexo VI do Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de Julho (Diário da República, 2012a), existem três componentes de formação: a sociocultural, a científica e a técnica. Integrada na primeira, a disciplina de Português é responsável por 320 horas do ciclo de formação, o que quer dizer que é, inequivocamente, a que ocupará mais tempo nos horários dos alunos, comparativamente com as restantes que constituem a mesma componente. Para além disso, tendo em conta os moldes destes cursos, existe um programa que foi criado única e exclusivamente para os alunos que os frequentam.

O Ensino Secundário na Modalidade de Ensino Recorrente é, como se sabe, uma oportunidade para os adultos, em horário noturno, estudarem e conseguirem a sua certificação que será semelhante à que se obtém em regime diurno. Apesar disso, analisando a Portaria n.º 242/2012 de 10 de Agosto (Diário da República, 2012c), a sua organização é autónoma o que nos obriga a ter em conta as suas diferenças relativamente aos cursos entretanto já referidos. Antes de as abordarmos, é fundamental entender que os alunos têm a possibilidade de optar por um dos quatro cursos científico-humanísticos já referidos, tendo eles também as componentes de formação geral e específica que, evidentemente, serão alvo de uma carga horária semanal ligeiramente distinta dado que os cursos se realizam em regime noturno. Assim, começando pela organização dos mesmos, sabemos que Português é das disciplinas que apresenta menor carga horária nos primeiros dois anos de todos os cursos, superada pelas que terão exame no final do 11.º ano e, como já acontecia, pela que terá exame no final dos três anos. Ainda assim, convém dizer, a carga horária semanal mínima é de 135 minutos, ou seja, três blocos de 45 minutos, duração de cada aula a qualquer disciplina. Em contrapartida, no último ano do curso que também poderá ser de exame para aqueles que o pretendam realizar, a carga horária semanal mínima é de 270 minutos, isto é, supera a que existe em regime diurno, para além de igualar a outra que também está associada a exame que permitirá prosseguir estudos.

Apesar das várias diferenças entre todos os cursos existentes em Portugal e tendo em conta os dados referidos até então, julgamos que é inequívoca a importância da nossa disciplina na formação de qualquer aluno que estude em Portugal. Com uma presença forte no horário de todos os cursos, notamos que há um claro objetivo de valorizar a disciplina, inviabilizando assim todas as opiniões que colocam Português num segundo plano. Como dissemos anteriormente, não existem disciplinas mais importantes mas sim algumas que,

como consequência da ambição profissional de cada um, merecem mais atenção. Nesse sentido, seja qual for a área escolhida, Português terá de ser sempre alvo de grande estudo já que todos terão de frequentar aulas da mesma. Assim, rejeitando valorizar a nossa em detrimento de outras, não poderíamos deixar de rejeitar veementemente a ideia de que Matemática tem relevância, sendo preferível deixar como observação que para os alunos que tenham Matemática, esta será fundamental, tal como Português o é para quem a tem, ou seja, todos.

1.1 Os programas de Português centrados nos alunos vs Os alunos centrados nos programas de Português

Com Português a ser uma disciplina que integra toda a oferta formativa em Portugal, torna-se extremamente complexa a tarefa de preparar um programa que agrade e responda às necessidades de cada um. Perante esta problemática, surge a dúvida que se baseia na possibilidade de serem os alunos a estudar algo que, não deixando de ser importante, talvez não lhes seja tão útil como outros conteúdos o poderiam ser. Nesse sentido, é fundamental estarmos conscientes da importância que os programas poderão ter, não só no futuro do aluno, mas também no presente. Para além disso, nunca poderemos deixar de parte a função de um programa porque, entre a necessidade de munir o aluno de conhecimentos e a indissociável imprescindibilidade de os motivar, está a utilidade desses conteúdos pois, embora esta questão pareça óbvia, nem sempre o que se ensina terá utilidade, apesar de o conhecimento ser, em qualquer ocasião, importante e nunca ocupar lugar.

Para encontrar o equilíbrio, é crucial combater o conservadorismo que, por vezes, existe no ensino em Portugal e que, conseqüentemente, se reflete nos programas. Se refletirmos um pouco, facilmente chegamos à conclusão de que as gerações que hoje se encontram nas escolas ‘exigem’ outros cuidados, outras respostas e, naturalmente, outra preparação para um mundo que vai sofrendo alterações a uma velocidade cada vez mais estonteante. Perante estas mutações, existe uma clara obrigação de repensar tudo o que levamos para as aulas e, tão ou mais importante, como o fazemos. Com isto, não pretendemos desvalorizar os programas que se encontram em vigor mas sim, por outro lado, destacar o que está bem e, por justiça, sublinhar o que não nos parece ser o mais indicado. Como já referimos, vivendo nós num mundo diferente, os jovens que nele vivem também terão outras características, exigindo de nós uma constante atualização.

Hoje em dia, um aparelho tecnológico é facilmente superado por outro num curto espaço de tempo e, no caso dos docentes, acontece algo de muito semelhante, isto é, se não acompanharmos a evolução que se verifica no planeta, dificilmente executaremos a nossa profissão da melhor forma possível (veja-se Duarte, 2006). Aprofundando mais esta questão, talvez seja ela uma das principais dificuldades da maioria do corpo docente atual pois, estabelecendo uma comparação entre a realidade atual e a que encontraram no início da sua

carreira, poucas semelhanças existirão. Na verdade, todos estamos sujeitos a essas vicissitudes mas também depende de nós controlá-las. No entanto, queremos deixar bem claro que os programas são tão importantes como um professor adaptado ao contexto (Martins, 2007). Ora vejamos, se um docente estiver devidamente atualizado mas preso a um programa antiquado, dificilmente poderá promover uma aula com conteúdos úteis para o presente e futuro dos alunos. No entanto e evitando quaisquer injustiças, o inverso seria também problemático embora, nesse caso, não nos pareça tão grave já que o próprio programa, para além de tratar assuntos atuais, obrigaria o professor a estudar outros cenários sob pena de não conseguir exercer a sua função de maneira adequada perante alunos que, inevitavelmente, lhe colocariam questões.

Tendo em consideração a importância que os alunos têm em contexto de aula, jamais poderão ser esquecidos na formulação de um programa. No que lhes diz respeito e apesar de, muitas vezes, serem acusados de desinteresse e, inclusive, de não valorizarem aquilo a que têm direito, encaminhado as críticas para comparações com outras realidades, a verdade é que nunca poderemos abordar estas situações de uma forma tão distante, como se não tivéssemos nenhuma responsabilidade para que essa seja a realidade. Evidentemente, nenhum professor terá o dom de transformar o desinteressado no empenhado mas, confiamos, os conteúdos trabalhados poderão fazer parte de uma fórmula mágica que aumente a curiosidade e a vontade de aprender. Nesse sentido, um programa adequado à realidade em que eles vivem, não temos dúvidas, seria um grande estímulo para o crescimento do interesse no que é trabalhado em contexto de sala de aula.

O Ministério da Educação e Ciência (Governo de Portugal) publica no seu *site* (<http://www.dge.mec.pt/programas-e-metas-curriculares>) os programas do Ensino Básico (1º a 9º anos; *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*) que foram aprovados e homologados no Despacho nº 10874/2010 de 10 de agosto (Diário da República, 2012d), e no Despacho nº 15971/2012 de 14 de dezembro afirma-se que são de aplicação obrigatória a partir de 2013/2014 (Diário da República, 2015); nesse Despacho diz-se que: “As metas curriculares identificam a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos em cada disciplina (...), realçando o que dos programas deve ser objecto primordial de ensino”.

Apresentam cinco domínios: oralidade, leitura, escrita, educação literária e gramática.

Os programas do Ensino Secundário (10º, 11º e 12º anos; *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Secundário*) foram aprovados e homologados no Despacho nº 5306/2012 de 18 de abril (Diário da República, 2012e) cuja entrada em vigor foi no ano letivo 2015/2016. Apresentam os mesmos domínios.

No caso do primeiro ano do 3º ciclo, abordamos a oralidade que, na nossa opinião, baseada na nossa experiência como alunos e posteriormente como professores estagiários, é pouco trabalhada tendo em conta a sua importância. Visto que a oralidade é, sem margem para dúvidas, o domínio mais utilizado por todos nós, é crucial que se promova, com mais frequência, a interação discursiva. Na verdade, este é um ponto que se encontra nos

programas mas que, na maioria dos casos, é desvalorizado pois, no momento da avaliação, tem pouca relevância. Ainda assim, conscientes de que vivemos numa sociedade altamente resultadista é, para nós, absolutamente fundamental dedicar mais tempo a este domínio já que, por muito que a leitura e a escrita deem um grande contributo, nunca devemos misturá-los. A título de exemplo, será através desta área que se poderá evitar o grande desequilíbrio que, muitas vezes, se verifica em alguns alunos quando têm um domínio da escrita de bom nível e uma oralidade bem mais fraca (veja-se Iturra, 1989; Ramos, 1989), resultado de algum nervosismo provocado pelo facto de a frequência com que exercitam esta competência ser reduzida. No caso da leitura, a realidade é distinta já que é um dos domínios mais trabalhados. Neste caso, estamos totalmente de acordo pois, para além de permitir a cada aluno o contacto com artigos de opinião que lhes permitem criar outros pontos de vista, é também uma excelente forma de desenvolverem a sua escrita através da aquisição de novo vocabulário e, naturalmente, potenciando o seu próprio estilo de escrita que será sempre baseado nos autores que acabam por ler. Para além disso, a presença do texto biográfico neste ano é de destacar já que, acreditamos, é uma das melhores formas de um jovem conseguir ir para além da realidade que conhece, contactando com algumas vicissitudes que desconheciam ou até mesmo repensando a forma como olham para a sua própria vida. Para chegarem a esse patamar, é imperativo desenvolverem as suas capacidades de interpretação, o que lhes será fundamental, não só como alunos de Português, mas como cidadãos em qualquer tipo de área. No seguimento daquilo que vimos dizendo, a escrita será um dos domínios onde será revelado o nível dos alunos, quer em questões de pensamento, quer na forma como apresenta as suas ideias. Nesta situação, trabalhar textos de características argumentativas parece-nos uma forma muito positiva de, mais que ler ou ouvir, tentar explicar o seu raciocínio. Relativamente à educação literária, tal como o próprio nome o indica, é uma excelente forma de colocar os alunos com textos pertencentes ao Plano Nacional de Leitura (PNL), ou seja, terão a oportunidade de ler e, em alguns casos, reler alguns autores importantes, inclusive estrangeiros¹. Na gramática, vivemos uma fase em que a mesma é encarada como a parte mais complexa da disciplina mas, na nossa opinião, é crucial trabalhá-la para que, mais que conjugar um verbo de forma correta, se entenda porque é assim e não de outra maneira. Assim, entendemos que esta é uma fase basilar para consolidar conteúdos adquiridos até então, consciencializá-los sobre outras realidades e, naturalmente, aumentar a exigência (Camps, 2009).

No 8º ano, os programas veem na oralidade uma oportunidade para seguir aquilo que vinha sendo feito no ano anterior e, para além disso, optam por treinar aquilo que é a seleção de informação mais e menos relevante que permitirá sintetizar e, naturalmente, destacar as ideias principais. Algo que nos agrada bastante é também a questão da “Variação da língua”, ou seja, é feita uma consciencialização para outras características da língua que se alteram segundo o contexto geográfico. Assim, neste caso em concreto, mais que falar do plano

¹ Há imensa literatura ao respeito da leitura na sala de aula; destacamos Dinorah (1987) e Marques (2007), obras que tratam a organização e a gestão da sala de aula para a leitura e a escrita.

fonológico que a maioria já conhece, o mais importante será sempre a questão lexical, sendo de extrema importância alertar para a questão de existirem objetos que, num local têm um nome e, noutro, têm outro (sirva APL, 1994 para exemplificar os conteúdos que se tratam, e a obra essencial de Mira Mateus e Cardeira, 2007). Mais que isso, avisar os alunos para que uma palavra pode ter vários significados, sendo que os mesmos variam consoante o local. No que concerne à leitura, é valorizada a reportagem, algo que tem todo o sentido visto que, para grande parte dos alunos, será algo com que terão contacto frequentemente. Contudo, é importante referir que, na nossa opinião, talvez seja um pouco prematuro trabalhá-la, ainda que tudo esteja dependente da forma como o professor o faça que, preferencialmente, terá de ser adaptado a alunos com aqueles níveis. Na escrita, simplificando, acaba por ser uma forma de colocar em prática todos os conhecimentos que vão sendo adquiridos na leitura, havendo uma exigência maior para a organização de ideias que vê na planificação um elo extremamente importante. Relativamente à educação literária e sob pena de nos tornarmos redundantes, apenas afirmamos que há uma aposta clara em colocar os alunos em contacto com obras e autores importantes, desde o 7º ao 12º ano e, neste que estamos a abordar, dá-se mais um passo nessa evolução. Na gramática, é possível constatar que os conteúdos trabalhados são fundamentais para a evolução do aluno, tanto na sua oralidade como na escrita, permitindo-lhe entender em que situações deve utilizar determinado vocábulo, aumentando também o seu léxico, o que melhorará significativamente a coerência e coesão do seu discurso (Fonseca, 2000).

Chegando ao último ano do 3º ciclo do Ensino Básico, todo o programa se centra essencialmente na consolidação de tudo o que vem sendo trabalhado ao longo dos últimos anos, sendo também uma excelente forma de preparar os alunos para o prosseguimento dos estudos, já que a escolaridade obrigatória em Portugal vai até ao 12º ano. Assim, com poucos conteúdos que sejam trabalhados pela primeira vez, destacamos a educação literária que, mais uma vez, introduz autores importantes da literatura, não só portuguesa, mas também mundial, havendo, em determinados momentos, uma certa liberdade para o professor escolher as obras que achar mais adequadas para as turmas em que leciona algo que, aliás, já vinha acontecendo. No que a isso diz respeito, consideramos que a atribuição de uma autonomia ainda maior aos professores seria benéfica, sendo uma ótima oportunidade para adaptar aos grupos de alunos as obras que fossem mais oportunas já que, acreditamos, elas são também uma ferramenta essencial para o desenvolvimento pessoal e social dos mesmos, algo que, muitas vezes, é ignorado, tratando todos os que frequentam determinado ano de forma igual, o que nem sempre é positivo visto que o contexto em que vivem varia.

Tendo em conta que consideramos o Ensino Básico um momento totalmente diferente do Secundário, aprez-nos dizer sobre o 3º ciclo que os programas têm em atenção diversos conteúdos extremamente importantes para a formação do aluno, não só no âmbito das Ciências, mas também das *Humanitas*. Nessa mesma linha, é bom dizer que a disciplina de Português tem uma função importantíssima na educação do aluno, sendo absolutamente fundamental que o professor vá para além da exposição de conteúdos, isto é, deve

demonstrar qual é a sua importância e, quando for possível, remeter para situações que sejam mais familiares para os alunos, demonstrando que, mais que importantes, são úteis e aplicáveis à realidade dos mesmos. Ainda assim, também é oportuno referir que, apesar de úteis, alguns conteúdos poderão ser ligeiramente inapropriados para a idade daqueles que os vão tentar adquirir. Explicando melhor esta posição, convém ter em consideração que, à medida que os anos vão passando, os jovens vão mostrando que estão melhor informados relativamente a diversas áreas, consequência do desenvolvimento tecnológico a que vamos assistindo, o que não quer dizer que aquilo que sabem seja totalmente verdadeiro (uso e abuso da Wikipédia, por exemplo). Por outro lado, a facilidade com que lhes chegam alguns dados poderá tornar-se num fator negativo no desenvolvimento deles visto que, vivendo uma época em que tudo lhes surge de ‘bandeja’, a capacidade para desenvolver a sua própria forma de pensar vai sendo reduzida. Perante este cenário, alertamos para a importância de adaptar os programas a estas contingências pois, se outrora falar de terrorismo era quase que uma novidade para eles, hoje são bombardeados com informações relativas a esta temática, tornando-se imperativo preparar os alunos para construir a sua própria opinião, recusando ser apenas um reprodutor daquilo que ouve. Nesse sentido, acreditamos que esta fase do ensino deve centrar-se, principalmente, na preparação dos alunos para os perigos que hoje existem, tais como a abundância de informação. Assim, mais que destacar ideias num texto, devemos consciencializar para a qualidade dos mesmos, sendo isso possível através da apresentação de vários que tratem o mesmo assunto.

Tratando agora o Ensino Secundário, devemos ter em conta que é um momento totalmente diferente na evolução dos alunos, apresentando também grande preponderância para o futuro daqueles que o iniciam já que, caso desejem prosseguir estudos para lá da escolaridade obrigatória, a decisão de escolher um curso/área poderá ser determinante. Para além disso, enquanto que no Básico os adolescentes trabalham todos para o mesmo objetivo, neste têm focos diferentes baseados na área em que estudam o que, na nossa opinião, devia ser tido em consideração. Assim, apesar de a disciplina ser comum a todos, somos da opinião que devia existir uma especialização já que, evidentemente, um aluno que estude em Línguas e Humanidades terá interesses e necessidades distintas dos que estão em Ciências e Tecnologias. Com isto, queremos deixar claro que nada terá a ver com maior ou menor exigência à disciplina mas sim, tentar direcionar, cada vez mais, a disciplina para os diferentes tipos de aluno e não ter apenas um formato que, acreditamos, generaliza em demasia aquilo que a disciplina de Português significa e poderá significar para a vida de um indivíduo.

Analisando aquilo que existe, sendo importante realçar que, numa primeira fase, apenas abordaremos os programas dos cursos científico-humanísticos, nomeadamente o documento intitulado *Programa e Metas Curriculares de Português* acreditamos que o trabalho desenvolvido na oralidade e, sendo mais específicos, na compreensão são verdadeiramente importantes pois é trabalhada para as reportagens e anúncios publicitários. Como sabemos, vivemos num mundo que os usa de forma incansável para informar, divulgar e

promover. Perante isso, é bastante útil levar os alunos a aprimorar as suas capacidades tendo em vista uma preparação para a realidade em que vivem, capacitando-os para ir mais além do que chega até eles. Nessa linha, Vygotsky (1978) afirma que o desenvolvimento intelectual do indivíduo não pode ser independente do meio social em que está inserido. Para além disso, o facto de apresentar aos alunos algo que lhes é próximo permitir-lhes-á desenvolver o seu espírito crítico, resultado do interesse que lhes surge ao tratar materiais que conhecem, sendo isto um ponto importante da expressão oral. Na leitura, volta a existir um claro objetivo de ‘provocar’ os alunos, sendo notório o intuito de, mais que observar e ler o que têm diante de si, devem formar uma opinião que os levará a ter uma atitude ativa na sociedade. Relativamente à escrita, não sendo nosso objetivo ser repetitivos, voltamos a notar uma vontade de fazer os alunos opinar, desta feita através de outro meio que não seja a via oral. No que diz respeito à educação literária, talvez estejamos perante algo que está realmente vincado no ensino em Portugal e que, parece-nos, será difícil ultrapassar que é, efetivamente, um receio de retirar dos programas alguns textos, justificando-se essa posição com a beleza dos próprios. Contra essas concepções, apenas poderemos concordar na questão da beleza que os materiais têm mas, por outro lado, mostrar total desacordo por ser esse o maior argumento para que assim seja. Como sabemos, a poesia trovadoresca é importante na história da literatura portuguesa e não só mas, também é inegável que a sua utilidade é reduzida para cada aluno, pelo menos no momento em que são trabalhadas. Nesse sentido, uma das nossas sugestões passa por substituir estes belos textos por algo mais útil para o desenvolvimento dos estudantes a nível pessoal e social. Já na gramática, parece-nos, sinceramente, um elo fundamental para que os alunos entendam a língua e a utilizem cada vez melhor pois, com o estudo da génese, variação e mudança da nossa língua, poderão inclusive aumentar o léxico, visto que acabam por ganhar noções de etimologia (Lourenço, 2008).

No ano seguinte, volta a ser trabalhado algo de muito prático na compreensão oral como é, efetivamente, o discurso político. Mais uma vez dando relevância à utilidade dos conteúdos na rotina diária de um indivíduo, sabemos que o discurso de toda a classe em questão é fundamental para nós, não só em ano de eleições, como sempre que os mesmos intervêm. Nesse sentido, torna-se importantíssimo a população do nosso país conseguir interpretar bem todas as mensagens que são passadas, sendo isso uma excelente forma de se manterem informados sobre a realidade em que vivem. Outro ponto que é trabalhado e nos parece imperativo fazê-lo é o debate. Conscientes de que as pessoas são, por vezes, demasiado arrogantes, recusando-se a ouvir a opinião dos demais, é importante educar os estudantes no sentido de os levar a entender que devem viver convictos daquilo que pensam mas nunca devem recusar ouvir a opinião do próximo já que, mesmo estando errada, poderá sempre adicionar algo de importante pois, como já vimos, todos temos capacidades para dar o nosso contributo sendo que, para isso, o facto de vivermos já o é. Apesar disso, visto que somos seres humanos que têm uma margem de progressão elevadíssima, sempre de acordo com a própria ambição, devemos colocar sempre um ponto de interrogação às nossas

opiniões, não por uma questão de insegurança, mas sim para consolidar aquilo que sabemos, tornando, ou não, as nossas teorias cada vez mais fortes e, naturalmente, enriquecendo os debates, sendo esta uma aposta na expressão oral do 11º ano. Nesta tentativa de fazer de cada pessoa um sujeito instruído, a leitura acaba por promover o estudo de apreciações críticas de uma peça de teatro, de um filme, o que levará o aluno a aprender algo que, com certeza, lhe será útil já que todos estejamos constantemente em contacto com manifestações culturais. Na escrita, acaba também por ser um palco para os alunos fazerem brilhar a sua própria opinião, tendo como base todos os textos que vão estudando. Tratando a educação literária, consideramos que autores como Cesário Verde, Eça de Queirós entre outros são os mais indicados para, com textos que remetem para outras épocas mas que se tornam intemporais, ‘abrirem’ mentalidades e questionar situações de vida que, provavelmente, nunca o fariam sem abordarem algumas questões da maneira como estes autores o fazem no que é analisado. Relativamente à gramática, é um suporte basilar para a construção daquilo que vimos falando, isto é, a oferta de condições para que os alunos se tornem cidadãos ativos, com opinião e que a saibam expor da forma mais correta, sempre conscientes de qual é a sua importância na sociedade, conforme afirma Jean Piaget, “o segundo objetivo da educação é formar mentes críticas, com capacidade de verificação, que não aceitem sem porquê tudo o que lhes surge” (1970: 53)².

No último ano do Ensino Secundário que convém referir, pode ser o último do percurso académico de um aluno, funcionará como uma forma de consolidar tudo o que foi trabalhado até então, reforçando sempre visto que o treino será sempre a melhor forma de fazer evoluir qualquer capacidade que tenhamos. Assim, em todos os domínios que constituem os programas, há uma clara aposta na promoção do estudo do debate, de exposição de opinião e no próprio diálogo argumentativo, algo que melhorará significativamente com a leitura de obras de autores como Fernando Pessoa ou José Saramago. Como é mais que sabido, a ciência é o alimento para a nossa faminta curiosidade e só ela nos permitirá evoluir como seres humanos. Assim, caso não nos instruamos, jamais vislumbraremos uma evolução. Algo que o confirma é um dos pilares da educação segundo Jacques Delors (1999: 74):

Aprender a conhecer - Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

² O primeiro é: “O principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, e não de simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram - homens que sejam criadores, inventores”.

1.2 Aprender vs memorizar

De uma forma muito simples, apelando pouco à reflexão, a aprendizagem estará distante da memorização. Algo que o confirma é o frequente debate em saber qual é o melhor método para obter bons resultados: aquele que aposta em tentar entender ou, por outro lado, o que memoriza com o intuito de poder responder de forma correta aos posteriores momentos de avaliação. Assim, vista esta temática desta forma, tudo parece simples e, arriscaríamos afirmar que, inequivocamente, a opção mais acertada seria a de tentar entender o que nos foi transmitido. Mas, perante esta posição, a oposição seria vasta pois surgiriam imediatamente os argumentos baseados no resultado. Simplificando, a grande maioria preferiria sempre ter uma boa classificação numa prova, deixando para segundo plano perceber aquilo que lhes foi exposto.

Na verdade, convém que exista a noção de que a sociedade em que vivemos é consequência das nossas atitudes e, se queremos uma população interessada no saber e só depois nos resultados, devemos promover atitudes que demonstrem o que é mais importante, eliminando essas teorias resultadistas. Para que isso aconteça, um docente assume um papel absolutamente primordial na criação de uma nova mentalidade que faça as gerações de hoje e de amanhã acreditar que, na realidade, o saber valerá sempre a pena, mais que um resultado. Mas, afinal, como se medem os conhecimentos de um indivíduo? Não será mais fácil olhar para os números e, em pouco tempo, escolher o sujeito que tem associado o mais alto? Não negamos que, desta maneira, as dificuldades são menores mas, respondemos com outra questão: quantas pessoas terão perdido oportunidades por terem uma nota mais baixa? Voltando a supor uma resposta, ela não andaria longe do argumento de que deveria ter estudado mais. Para esta ideia, talvez exista um argumento algo polémico mas que, todos sabemos, é real: nem todos os estabelecimentos de ensino têm o mesmo nível de exigência, tal como nem todos reagimos da mesma forma a momentos de pressão como são os de avaliação. Perante estas questões, entendemos que se trata de uma discussão subjetiva mas, afinal, os resultados não o serão também?

Ser professor exige, indiscutivelmente, uma posição diferente na sociedade, Com isto, evitando interpretações erróneas, o nosso trabalho no campo pede que tenhamos mais cuidado com as atitudes que tomamos sendo, uma delas, a de promover em demasia a concentração nos momentos de avaliação, desvalorizando automaticamente o que se vai fazendo diariamente nas aulas. Indo mais longe, tendo nós noção do quão polémica esta afirmação poderá ser, tudo o que é feito para além dos chamados “dias decisivos” é verdadeiramente mais importante pois, é com base nisso que aprendemos e nos tornamos seres instruídos. De facto, tendo em conta a mentalidade que vinga atualmente, são os resultados que permitem ingressar no curso desejado, que ‘abrem portas’ para empregos de sonho mas, afinal, como se poderá exercer bem uma função se, ‘pesando os pratos da balança’, há mais classificações altas que conhecimentos? Também é verdade que nem sempre é assim e existem casos em que há equilíbrio mas, infelizmente, esses são raros.

Assim, defendemos que devemos levar os alunos a valorizar as matérias pela utilidade que elas têm para a vida deles, pelo quão bom é dominar vários assuntos e conhecer, cada vez mais, o mundo que os rodeia (Bianchetti, 1995; já referido). Quiçá seja uma visão romântica do ensino e do próprio mundo mas, só apresentando estas perspectivas, é possível que um dia se tornem reais. Nesse sentido, a ideia a destacar é a de inverter a ordem de prioridades, isto é, primeiro obter o máximo de conhecimentos possível e, como consequência natural, conseguir ter bons resultados.

Neste contexto, a disciplina de Português, sendo, como já vimos, comum a todos, acaba por ser determinante para que se alterem mentalidades. Para isso, momentos como os do exame nacional terão de deixar de ser o ‘ponto alto’ de um ano letivo ou, pior ainda, de um ciclo de estudos. Como é evidente, terão a sua importância mas, acreditamos, deve existir um trabalho ao longo dos tempos, havendo com isso uma preparação normal, distante da obsessão que, por vezes, existe com essas provas. Seguindo esta ideologia, com os testes deveria acontecer exatamente o mesmo sendo que, para isso, deveria ser mais valorizado o trabalho diário dos alunos, deixando de existir um abuso de importância naquele dia em que os realizam (há muita produção escrita sobre o medo que provocam os testes; são particularmente famosos os escritos da Moçambique Editora, *Exames sem medo*, publicados desde 2001). Aliás, se pensarmos um pouco no assunto, para além de injusto, não faz sentido trabalhar vários meses e, diretamente, valorizar apenas um dia pois, mesmo que se defenda que esse resume o trabalho que tem sido feito, nunca será igual, sendo este um dos principais fatores para que se valorize o resultado já que, na realidade, o que contou foi fundamentalmente um dia.

Na nossa disciplina, acreditamos que o melhor passará sempre por trabalhar os conteúdos programáticos constantemente concentrados no ‘agora’, sendo essa a melhor forma de preparar o ‘amanhã’. Assim, pensamos na disciplina em questão como algo que vai muito para além de estar associada a exames, testes ou outros momentos de avaliação já que tem programados conteúdos da máxima importância que, como já dissemos, farão com que os alunos se desenvolvam, quer a nível pessoal, quer a nível social. Para que isso aconteça, os discentes terão de estar totalmente concentrados no que têm perante eles pela valia que a matéria em questão tem e não pelo que poderá sair no teste, o que lhes permitirá aumentar o interesse e, posteriormente, colocar em prática esses conteúdos. Desta feita, contrariando a nossa suposição inicial em que fizemos questão de afirmar que só aconteceria se a reflexão fosse reduzida, podemos aprender num dado momento determinada matéria, algo que se tornará conhecimento com a aplicação da mesma mas, note-se, só a recordaremos apelando à memória. Nesse sentido, queremos deixar clara a nossa posição de que é fundamental entender aquilo que nos é transmitido para que, no futuro, nos seja útil. Desta forma, é possível entender que os fenómenos aprendizagem e memorização estão interligados sendo que, quando funcionam de forma perfeita, temos como resultado aquilo que todos queremos: alunos que, mais que ouvir, entendem e utilizam essas informações para situações de vida. Assim, queremos deixar bem clara esta perspectiva positiva, tanto da aprendizagem como da

memorização. Evidentemente, não há ingenuidade e sabemos que, quando se fala da segunda, existe o hábito de a associar ao ato de ‘decorar’ que não implica sequer entender um pouco da informação em questão. Mas, quanto a isso, não temos dúvidas de que se trata de uma consequência natural do mundo em que vivemos. Pensemos de forma honesta: se, para ter sucesso, existe a obrigatoriedade de ter bons resultados, ignorando, na maioria das vezes, a capacidade de raciocínio, em que apostará a grande maioria? O futuro estará sempre ‘nas mãos’ dos intervenientes e, neste caso, não é exceção. Depende de todos nós a alteração de mentalidades e, se desejamos que se valorize o saber, é hora de avaliar os momentos em que ele é utilizado, isto é, todos os dias. Como sabemos, o ser humano é tão complexo e vive sujeito a tantas variáveis que, não tenhamos dúvidas, resumir a sua avaliação a meia dúzia de dias é, no mínimo, tremendamente artificial. Para valorizar a obtenção de conhecimento, é imperativo considerar importante cada instante e, para que a atenção esteja depositado nele, é obrigatório remover do contexto de aula a preocupação de se sai ou não no teste. Felizmente, o ser humano tem capacidades para desenvolver o seu espírito crítico e, para que ele seja potenciado, é fundamental entender todos os conteúdos que nos são transmitidos. Assim, se queremos que se vá para além da reprodução daquilo que vem escrito nos vários manuais, se queremos que se entenda para posterior aplicação a situações de vida, é obrigatório eliminar do léxico o verbo ‘decorar’. Em relação aos resultados, falando deles, que seja para abordar as consequências positivas de um modelo focado na constante avaliação que teria como benefício a valorização do saber, instrumento com a máxima importância que ‘abriria portas’ para as oportunidades desejadas. Tal como indica o segundo dos quatro pilares da Educação segundo Jacques Delors (1999: 76):

Aprender a fazer - Aprender a fazer, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipa. Mas também aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.

1.3 O papel das obras literárias no desenvolvimento pessoal e social do aluno

Como temos vindo a defender até agora, estudar implica ir para além da informação que chega até nós. Assim, se queremos fazer do ser humano do presente e do futuro alguém capaz de pensar de forma autónoma, é imperativo desenvolver um contexto que o permita. Nesse sentido, quando olhamos para um estabelecimento de ensino, devemos procurar corresponder a duas necessidades: o desenvolvimento pessoal e social do aluno, isto é, do

futuro da sociedade. Como é óbvio, falamos de uma temática que exige uma larga reflexão mas, não nos enganemos, ela terá de ser promovida com seriedade e objetividade com a maior brevidade possível (Silva, 2010). Como temos oportunidade de constatar em diversos momentos da nossa vida diária, há um claro desequilíbrio no que a estas duas necessidades diz respeito. Se, por um lado, vivemos num país onde as habilitações literárias de cada um são cada vez mais elevadas, também não deixa de ser verdade que a insensibilidade também aumentou. Perante isso, o debate que tem como objetivo culpabilizar alguém por esta realidade é, sinceramente, desnecessário pelo que, mais que fugir, devemos assumir a responsabilidade que temos em melhorar o futuro, começando pelo presente.

Remetendo para aquilo que já foi dito, não há disciplinas mais importantes já que, na realidade, todas são fundamentais para a formação do aluno. De facto, também referimos que todas são diferentes e que, num certo momento, assumem um papel de destaque pelas ambições profissionais que cada um tenha mas, convém dizer, há algo que as une: a responsabilidade por desenvolver os discentes, quer a nível pessoal, quer a nível social. Assim, numa primeira instância, revela-se absolutamente essencial que os professores sejam uma referência positiva para os alunos pois, não o sendo, jamais poderão ter autoridade moral perante eles para os advertir ou simplesmente ensinar algo. De seguida, algo que também é muito importante e que, de certa forma, já abordámos é o estabelecimento de ligações entre as matérias e o contexto em que vivem. Para além de tudo isso, é essencial conduzir os alunos até à informação, sendo isso completamente diferente de os condicionar. Por outras palavras, é plausível que, à medida que transmitimos informações, alertemos para os perigos existentes, mais quando falamos com pessoas que são, maioritariamente, inexperientes e imaturas sendo que, preferencialmente, devemos fazê-lo com a máxima isenção possível, dando assim possibilidade a quem nos escuta de criar a sua própria perspetiva. Para que ela seja criada, é crucial que se reflita e, naturalmente, se procurem vários pontos de vista. Na verdade, só há evolução quando existe reflexão mas, para que ela seja proveitosa, é importante que o indivíduo alcance a maturidade moral, fator que consideramos decisivo para o sucesso, não só pessoal, mas social.

Evidentemente, qualquer profissão deve ser valorizada pelo contributo que dá à sociedade pois ninguém pode questionar a importância do professor, do médico, do advogado, do carteiro ou do jardineiro. Contudo, ao contrário do que muitas vezes parece, ser professor não é apenas ensinar (no nosso caso, como se pergunta Carlos Ceia, *O que é ser professor de literatura?* [2002] questão extrapolável a ser professor de língua), tal como ser médico não se resume a tratar visto que, para além dessa função que está associada, existe um conjunto de variáveis que devem ser tidas em conta. No que concerne à nossa, devemos ter em conta que trabalhamos com seres humanos e, perante essa realidade, não podemos desvalorizar as suas características, os problemas que possam ter, a realidade em que vivem ou, simplesmente, o estado anímico em que se encontram em determinado dia. Nesse sentido, para enfrentar todas estas condicionantes da forma correta, é necessário que exista sensibilidade. Assim, perante este facto, é inegável que, para se ser um bom profissional, não basta dominar os

conteúdos científicos, sendo clara a exigência do fator humano. Ao falar dele, entendemos facilmente que se trata de algo transversal a toda a nossa vida, isto é, tudo começa no momento mais comum e vai, efetivamente, até ao mais decisivo. Assim, queremos afirmar de forma inequívoca que, quando formamos um indivíduo, fazemo-lo para qualquer circunstância, não apenas para a do emprego.

Na nossa disciplina, apesar de defendermos que deve ser adaptada às diferentes áreas em que é lecionada, também foi referido que há algo que une Português a todas as outras, ou seja, a obrigatoriedade de formar os alunos a nível pessoal e social. No que a estas questões diz respeito, convém salientar que não existem exigências diferentes pois, como também já foi dito, ninguém é superior ou inferior pela área em que estuda, o que leva a que todos tenham os mesmos direitos e deveres perante a sociedade. Assim, visto que não temos o poder de interferir em todas mas existe a possibilidade de o fazer a Português, devemos aproveitar todas as possibilidades para fazer dos nossos alunos, não só pessoas com muitos conhecimentos, mas também excelentes seres humanos. Nesse processo, algo que poderá dar um enorme contributo serão as obras literárias, escritas por autores excepcionalmente importantes em todo o mundo, sendo este um exemplo onde se colocará os alunos em contacto com conteúdos importantes, não desprezando o carácter reflexivo a que estão associadas. Como já vimos, os programas, quer do Ensino Básico, quer do Ensino Secundário, são constituídos por várias obras importantes, naturalmente escritas por autores que os alunos, como cidadãos do mundo, devem conhecer. Entre elas, temos *Os Lusíadas* do incomparável Luís de Camões e *Os Maias* do brilhante Eça de Queirós.

Em relação à primeira, pela importância que lhe é atribuída, não só em Portugal, como no estrangeiro, é estudada, tanto no 9º ano como no 10º. Ainda assim, convém dizer, pode e deve ser abordada de forma diferente pois, como sabemos, um ano faz toda a diferença no processo de crescimento dos alunos que, com o passar dos anos, também vão adquirindo mais maturidade para interpretar a mesma mensagem de formas diferentes. Para além disso, por ser uma obra que, apesar de ter sido publicada pela primeira vez no século XVI, trata assuntos que facilmente são adaptados à nossa realidade, estará também dependente disso mesmo, isto é, do contexto que rodeia o leitor. Assim, tomando como base aquele em que vivemos, podemos afirmar que esta obra é extremamente importante para a consolidação de um sentimento de orgulho no país em que vivemos, baseado num passado glorioso que demonstra que, na verdade, somos um povo de grandes capacidades, capaz de grandes feitos, o que contraria uma certa ideia que, por vezes, se instala na sociedade portuguesa de que somos inferiores a outros povos que, ao contrário de nós, se consideram superiores aos demais. Assim, ao tratar esta obra, é importante que exista o cuidado de não incitar à criação de uma mentalidade fechada, apenas centrada no país onde se vive, tal como não deve ser promovida a arrogância que leve as próximas gerações a considerar Portugal superior aos restantes. Na verdade, deve ser transmitido que, tal como no passado, hoje continuamos a ter virtudes que, apesar de serem diferentes, são valiosas e devem ser exploradas, tal como acontece com outros países, sendo totalmente inútil dizer que Portugal

é melhor que outro país ou vice-versa pois, na realidade, o importante é que os povos tenham a melhor qualidade de vida possível.

Para além disso, ainda no que concerne a esta obra, temos o exemplo do episódio de *O Velho do Restelo* que pode ser explorado tendo em vista algo que acontece frequentemente. Nesse sentido, poderíamos deixar claro que a ambição nunca deve ser desvalorizada à partida, ou seja, devemos, inicialmente, analisar as possibilidades de a concretizar e, se elas existirem, mesmo sendo reduzidas, devemos investir e lutar por elas. Tal como aconteceu no final do Canto IV de *Os Lusíadas*, poderão existir as chamadas vozes da ‘resistência’ mas, se acreditamos que é possível e que vale a pena lutar pelo objetivo em questão, devemos fazê-lo. Assim, tendo em conta que vivemos num país com uma mentalidade que, muitas vezes, ainda é conservadora, é importante ajudar os alunos a entenderem que não devem ter medo de ter ambição pois, só com ela, poderão evoluir na vida. Em sentido inverso, caso não haja objetivos definidos, arriscar-se-ão a permanecer sempre no mesmo patamar o que, acreditamos, jamais realizará o ser humano que, como já defendemos, necessita de trabalhar tendo em vista algo em concreto.

Em relação à obra de Eça de Queirós, trabalhamos uma que trata um contexto mais próximo dos alunos, pelo menos em questões temporais, já que aborda a sociedade da segunda metade do século XIX. Apesar da maior proximidade temporal, comparativamente à obra anteriormente referida, podemos constatar que as semelhanças são poucas, o que não quer dizer que os maus hábitos daquele tempo sejam diferentes dos que existem hoje. Assim, vemos na obra *Os Maias* uma excelente oportunidade para os alunos perderem alguma ingenuidade que ainda possam ter relativamente a alguns assuntos. Contrariamente à obra que já tratámos, esta mostra um outro lado do nosso país, evidenciado erros que, mais de um século depois, continuam a ser cometidos. Assim, só tratando essas ‘feridas’ se poderá almejar um futuro diferente e é com esse intuito que a obra também deve ser trabalhada. Nesse sentido, podemos começar por abordar o espírito do exibicionismo que vingava na época e que, arriscamos dizer, ainda se verifica hoje. Conjugando a análise do texto com uma adaptação à atualidade pois é assim que acreditamos que o estudo da obra poderá ser mais proveitoso, é comum ouvir falar de pessoas que colocam a sua saúde financeira em causa para adquirir um carro mais bonito que todos vão adorar ou tomar uma determinada atitude porque lhe fica bem. Por outras palavras, falamos de um estilo de vida que, de forma errada, está centrado nos outros e não na própria pessoa. Perante isso, é fundamental levar os alunos a encontrar o equilíbrio, isto é, devemos, essencialmente, viver baseados nas nossas convicções, nunca prejudicando o próximo. Por outras palavras, a opinião dos outros deve ser um critério que podemos ou não utilizar para nosso benefício e não um fator decisivo que nos faça tomar uma atitude com a qual não concordamos.

Para além da questão já abordada, podemos constatar, ao longo da obra, uma abordagem depreciativa das personagens quando o assunto é o país, o que poderá ser utilizado para levar os alunos a refletir um pouco sobre a forma como vemos Portugal e, não menos importante, qual é a nossa postura perante o que não nos agrada tanto. Assim, como

docentes, a nossa função deveria ser sempre a de ajudar os alunos a perceber que é importante criticar mas, a fazê-lo, que seja de forma construtiva pois, quando assim é, estaremos a dar o nosso contributo, demonstrando assim que o fazemos com intuito de ajudar. Como portugueses, devemos ter a consciência das virtudes e dos defeitos que o país tem e, no caso dos pontos menos positivos, tentar melhorá-los. Por outro lado, abordando algo que também é utilizado como argumento na obra e que hoje continua a ser utilizado como justificação para desvalorizar, consideramos inúteis todas as comparações que são feitas com outros países que, evidentemente, também terão as suas qualidades e fragilidades. Na realidade, devemos transmitir a mensagem aos alunos de que as comparações podem ser feitas mas são altamente perigosas já que, na maioria das vezes, não consideram os fatores que ajudam/prejudicam para que determinado cenário seja uma realidade. Exemplificando, é um erro óbvio estabelecer uma comparação entre os climas português e islandês visto que a posição de ambas as nações no mapa é totalmente diferente.

Como vemos, um determinada obra é interpretada de forma diferente por cada um de nós e, por vezes, a mesma pessoa, ao analisá-la pela segunda vez, já a poderá encarar de outra forma. Com isto, pretendemos transmitir a ideia de que não existe uma forma certa de olhar para ela e, na verdade, essa é uma das principais virtudes da literatura (Bernardes, 2005). Ler dá asas à nossa imaginação e nós, como docentes, temos de dar condições aos discentes para que eles possam levantar os pés do chão. Nesse sentido, a disciplina de Português permite aos discentes, à medida que vão contactando com outras realidades, conhecerem melhor o mundo e, através da reflexão que a leitura provoca, pensar nas suas atitudes e postura perante a vida. Como defende Jacques Delors no terceiro pilar Educação (1999: 79):

Aprender a ser - Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas...

Capítulo 2 - A disciplina de espanhol no contexto atual

O ser humano é, em pleno século XXI, mais que as suas origens. Contrariamente ao que sucedia há vários anos, não vivemos destinados a viver onde nascemos, dada a facilidade com que nos movemos por todo o globo. Na verdade, mais que portugueses ou espanhóis - sem esquecermos as nossas raízes -, somos cidadãos do mundo e, tendo em conta essa realidade, existe a obrigatoriedade de acompanhar esse facto com a mentalidade certa. Para os mais conservadores, é importante referir que não existem impedimentos para que adoremos o nosso país, tal como não há nada que impeça um português ou alguém de outra nacionalidade de visitar e conhecer outras realidades. Como sabemos, os anos passaram e os países já não vivem isolados como se não existissem outros. Desta maneira, se queremos formar indivíduos com capacidades para responder às adversidades que o contexto lhes coloca, eles devem, não só conhecer Portugal, mas todos os países que, por este ou aquele motivo, estão relacionados com o nosso. Assim, entre muitos, temos Espanha.

Nas escolas portuguesas, o meio que melhor permite aproximar-nos do país vizinho é a disciplina de espanhol. Na verdade, podemos abordar esta questão de diversas formas mas, como o nosso grande objetivo é, efetivamente, dar o nosso contributo para a melhoria do ensino em Portugal, começamos por destacar a desvalorização da disciplina. Como qualquer pessoa deste país sabe, existe uma aparente obrigatoriedade de gostar ou detestar o país de *nuestros hermanos* (ainda em 2014 foi publicado *De Espanha, nem bom vento, nem bom casamento* de Virgínia López). Na realidade, apesar de terem passado alguns séculos, parece existir o medo de que nos tornemos espanhóis ou, simplificando, talvez seja apenas um complexo por, às vezes, dar a sensação de que ‘estamos na sombra’ do país vizinho. Apesar de este tipo de mentalidade ser, por vezes, encarada com uma certa piada, não deixa de ser real e, acrescentamos, preocupante. Assim, para que se termine com estas ideias retrógradas, é fundamental promover a disciplina de espanhol que, como é evidente, não só terminaria com essa mentalidade mas também levaria os alunos a adquirir conhecimentos relativos a outra realidade. Para isso, em primeiro lugar, o momento em que se estuda esta língua devia ser antecipado visto que, atualmente, somente integra a oferta formativa a partir do 3º ciclo, isto é, 7º ano, sendo de carácter opcional.

Em relação à carga letiva semanal, considerando a informação presente no Anexo III do Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de Julho (Diário da República, 2012a), constatamos que Espanhol, a par de Inglês, se insere na área disciplinar de Línguas estrangeiras, sendo-lhe atribuídos 270 minutos semanais que, evidentemente, serão divididos pelas duas. Tendo em conta o tempo que é atribuído às restantes áreas disciplinares, é possível concluir que tem a mesma que Ciências Físicas e Naturais que também é constituída por duas disciplinas e apenas superada por Expressões e Tecnologias que, no entanto, tem três. Para além disso, voltamos a destacar as disciplinas de Português e Matemática que, por terem associadas um exame nacional no final do ciclo de estudos, têm uma carga horária de 200 minutos semanais para cada uma. No ano seguinte, deparamo-nos com uma única alteração no tempo semanal

que é atribuído a cada área disciplinar, sendo, infelizmente, na de Línguas estrangeiras. Incompreensivelmente, é notória uma desvalorização de ambas as disciplinas que, no 8º ano, terá apenas 225 minutos semanais a dividir pelas duas. Como é evidente, criticamos de forma veemente esta alteração pois, como sabemos, tratam-se de duas disciplinas fundamentais para os alunos já que, atualmente, é cada vez mais importante dominar línguas para além da nativa, nomeadamente uma língua que é considerada universal e outra que, é bom que tenhamos essa noção, é falada por cerca de 400 milhões de pessoas. Para além disso, no que diz respeito à nossa disciplina, é introduzida tardiamente na oferta formativa e, mesmo assim, ainda sofre uma redução no tempo que lhe é dedicada, um ano depois do início do seu estudo. Naturalmente, a importância que é atribuída pelos alunos à disciplina acabará por ser reduzida já que, como vemos, ela acabará por impedir que eles tenham um contacto regular e exigível com a mesma. Seguindo a lógica, no último ano do 3º ciclo volta a verificar-se a mesma carga letiva de 225 minutos por semana a dividir por Espanhol e Inglês. No entanto, sendo justos, verificamos que existe outra área disciplinar que sofre uma redução no tempo que lhe é dedicado, isto é, Expressões e Tecnologias, passando de 300 para 250 minutos semanais. Por outro lado, também percebemos que há um aumento na carga horária na área disciplinar de Ciências Sociais e Humanas de 200 para 250 minutos semanais a dividir por duas disciplinas. Assim, tendo em conta estes dados, percebemos claramente que a nossa disciplina não é considerada tão importante como algumas, algo que fica comprovado com a redução da carga letiva ao final do 7º ano. Para além disso, a área disciplinar a que pertence a nossa disciplina é a que tem a carga letiva mais reduzida, sendo que apenas uma tem menos sendo ela a de Ciências Sociais e Humanas que, no 9º ano, aumenta esses números e faz com que a nossa seja mesmo a que tem a carga horária mais reduzida. Ainda assim, é importante dizer que a de Expressões e Tecnologias tem 300 minutos semanais que terão de ser divididos por três disciplinas o que, calculando o tempo que é dedicada a cada uma, podemos entender que ainda terão direito a menos tempo de aulas por semana. Para além dessa questão, é importante dizer que, no 9º ano, terão uma redução para 250 minutos. Em condições completamente diferentes, visto que se tratam de disciplinas isoladas no que à atribuição de tempo diz respeito, destacamos as disciplinas de Português e Matemática que, como já abordámos no capítulo anterior, cada uma é responsável por 200 minutos semanais.

No Ensino Superior, já conscientes de todos os cursos existentes, pretendemos dar a conhecer a carga letiva que é atribuída à disciplina, sendo uma forma de completar a nossa ideia relativamente à valorização que ela tem no ensino português. Assim, começando pelos cursos científico-humanísticos, mais precisamente o de Ciências e Tecnologias, entendemos, a partir da análise do Anexo I da Portaria n.º 243/2012 de 10 de agosto (Diário da República, 2012b), que Espanhol volta a ser uma disciplina opcional pois, apesar de existir a obrigatoriedade de estudar uma língua estrangeira, em nenhum momento é dito que ela será Espanhol. Para além disso, falamos de uma disciplina que faz parte da componente de formação geral e que, juntamente com Filosofia, é bienal, possuindo uma carga horária de 150 minutos semanais e que, tal como Educação Física, apesar desta ser trienal, são as que

merecem menos tempo nos horários dos alunos. Ainda assim, sejamos justos, caso tenham optado por esta língua no 10º ano, têm a oportunidade de prosseguir o estudo da mesma já que existe essa opção. No que concerne à carga letiva, essa não muda pois mantêm-se os 150 minutos semanais.

No curso de Ciências Socioeconómicas, segundo o Anexo III da Portaria n.º 243/2012 de 10 de agosto (Diário da República, 2012b), os moldes são semelhantes ao analisado anteriormente. Assim, sabemos que a disciplina faz parte da componente de formação geral e que lhe vê atribuída uma carga horária de 150 minutos semanais, sendo de carácter bienal, apesar de existir a opção de a tornar trienal caso os alunos optem por ela no 12º. Ainda assim, convém dizer que abordamos esta questão desta forma mas, é importante destacar, os alunos poderão escolher outra língua estrangeira que não seja a de espanhol. Seja ela qual for, é certo que a carga horária que lhe é atribuída será a mesma, ou seja, a mais reduzida comparativamente com as outras disciplinas do Ensino Secundário, apenas igualada pelas duas disciplinas que já referimos anteriormente, apesar de uma ser obrigatoriamente parte integrante do horário dos alunos nos três anos.

Relativamente a Línguas e Humanidades, como o próprio nome indica, a importância que lhes é dada é ligeiramente maior. Ainda assim, caso os alunos assim o pretendam, poderão ter, tal como nas outras áreas, apenas uma língua estrangeira como disciplina. Clarificando estas afirmações, existe a obrigatoriedade de estudar uma língua estrangeira que, tal como nos cursos já abordados, serão os alunos a escolher entre uma série de hipóteses onde se inclui o Espanhol e com a mesma carga horária, isto é, 150 minutos semanais. Por outro lado, - embora consideremos que seja algo positivo mas que, claramente, poderia ser mais -, existe a possibilidade de os discentes, para além da língua estrangeira que constitui a componente de formação geral, terem a possibilidade de aprender outra que, é importante referir, também será bienal mas, por estar associada a um exame nacional no final desse período, terá também uma carga horária de 270 minutos semanais. Ainda assim, não deixa de ser uma das opções, ou seja, se os alunos escolherem, por exemplo, Geografia A e Matemática Aplicada às Ciências Sociais, estudarão apenas uma língua, tal como acontece nos restantes cursos científico-humanísticos. Assim, no que a estes factos diz respeito, teremos de deixar claro o nosso ponto de vista que se direcciona, em primeiro lugar, para o nome do curso. Sendo denominado Línguas e Humanidades, não deveria existir a obrigatoriedade de se estudar, pelo menos, mais uma que nos restantes cursos? De facto, a possibilidade de estudar duas já se trata de uma valorização, tal como os 270 minutos semanais que lhe são atribuídos que, naturalmente, fazem com que seja, a par da outra disciplina bienal que tem exame associado, a disciplina com maior carga horária atribuída nos primeiros dois anos, superando, inclusive, a de Português e História A que, como sabemos, também terão um exame nacional, ainda que no fim do 12º ano. Ainda assim, voltamos a salientar o facto de não existir a obrigatoriedade de estudar, no mínimo, duas línguas, o que acaba por relativizar a boa carga horária que é atribuída a essa disciplina opcional, estando esta questão inequivocamente envolvida em suposições.

No que concerne ao curso científico-humanístico que ainda não referimos, conforme consta no Anexo VII da Portaria n.º 243/2012 de 10 de Agosto (Diário da República, 2012b), funciona de uma forma muito semelhante aos outros, exceto o de Línguas e Humanidades. Assim, sabemos que o aluno estudará obrigatoriamente uma língua, não sendo certo que seja espanhol e, tal como acontecia nos outros, tem uma carga horária de 150 minutos semanais, tal como Filosofia e Educação Física, embora esta última seja trienal. Ainda assim, como já vimos, existe sempre a possibilidade de prosseguir os estudos dessa disciplina no 12º ano, sendo uma das opções que, caso seja concretizada, tem atribuído o mesmo tempo dos outros dois anos, isto é, 150 minutos por semana. Assim, entendemos que, tal como acontecia nos outros cursos, o de Artes Visuais está direcionado para uma aposta modesta naquilo que é a aprendizagem de Línguas estrangeiras pois, para além dos alunos apenas estudarem uma língua, já que se escolherem a Língua Estrangeira no 12º ano, ela terá de ser a mesma dos dois anos anteriores, o tempo que ocupam no horário é extremamente reduzido, sendo equiparado a uma disciplina que, nos últimos anos, motivou polémicas sobre se deveria, ou não, contar para a média dos alunos que entendam ingressar no Ensino Superior. Assim, não sendo nosso objetivo desvalorizar disciplinas, achamos que, para além de ser impensável uma disciplina como a nossa não contar para a nota final do Ensino Secundário, ela é, tendo em conta o contexto em que nos inserimos, extremamente importante para qualquer aluno, seja qual for a área visto que, em qualquer uma, dominar línguas para além da nativa é, claramente, um critério cada vez mais valorizado.

Nos cursos com Plano Próprios ou atualmente denominados Científico-Tecnológicos, já tivemos a oportunidade de referir que a componente de formação geral é exatamente igual à dos cursos científico-humanísticos logo, os alunos terão de ter aulas de uma língua estrangeira. No entanto, verificamos, mais uma vez, a subjetividade com que é tratada a disciplina pois, tal como já foi dito, é um campo aberto em que cada aluno terá a possibilidade de fazer uma escolha que, embora pareça algo de positivo, tem também um ponto que consideramos muito negativo e que se baseia na obrigação de escolher uma língua, o que impedirá automaticamente o discente, pelo menos neste contexto que estamos a tratar, de estudar outras. Evidentemente, existirá sempre a possibilidade de ingressar em escolas de línguas ou outras possibilidades mas, como também sabemos, trata-se de uma opção que não é viável para muitas famílias.

Quanto aos cursos artísticos especializados, a importância atribuída à disciplina volta a ser idêntica. Considerando as informações presentes no Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho (Diário da República, 2012a), notamos que volta a ser bienal, associada aos já várias vezes referidos 150 minutos semanais, tal como acontece com Filosofia e Educação Física. Contudo, se nos científico-humanísticos existia a possibilidade de prosseguir o estudo das línguas no 12º ano, neste caso não existe nenhuma informação que deixa clara essa opção. Assim, sabemos que os alunos que optem por frequentar este curso têm uma formação menos intensa, comparativamente com os que optaram pelos já analisados.

No caso dos cursos profissionais, segundo o Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho (Diário da República, 2012a), voltamos a encontrar a obrigatoriedade de estudar uma língua estrangeira, ou seja, não existe nada que indique que ela terá de ser Espanhol. No entanto, caso os alunos optem pela nossa disciplina, inserida na componente de formação sociocultural, terão uma carga de 220 horas no ciclo de estudos, sendo a segunda disciplina a ter mais tempo de aula, apenas superada por Português e igualada por Área de Integração. Nesse sentido, é notória a valorização que é dada à aprendizagem de Línguas estrangeiras pois, mesmo sendo só uma, há uma demonstração na carga letiva que lhe é atribuída de que é realmente importante, sendo impossível ignorar o facto de a organização do próprio curso ser diferente dos já analisados.

Nos cursos do Ensino Secundário na modalidade de ensino recorrente, já tivemos a oportunidade de referir que se tratam de uma segunda oportunidade para os adultos poderem estudar, funcionando em regime noturno, mas com a hipótese de escolher um dos quatro cursos científico-humanísticos já referidos. Assim, tendo como base a Portaria n.º 242/2012 de 10 de agosto (Diário da República, 2012c), podemos constatar que nos quatro também há a possibilidade de aprender uma língua que, mais uma vez, é escolhida pelo aluno, sendo-lhe dedicados 90 minutos semanais, estando eles divididos em dois blocos de 45 já que é essa a duração de cada aula, seja a que disciplina for nestes cursos. No entanto, é importante dizer que, para quem optar por Línguas e Humanidades, tal como acontece no regime diurno, terá a oportunidade de estudar mais uma, tendo essa uma carga horária associada de 180 minutos semanais, ou seja, o dobro daquela que faz parte da componente de formação geral pois a disciplina está associada a exame nacional no final do 11º ano. Assim, nesta situação, os alunos têm a possibilidade de estudar duas línguas, ainda que com uma intensidade distinta já que, como vimos, uma terá o dobro das aulas, o que permitirá, em condições normais, que a evolução numa seja maior que na outra. Por outro lado e porque é um cenário possível, o discente poderá ter apenas uma língua com uma carga letiva de 90 minutos por semana, o que nos leva a criticar novamente a fraca aposta no estudo de línguas quando o próprio nome do curso as promove. Para além disso, se compararmos com as restantes disciplinas, esta é, claramente, a que tem menos carga associada pois, ao contrário do que acontece durante o dia, Filosofia tem associados 135 minutos semanais e Educação Física não se insere nestes cursos. Assim, é mais que evidente a desvalorização do estudo, tanto do Espanhol, como do Inglês, Francês, etc.

Tendo em conta todos os dados analisados, verificamos que a aprendizagem de uma língua estrangeira, em geral, é pouco valorizada no ensino em Portugal. Nesse contexto, surge o Espanhol que, tal como as outras, se insere numa das várias possibilidades, sendo que os alunos apenas poderão aprender uma. Nesse sentido, atentando ao contexto em que vivemos, existe uma clara promoção ao estudo do Inglês que é, como todos sabemos, considerada a língua universal sendo que, quanto a isso, nada temos a apontar. Contudo, se todos temos consciência da natural preferência pelo Inglês, deixa de fazer sentido que apenas se estude uma língua no Ensino Secundário já que, a ser assim, já sabemos qual será.

Considerando este facto, é fundamental que se pense na introdução de mais uma língua em todos os cursos pois, para além da que já referimos, há outras que também são importantes e valorizariam os discentes no futuro. Nesse contexto, surge o Espanhol que, apesar de a nossa opinião ser suspeita, é imparcial e vai no sentido de os alunos aprenderem essa língua pela importância que ela tem, não só pela proximidade entre os dois países, mas também pelo número de pessoas que a falam. Na verdade, os alunos têm, ao longo dos últimos anos, mostrado interesse na disciplina, optando pela mesma apesar de, na maioria dos casos, os motivos estarem relacionados com as semelhanças entre a nativa e a de *nuestros hermanos*, sendo isto fortemente associado a facilidade.

Perante a ideia errada de considerar o parecido sinónimo de fácil, os professores devem repensar as suas estratégias. Nesse sentido, é basilar encontrar uma forma que leve os alunos a olhar para a disciplina de outro modo mas, igualmente importante, não os afastando de algo que, habitualmente, as aulas desta disciplina têm: alegria. Assim, acreditamos que a 'chave' está na exigência que é colocada, especialmente nas matérias mais semelhantes, ou seja, aquelas que eles consideram mais fáceis. Para além disso, colocar os discentes sujeitos ao erro poderá ser uma forma de os alertar para o facto de que, na realidade, não é assim tão fácil como aparenta. Seguindo o raciocínio, é importante destacar que o objetivo não é prejudicar, mas sim fazer entender que devem empenhar-se perante qualquer situação, mesmo aparentando ser mais fácil. Quanto aos resultados que são, como já vimos, a explicação para muitas situações, esses nunca deixariam de ser bons pois, com os alunos a dedicarem-se, é certo que estariam mais perto de alcançar os resultados pretendidos e, conseqüentemente, alcançando boas médias, algo que preocupa grande parte dos discentes que pretendem ingressar no Ensino Superior.

2.1 Os programas de Espanhol centrados nos alunos vs Os alunos centrados nos programas de espanhol

Num contexto tão competitivo como é o ensino em Portugal, o Espanhol surge numa fervorosa batalha com as restantes Línguas estrangeiras. Se, por um lado, a disciplina de Inglês é encarada como sendo de outro campeonato, Francês é tida como a grande rival da nossa disciplina, havendo uma inegável tentativa de se superiorizarem mutuamente com o intuito de ocuparem os horários dos alunos. Até ao momento, ambas já tiveram o seu momento áureo, existindo, na atualidade, uma tática maioritariamente defensiva, isto é, pretendem que, no mínimo, não se percam os alunos que já têm. Por outro lado, o jogo ofensivo entra em ação quando se aproxima o momento de alguns alunos optarem por uma delas numa tentativa de aumentarem o número de turmas. Talvez estejamos a falar de algo pouco ético mas que, na realidade, todos sabemos que existe, podendo ser entendida como uma política de sobrevivência.

Perante estes factos, talvez fosse errado discordarmos dos nossos colegas mas, afinal, porque haveremos de concordar? O ser humano não tem capacidades para criar as suas

próprias ideias? Já foi afirmado por nós que sim e, inclusive, que deve ser um dos nossos principais objetivos para com os alunos: criar condições para que eles pensem de forma autónoma. Nesse sentido, mais que ensinar, é importante que sejamos um exemplo logo, seguindo uma ideia, somente porque a maioria a leva avante, não é a melhor forma de o fazer. Assim, antes de assumir uma posição em relação a esta temática, é necessário refletir e, quando o fazemos, deve ser de forma independente, isto é, tentando não tirar as conclusões que estejam de acordo com aquilo que é considerado como ‘politicamente correto’. De facto, nem sempre o que a maioria faz é o mais correto logo, a partir desse dado, devemos questionar essa premissa do ‘politicamente correto’.

No que a esta questão diz respeito, consideramos que estamos a fugir do essencial que é, fundamentalmente, o bem do aluno. Como sabemos, esse deve ser o nosso foco mas, não nos enganemos, ninguém sabe melhor que os próprios aquilo que os realiza. Ainda assim, fruto da nossa experiência, apenas devemos apoiá-los e manifestar opiniões mas, acreditamos, devem ser eles a tomar as decisões no que a este tipo de questões diz respeito. Para além disso, todos sabemos que não há disciplinas perfeitas, até porque elas não existem para o ser. Na verdade, Espanhol, nas escolas portuguesas, é um conjunto de matérias que permitirá aos alunos adquirir conhecimentos relativos a um conjunto de países que falam a língua, principalmente o que está ao lado do nosso. Por esta e outras razões, é inútil ‘vender’ a disciplina associando-a a visitas de estudos ou atividades lúdicas pois, como todos sabemos, ela é muito mais que isso.

Assim, chegando ao 7º ano, os alunos têm a possibilidade de optar por estudar Espanhol, sendo absolutamente fundamental que tomem essa decisão tendo por base a sua vontade e, principalmente, a curiosidade que habitualmente existe relativamente à língua. Para além disso e remetendo para algo já referido por nós, é importante afastar a ideia de que Espanhol é fácil, não porque isso fosse um problema, mas sim pela desmotivação que isso poderia gerar, resultando num relaxamento inapropriado. Nesse sentido, mais que trabalhar os conteúdos programáticos, é importante levar os alunos a encarar a disciplina com seriedade, trabalhando-a com exigência e compromisso. Posto isto e tendo em conta o *Programa Espanhol*, é importante referir que ele está feito para alcançar resultados em qualquer momento mas, especialmente, no final dos três anos, ainda que, como é evidente, uma coisa esteja intimamente relacionada com a outra. Ainda assim, queremos deixar clara a ideia de que tudo funciona de forma progressiva, isto é, um discente, ao longo dos anos, pode trabalhar os mesmos conteúdos, ainda que de forma diferente. Contudo, queremos esclarecer que, à medida que vão avançando para o ano seguinte, essas matérias serão mais desenvolvidas (veja-se Carvalho, 2009).

Perante estes factos, torna-se importante analisar o tipo de conteúdos que são trabalhados, considerando aquele que é o principal objetivo na aprendizagem de uma língua que é, na nossa opinião, entender e fazer-se entender. Assim, tendo em conta a informação presente no Anexo I do *Programa Espanhol*, que tem como documentos de apoio o *Quadro Europeu Comum de Referência* e o *Portefólio Europeu de Línguas para os 2.º e 3.º Ciclos*,

para as Línguas (Conselho da Europa, 2001) e focado nos “Actos de fala”, começamos por notar que os usos sociais da língua, tal como oferecer, convidar ou simplesmente cumprimentar são algo em que se investe nos três anos e, na nossa opinião, bem já que, como se sabe, é algo que é exigido constantemente. No entanto, pela experiência que já temos, não só como professores, mas também como alunos, sabemos que todos os conteúdos trabalhados em aula não espelham, na perfeição, o espanhol utilizado pelos seus falantes. Assim, consideramos que é gritante a necessidade de alterar os programas tendo em vista uma certa adaptação à realidade. Clarificando esta questão, se pretendemos, de facto, que os discentes aprendam a utilizar a língua e que, posteriormente, estejam capacitados para a usar nos países onde ela é falada sem ter grandes problemas em fazê-lo, tudo passa pelos conteúdos que lhes são transmitidos. Para além disso, é crucial que o professor consiga transmitir a mensagem de que, numa língua, ao contrário das ciências exatas, não há o certo nem o errado, ainda que, como é óbvio, seja necessário adaptar o discurso ao contexto em que nos encontramos. Seguindo o raciocínio, se pretendemos ensinar os alunos a aceitar ou recusar um convite, optar pela repetição de frases padrão é, inequivocamente, uma péssima estratégia pois, para além disso induzir em erro, isto é, fazer o aluno acreditar que existe a forma correta de o fazer quando, na verdade, há várias, isso não fará com que o aluno domine a língua. Na verdade, o facto de todos sabermos dizer ‘olá’ em vários idiomas não significa que conseguimos estabelecer um diálogo nos mesmos e, neste caso, funciona da mesma forma. Posto isto, se pretendemos capacitar o aluno para comunicar em espanhol, devemos promover momentos de diálogo na própria aula em que, utilizando a língua, terão de arranjar formas de transmitir as suas mensagens, sendo também uma ótima oportunidade para serem corrigidos pois, não temos dúvidas, é com os erros que aprendemos.

Algo que também é valorizado neste programa é a forma como tratamos a informação e, quanto a isso, estamos totalmente de acordo. Assim, algo como tentar saber narrar um acontecimento a que se tenha assistido é, sem dúvida, importante na utilização de uma língua. Tendo isso em atenção, alertamos para o facto de, nestes casos, existir uma exigência ainda maior naquilo que é o domínio de uma língua pois, como podemos calcular, é difícil fazê-lo através da repetição de uma frase. Na realidade, este tipo de situações permite entender se um indivíduo domina a língua, sendo notório se tem ou não um discurso fluido. Ainda assim, para que se verifique exatamente o nível dos alunos, este tipo de situações deve ser simulado em aula sem que os alunos tenham oportunidade de preparar pois, nesse caso, existia a possibilidade de que memorizassem sendo que, convém dizer, seria algo facilmente anulado através de perguntas que fossem sendo feitas pelo docente.

Para além dos conteúdos já abordados, também está presente no programa a importância de saber exprimir obrigação ou autorização o que, no nosso entender, é importante, por exemplo, numa situação em que estejamos de férias em Espanha e necessitemos de solicitar autorização para algo. Como vemos, estamos perante um programa que tenta capacitar os discentes para qualquer tipo de situações com as quais os discentes se possam deparar com relativa facilidade.

Na mesma linha dos pontos já abordados, surge a importância de levar os alunos a saber exprimir aquilo que sentem desde felicitar alguém a manifestar desagrado sobre algo. Neste caso, falamos de situações comuns que poderão surgir numa simples visita ao país vizinho, sendo importante conseguir transmitir, mais uma vez, que estamos desagrados ou, pelo contrário, demonstrar que estamos satisfeitos. Perante isto, constatamos que se trata de algo necessário que é transversal a todas as línguas.

Com a evolução que vai existindo à medida que o tempo vai passando e, conseqüentemente, o domínio da língua vai sendo cada vez maior, é importante, não só consolidar os conhecimentos já adquiridos, mas também introduzir outros mais complexos que, na verdade, apenas podem ser trabalhados quando já se tem um conhecimento perfeito do mais básico. Assim, para que exista um discurso fluido por parte do falante, é trabalhado o controlo da comunicação. Na realidade, é algo que é alvo de estudo no 7º ano mas, convém dizer, está previsto que a maioria dos conteúdos relacionados apenas sejam trabalhados nos dois anos seguintes e, em alguns casos, apenas no último. Nesse sentido, situações como a de argumentar exigem, a qualquer pessoa, um domínio bastante razoável da língua pois, como sabemos, trata-se de algo que vai para além do discurso básico, isto é, exige um certo domínio que permita alimentar uma conversação, testando, não só a expressão oral, mas também a compreensão oral.

Seguindo o raciocínio, percebemos que o programa de Espanhol para o 3º ciclo se foca essencialmente numa suposição de situações, preparando os alunos para as enfrentar. Quanto a isso, não podemos afirmar que estamos totalmente de acordo, ainda que também não estejamos completamente contra esta mentalidade. Explicando melhor aquilo em que acreditamos, devemos centrar a nossa atenção naquele que é o grande objetivo do ensino, seja na disciplina de Espanhol ou noutra. Quanto a isso, a nossa convicção é que a nossa função é preparar os alunos para o mundo, algo que vai acontecendo nas várias disciplinas que vão tendo ao longo dos anos e que, não temos dúvidas, se devem complementar. Posto isso, não nos enganemos pois, a melhor forma de valorizar o nosso trabalho é, indubitavelmente, notar que os alunos levam ensinamentos para a vida e, no caso de Espanhol, não é diferente. Nesse sentido, é positivo preparar os alunos para situações que possam ocorrer nas suas vidas mas, por outro lado, não deixam de ser suposições. Com isto, apenas queremos destacar a ideia de que é completamente impossível prepará-los para todas desta forma, ou seja, falando em exemplos, temos previsto no programa ensinar os alunos a convidar outra pessoa mas, como se sabe, não existe uma só forma de o fazer visto que tudo está sujeito a várias questões como o contexto ou o registo de língua a utilizar. Tendo isso em conta, estamos perante um programa que se torna impotente para todas as necessidades que um ser humano possa ter como utilizador de uma língua. No entanto, também é importante referir que, seguindo esta lógica, todos o seriam. Nesse sentido, sem que exista uma real solução para esta perspetiva, é fundamental que entendamos que ela tem lacunas e que, considerando isso, devem ser colmatadas sempre que possível. Entre alguns pontos que

poderiam ser melhorados, voltamos a destacar a necessidade de adaptar os conteúdos à realidade, ensinando a língua como ela é habitualmente utilizada.

Seguindo com a nossa análise, baseamo-nos no Anexo II do *Programa Espanhol* para falar dos conteúdos gramaticais trabalhados nas aulas de Espanhol, desde o 7º até ao 9º ano. Assim, voltamos a verificar que há uma aposta na evolução, havendo conteúdos que são trabalhados nos três anos, ainda que de formas diferentes e, noutros casos, apenas são alvo de estudo no momento certo, isto é, quando o aluno já deve ter um domínio de certas matérias para estar devidamente preparado para adquirir outras. Assim, antes de abordar especificamente aquilo que se encontra no programa, é importante referir que a gramática é, inequivocamente, algo de fundamental na aprendizagem de uma língua pois, em alguns casos, é a chave para que entendamos determinadas estruturas que na nossa língua não nos parecem tão naturais (sirva Benedetti, 1993). Já que falamos na nativa, é crucial que os alunos, no momento em que se predispõem a estudar uma língua estrangeira, se ‘desliguem’ da materna, isto é, da forma como funciona, para que se evitem as comparações de algo que, na realidade, é impossível de equiparar pois, se o fizerem, vão, inevitavelmente, prejudicar o processo de aprendizagem. Ainda assim, convém dizer que, no que concerne à metalinguagem, pelas semelhanças entre ambas, visto que são duas línguas romance, ou seja, com a mesma tradição gramatical, nunca será um problema comparar.

Algo que comprova aquilo que vimos dizendo será, por exemplo, o género das palavras. Pelas semelhanças entre os dois idiomas, é natural que alguém que não domine o de *nuestros hermanos* pense que um substantivo masculino em português também o será o espanhol mas, como sabemos, isso nem sempre é assim. Nesse sentido, é essencial que os alunos, antes de associarem uma língua à outra, pensem nas regras que são trabalhadas nas aulas de espanhol o que, com estudo e com o próprio uso da língua, permitirá que deixem de cometer esse tipo de erros. Assim, facilmente entendemos que é algo que é trabalhado desde o 7º ano e, como é evidente, vai sendo desenvolvido já que, naturalmente, os alunos vão alargando os seus conhecimentos lexicais.

Refletindo sobre outros conteúdos fundamentais para os alunos portugueses, falamos da apócope de adjetivos, algo que está associado à posição que eles assumem na frase. Aí, pela dificuldade dos conteúdos, não porque as regras sejam complexas mas sim pelos hábitos que temos na nossa língua, estamos totalmente de acordo quanto ao momento em que são trabalhados pois, na nossa opinião, no 7º ano seria prematuro devido ao facto de os discentes ainda não estarem suficientemente familiarizados com a língua estrangeira e, no 9º, tardio visto que, com três anos de Espanhol, já seria um erro que, embora não fosse grave, numa possível correção já deveria ser facilmente identificado. Por outro lado, no que concerne aos tempos verbais, consideramos que há alguns pontos a melhorar, nomeadamente naquilo que diz respeito ao momento em que são trabalhados o *Pretérito Perfecto de Indicativo* e o *Pretérito Indefinido de Indicativo*. Na nossa opinião, o 7º ano é o momento ideal para trabalhar o *Presente de Indicativo* no entanto, consideramos que falar dos tempos do passado, pelas diferenças que existem relativamente à nossa língua, exigem um enorme

cuidado. Nesse contexto, a nossa proposta passa por uma introdução, em primeiro lugar, do *Pretérito Perfecto de Indicativo* e, algum tempo depois, do *Pretérito Indefinido de Indicativo* sendo que, neste caso, acreditamos que é inoportuno trabalhar através do contraste. Explicando a nossa posição, acreditamos que o contraste poderá confundir mais os discentes pois, na verdade, para que eles entendam as diferenças, têm de fazer várias comparações o que, por vezes, dá origem a certas lacunas. Como é evidente, o professor é essencial neste processo, no entanto, defendemos que se trabalhe primeiramente cada tempo verbal de forma independente e, no ano seguinte, fase em que já conhecem as regras de uso, se introduza esse nível de complexidade. No entanto, para que tudo não seja tão simples no 7º ano, sugerimos que os alunos tenham contacto com os verbos regulares e os irregulares mais frequentes em ambos os tempos já que, nesse caso, apenas é necessário estudo e treino, não sendo algo que exija o domínio do idioma que os conteúdos já referidos pedem.

Relativamente aos conteúdos socioculturais, o programa não lhes dá o devido destaque. No entanto, conforme podemos ver no *Programa Espanhol*, são referidos alguns dos conteúdos que devem ser trabalhados em contexto de aula. Em relação a eles, aprez-nos dizer que, em primeiro lugar, são poucos, o que reforça a nossa tese de que são desvalorizados. Para além disso, se fizermos uma análise atenta daquilo que deve ser abordado, notamos que tudo é demasiado generalizado e, quanto a isso, conscientes da riqueza cultural que Espanha e os países que falam a língua possuem, temos de afirmar que se trata de um erro crasso. Por outras palavras, valorizamos bastante os conteúdos socioculturais pois consideramos que é fundamental conhecer os contextos onde a língua é falada para a entender e utilizar melhor. Se refletirmos um pouco e remetendo para algo que nos é próximo, isto é, aquilo que sucede no nosso país, o uso de determinados vulgarismos é encarado de várias formas, variando consoante a zona do país em que nos encontremos, sendo algo que está, naturalmente, associado a características que, habitualmente, estão associadas às pessoas originárias de determinada região. Como é evidente, este tipo de questões não são regras nem têm nada que garanta que todas as pessoas são assim, contudo, sabemos que, normalmente, é algo associado. Perante este tipo de temáticas, é fundamental que o docente tenha cuidado na forma como as expõem pois, muitas vezes, são criados preconceitos quando, na realidade, não é esse o intuito quando trabalhamos estas matérias.

Como vemos, os programas estão direcionados, essencialmente, para os conteúdos linguísticos o que, na verdade, é o que os alunos esperam aprender quando optam por Espanhol. Ainda assim, convém dizer que a aprendizagem de uma língua estrangeira é muito mais que isso pois, como sabemos, há vários fatores relacionados com os próprios idiomas. Nesse sentido, se refletirmos um pouco sobre este assunto, conseguimos entender que, estando noutro país, não basta saber comunicar. Algo que é comum a todas as nações é, efetivamente, a existência de hábitos. Em Espanha, por exemplo, se num indivíduo não os conhece, é perfeitamente normal que fique surpreendido com o facto de alguns estabelecimentos estarem encerrados na hora da *siesta*. Posto isto e considerando que, como estes exemplos, existem outros, devemos consciencializar os alunos para o facto de que, na

realidade, é extremamente importante dominar o idioma, no entanto, isso não chega para que pensemos que tudo seria fácil numa possível visita ao país vizinho ou aos que o têm como nativo (Viñes, 1991). Assim, é importante destacar que a língua deve ser encarada como uma característica e não como algo absoluto, isto é, como revelador de tudo o que é Espanha e todos os países da América Latina.

Chegando ao Ensino Secundário, o panorama é semelhante no que a estas vicissitudes diz respeito. No entanto, antes de serem abordadas, convém referir que, como resultado do estudo da disciplina no Ensino Básico, existe a opção de Espanhol de continuação para os alunos que se encontrem nessa situação e, para aqueles que pretendam ter a disciplina pela primeira vez, há o Espanhol de iniciação. Apesar de a exigência ser, como é natural, diferente dado os conhecimentos que uns têm e outros não, a organização dos programas é idêntica, isto é, os conteúdos são distribuídos pelas várias competências que devem ser tidas em conta no momento de aprender uma língua estrangeira. Nesse caso, conscientes de que a disciplina é bienal, devemos analisar considerando esse período, não dando como adquirido que, no ano seguinte, os discentes voltam a optar pela disciplina.

Assim, tendo por base os programas em vigor para Espanhol de iniciação, que têm em consideração o *Quadro Europeu Comum de Referência* (Conselho da Europa, 2001), conseguimos entender que se trata de algo muito semelhante com aquele que já foi analisado anteriormente o que, na nossa opinião, acaba por ser natural visto que, em ambas as ocasiões, é para alunos que iniciam o estudo do idioma. No entanto, convém dizer que, apesar da semelhança dos conteúdos, as estratégias adotadas para os ensinar devem ser outras pois, como sabemos, a diferença entre a maturidade dos alunos do 7º ano e do 10º é considerável. Para além disso, insistimos na importância de criar um nível de exigência relativamente elevado para que, tendo em conta que os conteúdos são ligeiramente básicos, principalmente no 10º ano, não exista uma atitude exageradamente descontraída face à língua estrangeira.

Considerando os programas de Espanhol de continuação que, mais uma vez consideram o *Quadro Europeu Comum de Referência* (Conselho da Europa, 2001), estes insistem maioritariamente na consolidação de conteúdos trabalhados anteriormente, o que nos faz crer que funciona à base do que acontecia no Ensino Básico, isto é, os alunos voltam a trabalhar os mesmos conteúdos mas desenvolvem-nos mais. Nesse sentido e apesar da complexidade ir crescendo, acreditamos que este é um modelo que conduz ao desinteresse dos alunos já que, mesmo que a dificuldade aumente, os jovens continuam a associar tudo ao mesmo, não investindo tanto como o fariam caso trabalhassem essas matérias pela primeira vez. Para além disso, acreditamos que os conteúdos a ensinar não escassearam e, nesse sentido, pensamos que consolidar é importante mas introduzir outros conteúdos é igualmente necessário, não só para gerar interesse, mas também para dar a oportunidade aos alunos de aprenderem mais sobre o mundo hispânico. Assim, oferecendo algumas alternativas, sugerimos que, nesta fase mais avançada, se introduzam alguns textos de autores de língua espanhola como Cervantes, que se aborde um pouco mais a história de Espanha ou, tendo em

conta a nossa convicção de que devem ser trabalhados conteúdos relacionados com o quotidiano, levar até à aula a atualidade espanhola e promover momentos em que sejam debatidos alguns assuntos que, como é evidente, seriam uma boa oportunidade para trabalhar várias competências, nomeadamente, a expressão oral (Ministerio de Cultura [Espanol], 1993; Navas, 1998). Ainda assim, é justo afirmar que, nestes programas, existe, aparentemente, uma aposta mais forte nos conteúdos socioculturais o que, pela nossa experiência, não nos faz acreditar que sejam alvo de grande trabalho em contexto de sala de aula, questão perfeitamente justificável dado que, para os alunos que têm exame nacional associado à disciplina, acaba por ser algo relegado para segundo plano visto que, pelo historial desses momentos de avaliação, a relevância que têm é muito reduzida. Perante estes factos, entendemos que há uma clara contradição visto que, na nossa opinião, se inserimos conteúdos num programa, será porque são relevantes ou, não o sendo, melhor seria retirá-los e criar espaço para outros que o fossem. Quanto a nós, voltamos a destacar que são essenciais pois, estabelecendo uma comparação, aprender espanhol sem conhecer o máximo possível dos países onde a língua é falada é o mesmo que ser arquiteto e elaborar um projeto sem conhecer o terreno em questão.

No que diz respeito aos programas de 12º ano, a mentalidade volta a ser exatamente a mesma. Quanto a isso, voltamos a destacar a importância que tem a motivação dos alunos, algo que, acreditamos, não existirá de forma tão clara quando o trabalho está baseado, essencialmente, em consolidar conteúdos. Como já foi referido, consideramos que é importante solidificar as matérias já aprendidas, algo que acaba por acontecer de uma forma natural pelo facto de uma língua o exigir mas, na nossa ótica, deve também existir uma evolução, não só naquilo que já foi trabalhado, mas também com a introdução de outros pontos, algo que reforçaria a motivação dos alunos para ingressar na disciplina e, naturalmente, levaria os alunos a conhecer a língua e muito do contexto onde ela se insere, fazendo de Espanhol uma disciplina muito mais completa.

Tendo todas estas informações em consideração, entendemos que os programas não são centrados nos alunos. Na realidade, há um modelo que é transversal a todas as línguas e que, segundo nos parece, é algo que está completamente errado e demonstra alguma desvalorização daquilo que as Línguas estrangeiras podem significar no desenvolvimento pessoal e social dos discentes. Numa primeira fase, podemos abordar a limitação dos programas em corresponder àquilo que pretendem, isto é, preparar os alunos para possíveis situações com as quais se possam deparar. Como sabemos, isso é importante mas, neste caso, é impossível trabalhar tendo por base qualquer situação que possa surgir como se, para ela, houvesse apenas duas ou três soluções. Assim, consideramos que é uma boa forma de trabalhar mas incompleta, o que exigirá ao docente uma abordagem que não se limite a imprimir uma dinâmica de ciência exata, isto é, para a situação A, temos a resposta A e para a questão B, a solução B. Para além disso, questionamos a pouca importância que é dada aos conteúdos socioculturais algo que, na verdade, é essencial, não só para a aprendizagem da língua mas também para transmitir ao aluno algumas diferenças que existem entre culturas,

mesmo que estejam próximas. Como sabemos, hoje existe uma perspectiva que nos aproxima a outros países e, para que essa mentalidade se mantenha de forma saudável, é necessário preparar os alunos para a mesma, promovendo valores como a tolerância, sendo que as Línguas estrangeiras e, neste caso concreto, Espanhol têm um papel fundamental a desempenhar pois as aulas da disciplina são um excelente momento para, mais que palavras, usufruírem de exemplos de diferenças que fazem com que vivamos num mundo culturalmente rico. Por fim, não podemos deixar de fazer referência a um dos defeitos que, acreditamos, justificam a displicência com que, por vezes, se olha para a disciplina, isto é, consolidação em demasia e, por outro lado, o não surgimento de matérias novas à medida que os alunos vão evoluindo em Espanhol. Nesse sentido, cremos que os alunos de iniciação não sofrerão tanto com esta problemática, no entanto, os que tomem a opção de estudar Espanhol de continuação sim. Posto isto, é crucial que se insiram outros conteúdos nos programas e, principalmente, que se prepare a disciplina para um período que vá para lá dos três anos. Como vimos, existem alunos que podem estudar Espanhol durante três anos e, como é evidente, podem e devem ter a oportunidade de ter um conhecimento muito maior relativamente à língua e aos contextos em que se insere. Assim sendo, se pretendemos que Espanhol seja valorizado, não só pelos alunos, mas por todos, é importante dar o passo seguinte e criar uma dinâmica que faça com que seja uma disciplina apetecível, não só para ter boas notas, mas sim para aprender um idioma falado por quase 400 milhões de pessoas e conhecer países fantásticos, um deles que nos é próximo, não só geograficamente, mas também pelas várias ligações que existem com Portugal.

2.2 Aprender vs memorizar

Cada indivíduo é, indiscutivelmente, o resultado de todas as experiências que viveu ao longo da vida. Sendo a racionalidade uma das características que nos distingue de outros seres vivos, procuramos viver próximos do que nos faz felizes e, naturalmente, longe do que não gostamos. Assim, para que consigamos fazer esse tipo de identificações, é importante que vamos adquirindo aprendizagens ao longo da vida. Na verdade, desde o momento em que nascemos até àquele em que partimos, vivemos, constantemente, num processo de aprendizagem. Ora, se refletirmos um pouco, notamos que muito do que somos é consequência de experiências vividas e dos conselhos que as pessoas que nos são próximas nos foram dando. Exemplificando com casos mais flagrantes, se uma criança for mordida por um cão, é natural que, como consequência dessa experiência, venha a ter medo desse animal tal como, noutros casos, não precisamos de colocar as mãos no fogo para saber que ele queima sendo que, não o fazemos pelo facto de nos ter sido inculcado que seria prejudicial. Com estes factos, queremos apenas realçar a importância das aprendizagens que vamos adquirindo ao longo da vida pois, com elas, estaremos, seguramente, mais perto de optar por aquilo que nos faz feliz.

Contudo, embora esta questão seja discutível, podemos, em termos figurativos, referir que existe um filtro que nos permite dar mais relevância a algumas experiências, normalmente, às que mais nos marcaram e àquelas que nos foram mais úteis. Nesse sentido, se um aluno apresentar um comportamento que leve o professor a expulsá-lo da aula, pela racionalidade que tem, dificilmente repetirá tal postura já que, pela experiência que viveu, tentará evitar uma situação infeliz. Ainda assim, convém dizer que esta é uma questão subjetiva pois, como sabemos, cada aluno é um caso e, ao contrário do que acontece com as ciências exatas, não existem garantias de que, perante a mesma atitude de um docente, dois alunos reajam da mesma forma. Com isto, pretendemos transmitir que um discente poderá ver na expulsão de uma aula algo muito negativo mas, noutras perspetivas, pode ser algo positivo. Perante estas ideias, é importante esclarecer que parece algo óbvio mas, não podemos esquecer, existem diversas estratégias que levam professores a acreditar que existem atitudes milagrosas que motivam as reações desejadas. Relativamente a elas, queremos manifestar o nosso respeito mas, ao mesmo tempo, afirmar que nenhuma poderá ser perfeita, ou seja, poderão servir para alguns casos mas nunca para todos. Assim, seguindo o nosso raciocínio, se um aluno encarar uma experiência como sendo negativa, nomeadamente um pedido para que se retire de determinada aula, é esperável que evite repeti-la, sendo que isto só será possível com o uso da memória.

Tal como temos defendido, aquilo que aprendemos só se torna em conhecimento caso utilizemos esse conteúdo no futuro e, para que isso aconteça, é necessária, naturalmente, a memória (Oliveira, 1992). Sem ela, viveríamos num vazio, tal como acontece com um computador que perde todos os seus ficheiros relevantes. Assim, deve ser objetivo de qualquer docente levar os alunos a considerar todos os conteúdos trabalhados em aula como importantes sendo que, a forma mais eficaz de o fazer será, evidentemente, trabalhar as matérias com o intuito de que os discentes as possam adaptar às suas vidas. Na realidade, esse deve ser o objetivo, não só na disciplina de Espanhol, mas também em todas as outras. Como sabemos, o ensino é 'somente' uma ferramenta que permite aos alunos construir as suas próprias ideias e, naturalmente, estarem preparados para o mundo, não só do trabalho, mas também aquele que nos é comum a todos, ou seja, o quotidiano.

Conscientes de que vivemos uma realidade que nos permite estar próximos de outros países, independentemente dos quilómetros que nos separam, consideramos que é fundamental promover o cosmopolitismo, algo que, acreditamos, enriquecerá os alunos, não só culturalmente mas também na forma como veem o mundo. Nesse sentido, não temos dúvidas de que as aulas de Línguas estrangeiras, onde se insere Espanhol, têm uma responsabilidade acrescida no que à promoção desta mentalidade diz respeito. Assim, recomendamos que se encare a disciplina de outra forma, ou seja, que cada lição não se resume a ensinar apenas a língua mas que também exista um investimento nos conteúdos socioculturais que, para além de darem a conhecer novas realidades, sejam uma ótima forma de preparar os discentes para as diferenças que poderão encontrar em todo o mundo e, por que não, no próprio país.

Nas aulas de Espanhol, acreditamos que o professor deve ajudar os alunos a aprender a língua e, à medida que a vai ensinando, vai introduzindo conteúdos socioculturais. Como é evidente, a melhor forma de aprender outro idioma é utilizando-o pois, para além de a prática ser o meio mais eficaz para aprender uma língua, será também o momento mais indicado para errar visto que, acontecendo isso e tendo alguém por perto que corrige, terá a possibilidade de ultrapassar essa lacuna. Nesse sentido, convém destacar a importância da prática, o que contrasta com aulas meramente expositivas e, para além disso, valorizar o erro que, ao contrário do que a generalidade pensa, é uma das formas que nos poderá fazer evoluir mais e melhor. Assim, seguindo o nosso raciocínio, a disciplina necessita que, mais que os alunos entendam, por exemplo, um conteúdo gramatical, consigam usar o mesmo no futuro sendo que, para isso acontecer, terão de utilizar a memória - que costuma funcionar melhor quando se refletem esses conteúdos (veja-se Zayas, 2006). Nesse caso, se as matérias trabalhadas num dado momento são recordadas e utilizadas posteriormente, falamos de uma aprendizagem que se transformou em conhecimento. Naturalmente, nenhum ser humano tem capacidades para armazenar toda a informação que lhe foi transmitida por isso, no momento em que ela é necessária, conseguimos entender se ela foi, de facto, aprendida e se se trata de, efetivamente, conhecimento. Por outro lado, caso aprendamos algo num dado momento, é certo que nos lembraremos nos minutos e até nas horas seguintes, no entanto, para além de existir a possibilidade de esquecermos essa informação depois disso, ela pode vir a ser inútil se não a conseguirmos utilizar na nossa vida. Tal como se afirma em INED21 (2015): “La aplicación de lo aprendido a situaciones reales y constantes (diferentes a la “situación aula”) y la (auto y hetero) evaluación permanente, es la vía que transforma al aprendizaje en conocimiento”

Desta forma, pela importância que tem entender as matérias lecionadas nas aulas para posterior utilização, entendemos que aprender se trata de algo intimamente relacionado com o momento em que a informação chega até nós mas, se queremos transformar essa aprendizagem em conhecimento, necessitamos obrigatoriamente da memória. Posto isto, sabemos que nem tudo o que aprendemos será necessário num futuro próximo no entanto, como o saber não ocupa lugar, a memória assume um papel preponderante no armazenamento dessa informação que, indubitavelmente, se tornará conhecimento se for utilizado posteriormente. No caso da disciplina de Espanhol, estando conscientes de que nenhum conteúdo é autónomo, isto é, todos estão interligados, é crucial que um aluno vá criando ligações entre as matérias para que, de uma forma natural, possa utilizar o idioma usufruindo de uma absoluta complementaridade entre conteúdos. Conscientes de que nesta disciplina não existem matérias mas sim uma evolução que tem obrigatoriamente de ser sustentada, entendemos que é importante aprender em dado momento mas, se não o conseguirem utilizar e complementar com outras matérias através da memorização, jamais serão conseguidos os resultados pretendidos logo, para o sucesso, é tão necessário aprender como memorizar pois, “memoria y aprendizaje son dos procesos interdependientes” (INED21, 2015).

2.3 O papel dos conteúdos socioculturais da língua estrangeira no desenvolvimento pessoal e social do aluno

Ao longo das últimas décadas, a ideia de que a escola é a segunda casa de todas as crianças, jovens e, inclusive, de alguns adultos deixou de fazer sentido. Na realidade, vivemos um momento em que esses espaços devem ser encarados como a primeira pois, se refletirmos um pouco, a maioria passa mais tempo lá que no seu lar, juntamente com os pais. Quanto a isso, consideramos injustas algumas críticas que, por vezes, são feitas aos progenitores pois, acreditamos, também são vítimas da sociedade em que vivemos. No entanto, estes factos apenas reforçam a ideia que queremos transmitir, isto é, a escola tem a responsabilidade de “fazer adquirir competências e/ou conhecimentos” (Porto Ed., 2013), tal como o pai e a mãe devem procurar educar no sentido de “ensinar a adotar um comportamento tido como socialmente correto” (Porto Ed., 2013). Assim, considerando que o nosso lar é considerada a nossa primeira casa por ser aí que nos sentimos bem, tal como é uma das bases principais da nossa educação, o local onde se estuda terá de ter a mesma importância pelo tempo que passamos lá, sendo que se for considerada como segunda, isso implicará que não é tão ‘nossa’ como, na verdade, é.

Perante esta mudança de paradigma que leva as escolas a ganhar ainda mais importância nas nossas vidas, os docentes terão de se adaptar a essa nova realidade, procurando ir mais além, ou seja, não só transmitir conhecimentos relacionados com as disciplinas em questão, mas também valores que, para além de melhorarem o futuro profissional de cada um, farão deles grandes seres humanos. Com isto, é importante que se abandonem convicções de enaltecer apenas o conhecimento científico em detrimento do fator humano já que, não temos dúvidas, ambas são necessárias (Gómez Molina, 2004). Para além disso, queremos condenar, categoricamente, posturas adotadas por alguns docentes que visam o distanciamento da responsabilidade de transmitir valores aos discentes com o argumento de que, para essa questão, existem os pais sendo que, naturalmente, os alunos terão de trazer as ‘bases’ de casa, isto é, esta transmissão de valores nunca deverá depender totalmente dos docentes. Mais uma vez, destacamos a importância da Escola, não só pela quantidade de tempo em que está responsável pelos alunos mas também porque a função da mesma é, efetivamente, educar e, nesse caso, isso engloba tanto a dimensão científica, como a humana.

Tendo em conta que nenhum professor tem capacidades para apoiar individualmente e da melhor forma dezenas de alunos, é importante que, nas disciplinas pelas quais são responsáveis, invistam num trabalho que tenha em vista o desenvolvimento dos alunos, quer pessoal, quer socialmente. Assim, para além daquilo que é comum a todas as disciplinas e que, nesse sentido, cada professor deve trabalhar, existem também outros pontos fundamentais que algumas têm o dever de explorar. No caso de Espanhol, acreditamos que uma das questões fundamentais são os conteúdos socioculturais que, não tenhamos dúvidas,

podem ser decisivos para que os alunos tenham uma visão do mundo bem mais tolerante. Embora existam casos em que se trabalham competências de forma isolada, isso não invalida que os alunos criem as chamadas ‘pontes’ entre elas logo, seguindo o nosso raciocínio, os conteúdos socioculturais podem ser importantes para aceitar outra cultura mas, acreditamos, poderão servir também para outros momentos da vida de um discente, nomeadamente, uma situação em que se depare com algo que não lhe seja tão familiar mas que, por já ter vivido situações em que aceitou a diferença, não será tão complexo voltar a fazê-lo. Para além disso, não podemos desconsiderar a importância que tem conhecer uma das línguas mais faladas do mundo e, não menos importante, saber mais sobre os países que a falam, nomeadamente o nosso vizinho.

Como já foi referido, os programas das Línguas estrangeiras são muito semelhantes o que, por um lado, tem uma certa lógica pelo facto de se basearem no ensino de um idioma mas, por outro lado, não faz qualquer sentido tendo em conta que, para um português, aprender espanhol é diferente de aprender inglês, tal como acontece com francês ou alemão. Explicando melhor a nossa posição, devemos, em primeiro lugar, entender que, apesar das diferenças, todas são línguas estrangeiras e, por isso, é compreensível que tenham alguns pontos importantes em comum no momento em que são ensinadas, estando aí a questão com a qual concordamos. No entanto, é absolutamente essencial que se considerem as diferenças entre as Línguas estrangeiras e, mais que isso, que se tenham em conta as dissemelhanças entre elas e a própria língua nativa. Sem que sejam necessários grandes conhecimentos sobre outros idiomas, todos conseguimos concluir que o espanhol se aproxima mais do português, isto comparativamente com o inglês o que, evidentemente, exige cuidados diferentes no momento em que se ensinam. Com estas afirmações, não pretendemos referir que uma é mais simples que a outra mas, sejamos honestos, um aluno português terá mais facilidade em entender uma frase simples escrita em Espanhol que em Inglês o que, na realidade, nos faz sugerir que o ponto de partida para aprender Espanhol terá de ser mais exigente que o de Inglês para que, na realidade, o nível de dificuldade não seja tão distinto.

No que concerne aos conteúdos socioculturais, o investimento nesta área também deve ser diferente pois, como já vimos, falamos de vários países que falam a língua mas, na verdade, existe um que merece especial atenção por estar tão próximo de nós. Assim, consideramos que transmitir conhecimentos relacionados com uma realidade que nos é próxima seria positivo já que, para além de serem abordadas novas culturas, outros costumes e outras formas de pensar, é uma excelente oportunidade para criar uma perspetiva diferente na mente dos alunos, mostrando-lhes outros locais onde, quem sabe, poderão vir a viver e trabalhar. Algo que, neste caso, também seria extremamente proveitoso é a reflexão que leve a elos de ligação entre ambas as pátrias que, como se sabe, têm algumas diferenças mas, não há como negar, também têm muitas semelhanças. Assim, não sendo nosso objetivo investir em demasia em conteúdos relacionados com a disciplina de História, seria interessante ajudar os alunos a entender um pouco sobre aquilo que existe em Portugal,

conhecendo Espanha. Tendo em conta que se daria alguma atenção ao passado, recomendamos que também fosse dado protagonismo ao presente sendo que, nesses casos, os programas deveriam oferecer mais autonomia aos docentes que, com isto, teriam oportunidade de levar qualquer assunto pertencente à atualidade espanhola e que, naturalmente, teria de provocar a reflexão em contexto de aula, para além do caráter informativo que, obviamente, os materiais deviam ter.

Apesar de todas as sugestões acima referidas estarem sujeitas à forma como o docente as trata, tal como qualquer conteúdo, consideramos que seriam medidas positivas para aquilo que é o ensino de espanhol no nosso país. Por vezes, existe uma aposta desmedida na criatividade o que, na nossa opinião, acaba por eliminar o significado que uma aula deve ter. Na verdade, parece-nos que ficou claro que pretendemos quebrar a monotonia e, inclusive, algum conservadorismo existente no Ensino em Portugal mas, para que isso aconteça, devem existir alguns cuidados. Tal como uma lição não é um monólogo do professor no qual não se deve ouvir sequer a respiração dos presentes, a verdade é que também não se trata de uma brincadeira no intervalo. Na nossa opinião, a disciplina é fundamental mas, entenda-se, de forma equilibrada, tratando os conteúdos programáticos de uma maneira que cative os alunos, ou seja, podemos ter uma aula em que os alunos podem, efetivamente, respirar e, sem que estejam a correr e aos saltos, mostrem gosto naquilo que estão a aprender. Para que isso seja uma realidade, pensamos que tratar as matérias adaptando-as à realidade serão uma forma extremamente eficaz de merecer a atenção dos discentes que, desta forma, também estarão mais perto de entender aquilo que lhes está a ser transmitido.

De facto, os conteúdos socioculturais são extremamente importantes no desenvolvimento pessoal e social do aluno e, para os transmitir, os professores de línguas são fundamentais. Como já vimos, a aquisição de saber é, por si só, uma forma de evoluirmos sendo que, convém dizer, tudo está dependente da forma como interpretamos as informações. Nesse momento crucial, o papel do docente é de importância máxima pois será, indubitavelmente, um apoio fundamental que poderá levar os alunos a pensar de forma correta, ainda que sem os influenciar. Assim, aquilo que pretendemos é que, no futuro, cada jovem valorize a aprendizagem de uma língua, não só pelo facto de vir a saber falar outro idioma, mas também porque tem a oportunidade de conhecer outra realidade. Não havendo disciplinas mais importantes, a verdade é que cada uma tem as suas virtudes que, convém dizer, também são responsabilidades. Um docente de Espanhol tem o dever de transmitir aos discentes que saber utilizar a língua é importante, conhecer o contexto em que ela é utilizada é igualmente necessário mas, não tenhamos dúvidas, respeitar tudo isso é o principal. Embora pareça algo óbvio, nem sempre as pessoas consideram o que está à volta da questão mas, por vezes, é lá que está a solução. Dominar um idioma é positivo mas, não podemos esquecer, isso só poderá ser feito da melhor forma conhecendo o que o rodeia. Perante isto, um indivíduo só se poderá inserir na sociedade da melhor forma conhecendo e

tolerando a diferença sendo que, na nossa opinião, isso pode e deve ser trabalhado nas aulas desta disciplina, o que faz dos conteúdos socioculturais algo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno. Tal como indica o quarto pilar da Educação de Jacques Delors (1999: 82):

Aprender a viver juntos, aprender a conviver com os outros - Aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências, realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos - no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

2ª parte: Estágio pedagógico

Capítulo I

O saber é sinónimo de crescimento e, ao longo dos últimos anos, fomos adquirindo um vasto leque de conhecimentos que faz de nós seres instruídos, mas sempre descontentes. Na verdade, vivemos num processo que somente terminará quando fecharmos os olhos e, até esse momento, teremos sempre a ambição de conhecer mais sobre o mundo que nos rodeia, alimentando a nossa essência à medida que vamos corrigindo alguns erros ou antecipando outros. No fundo, pretendemos dominar o futuro através da sabedoria, ainda que estejamos conscientes de que isso jamais acontecerá visto que nenhum Homem tem a capacidade de conhecer tudo o que pertence ao Mundo.

Costumam dizer que “querer é poder” e, de facto, é uma afirmação que tem todo o sentido se a adaptamos à vontade de descobrir mais sobre as temáticas que consideramos importantes para a nossa evolução. Sendo de letras e repudiando a tentativa de elevar algumas áreas em detrimento de outras, podemos concluir que, tal como a Matemática é uma ciência exata, a vontade de aprender também só poderá ter um resultado: um indivíduo cada vez mais dotado e, conseqüentemente, melhor preparado para as circunstâncias da vida.

Como já foi referido anteriormente, é difícil saber o que nos trará o futuro e, tendo isso em conta, resta-nos trabalhar para que, para a maior surpresa, tenhamos a melhor resposta. Ainda assim, já distantes do inesperado, estão as questões previstas e nós, alunos deste mestrado sabíamos que, a partir do momento em que assumíamos o compromisso de trabalhar para concluir esta etapa, teríamos de enfrentar dois anos, sendo um deles marcado por uma presença efetiva numa escola, colocando em prática tudo o que havíamos aprendido até àquele momento.

Diz-se que o saber nunca é demais, mas, inevitavelmente, apenas terá uma valorização superior se o utilizamos de forma proveitosa. Na minha opinião, o estágio é um degrau fundamental nesta escada que vimos subindo e, apesar de não o considerar decisivo, terá de ser destacado pois é aí que, para além de ser esse o momento em que temos a percepção da nossa preparação teórica, é também o ponto em que convivemos diretamente com o contexto escolar. Indiscutivelmente, o docente terá de estar capacitado cientificamente para exercer a sua profissão, mas, se não conseguir transmiti-lo aos seus alunos, funcionará como um indivíduo que tem um grande carro mas não o consegue conduzir. Perante este desafio, esta é uma etapa decisiva que nos permite saber se conseguimos, mais que conhecer, ensinar e, no meu entender, isto apenas seria possível numa escola, perante várias turmas, cada uma com as suas características e, conseqüentemente, com um grau de exigência diversificado.

Neste último ano, a Escola Secundária Campos Melo ofereceu-nos a oportunidade de integrar esse importante ambiente escolar, deparando-nos com diversas turmas, lecionado a umas conteúdos pertencentes aos programa da disciplina de Português e a outras da disciplina

de Espanhol, contando sempre com o apoio imprescindível das Professoras Orientadores que, diariamente, nos fizeram sentir parte integrante do corpo docente, nunca deixando de lado a crucial crítica construtiva que nos permitiu crescer. Para além disso, também contámos com a sabedoria e experiência de dois dos nossos já bem conhecidos Professores da Universidade da Beira Interior que, nas aulas em que marcaram presença, detetaram alguns pontos em que poderíamos melhorar, falando posteriormente connosco para que os pudéssemos corrigir, resultando também na nossa evolução positiva enquanto docentes. Assim, no presente capítulo, abordarei este ano fundamental, caracterizando de uma forma mais profunda a escola e as turmas nas quais tivemos o gosto de lecionar.

1.1 Caracterização da escola

Situada no centro da Covilhã, falar sobre a Escola Secundária Campos Melo é falar de um dos estabelecimentos de ensino com mais tradição em Portugal. Com um papel fundamental para a localidade onde se insere, surge em 1884 como Escola Industrial na então famosa *Manchester* portuguesa, tendo como finalidade “ministrar o ensino apropriado às indústrias predominantes n’aquella localidade, devendo este ensino ter uma forma eminentemente prática” (MOPIP, 1884).

Como havia dito um dia Camões, “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” e a escola que nascera nos finais do século XIX foi-se adaptando aos contextos em que foi vivendo, passando, evidentemente, por momentos áureos e por outros menos positivos, por vezes provocados pelas políticas que foram existindo na “ocidental praia lusitana”. Ainda assim, perante todas as vicissitudes com que se foi deparando, soube reagir corretamente conforme podemos confirmar 133 anos depois, sendo hoje uma escola que oferece as melhores condições para diferentes gerações, de miúdos a graúdos com uma oferta formativa que atrai alunos de toda a região.

Desde o Ensino Básico ao Secundário, falamos de uma instituição que se destaca pelas oportunidades que oferece a toda a sociedade, inovando sem desprezitar a tradição que a caracteriza. Assim, considerando as informações presentes no Projeto Educativo 2014/2018 (Campos Melo) da Escola Secundária Campos Melo que remete para o ano letivo 2014/2015, entendemos que ela era maioritariamente constituída por docentes pertencentes ao Quadro de Escola e que exerciam a profissão há dez ou mais anos, estando a idade da maioria entre os quarenta e cinquenta anos. Dois anos depois, como estagiário, encontrei uma realidade muito semelhante que, na verdade, nos fazia sentir muito jovens, rodeados por colegas que, pela sua faixa etária, podiam ser nossos pais. Perante isso, queremos destacar a importância deste fator naquilo que é a estabilidade de um estabelecimento de ensino, mas, por outro lado, não sendo meu objetivo ter um comentário tendencioso, acredito que seria extremamente positivo que existisse mais equilíbrio nas idades dos professores. Assim, valorizamos a experiência, mas, da mesma forma, acreditamos que a juventude também é importante, não só para o corpo docente, mas também para os discentes.

Tendo como base o mesmo documento, conseguimos concluir que o público jovem de 2014/2015 residia, não só na cidade, mas noutras localidades que se encontram perto da Covilhã. Ao longo do último ano letivo, também conseguimos entender que havia alunos de várias freguesias que fazem parte da cidade, mas, é importante referir, existem muitos que vêm diariamente de outros locais como Fundão ou Belmonte. Quanto a esses dados, eles são facilmente justificáveis com a vasta oferta formativa que a antiga Escola Industrial hoje possui, havendo oportunidades que apenas existem ali e que, por isso, motivam pessoas de outros locais um pouco mais distantes a fazer um esforço para estudar cá.

No ano letivo 2016/2017, segundo um cartaz da Campos Melo, entendemos que os alunos podem estudar lá desde o 7º até ao 9º, ou seja, todo o Ensino Básico e, para além disso, terão a possibilidade de integrar os CEF. No que concerne ao Ensino Secundário, existem várias opções tais como os cursos científico-humanísticos de Línguas e Humanidades, Ciências e Tecnologias e Artes Visuais, os cursos profissionais de Auxiliar de Saúde, Apoio Psicossocial, Comercial, Desenho Digital 3D, Gestão de Equipamentos Informáticos, Manutenção Industrial e, por fim, Receção. Para além disso, também há a Educação para Adultos, ou seja, em regime noturno, existe a possibilidade de realizar o EFA Secundário e os RVCC.

Considerando a importância que esta escola tem no panorama regional, algo que é comprovado com a oferta educativa que apresenta e com o conseqüente número de alunos que opta por estudar lá, acredito que as instalações deste estabelecimento de ensino deveriam ser remodeladas, tornando aquele espaço mais moderno e adaptado à atualidade. Ainda assim, convém dizer, é um espaço que está preparado para responder às necessidades que uma aula tem, estando as salas equipadas com equipamentos tecnológicos de qualidade.

Com a oportunidade de estagiar na Escola Secundária Campos Melo, aliando essa experiência ao facto de lá ter estudado, acredito que tenho uma opinião mais completa sobre esta instituição. Baseando-me nesses dois momentos em que integrei a escola em questão, tenho de destacar a exigência e rigor com que nos deparamos diariamente, algo que considero extremamente positivo, quer para os alunos, quer para os professores. Na verdade, é notório o esforço do pessoal docente para que os alunos se desenvolvam da melhor forma e, no que diz respeito aos alunos, de forma geral, é vivido um ambiente de respeito por toda a escola, sendo que, quando existem problemas, normalmente estão relacionados com os mais novos, ainda que não sejam casos graves. Por outro lado, não querendo ser redundante, já achava que a Campos Melo necessitava de algumas melhorias e, alguns anos depois, mesmo que se notem algumas alterações, continuo com a opinião de que a mesma deveria ser modernizada para o bem de todos pois, não tenhamos dúvidas, o ambiente de uma escola é fundamental para que o aproveitamento dos discentes seja o melhor.

Ainda assim, independentemente dos pontos negativos e positivos, foi uma honra ter tido a oportunidade de estagiar numa escola que foi fundamental na minha evolução, quer no Ensino Secundário, quer neste último ano de Mestrado. De facto, esta segunda passagem foi uma excelente forma de mostrar 'as duas faces da moeda' num momento em que faço essa

transição, isto é, de aluno para professor. Com essas comparações que, na minha opinião, são naturais, consegui analisar várias situações de outra forma, pensando sempre como professor, mas, como a profissão o exige, nunca deixando de me colocar no lugar dos alunos que, afinal, há pouco tempo foi ocupado por mim. Contudo, apesar da vantagem de ter estado na posição dos discentes naquele espaço, isso não invalida que o tente fazer sempre, seja em que escola for. Desta, guardarei boas recordações, inclusive a motivação que tive diariamente para aprender para que, mais que ser um bom estagiário, seja um grande professor. Obrigado!



Fig.1 - Fachada da Escola Secundária Campos Melo

1.2 Caracterização das turmas atribuídas

Pelo país fora, existem várias escolas que possuem a sua especificidade, o que faz de cada uma delas um contexto único, influenciado pelos indivíduos que a integram. Assim, acredito que, de entre todos, os alunos são aqueles que merecem maior atenção, já que todas as atividades que se promovem serão, naturalmente, organizadas tendo em vista a formação do aluno não apenas no âmbito científico, mas também como ser humano que vive em sociedade.

Consciente de que os discentes são o centro dos estabelecimentos de ensino e que é baseado neles que o mesmo determina as suas estratégias, a grande dificuldade estará concentrada na diversidade existente no meio escolar que, na minha opinião, será cada vez maior, dado que vivemos numa Aldeia Global onde, mais que ter acesso a informações que circulam no outro lado do mundo através de tecnologias cada vez mais rebuscadas, existe uma facilidade crescente em poder estudar em países diferentes, ainda que distantes. Contudo, é igualmente importante referir que a dificuldade pode ser positiva caso seja encarada da melhor forma e aqui não é exceção.

Se refletirmos um pouco, facilmente chegamos à conclusão de que viajar é uma bela forma de enriquecer a mente visto que convivemos com uma realidade diferente, mesmo que

apresente muitas semelhanças com aquela em que nos inserimos na maioria dos dias. Assim, não é necessário ir até ao outro lado do mundo para aprender, sendo possível que um habitante da freguesia do Tortosendo aprenda com outro do Ferro. Como é óbvio, quanto maior for a proximidade, menor será a diferença, mas ela existirá sempre e, nesse sentido, parece-me importante explorá-la.

Como na sociedade, a Escola vê-se obrigada a definir grupos, mais conhecidos como turmas, utilizando alguns critérios de seleção que permitem uma maior homogeneização. Com esta realidade, as diferenças são reduzidas, mas não extintas. Como afirmei anteriormente, as dissemelhanças poderão ser úteis se forem bem exploradas, resultando numa boa hipótese de viajar, mesmo que fiquemos dentro de uma sala. Assim, nesta tarefa, o professor é fundamental mostrando, desde logo, que o que é diferente do que conhecemos deve ser respeitado e não discriminado, mantendo um ambiente saudável na aula. De seguida, deverá ser valorizado qualquer comentário que diga respeito à matéria, valorizando a participação em aula e aproveitando para dar novas perspetivas a toda a turma. Tendo tudo isto em conta, é realmente importante destacar que as diferentes histórias de vida e as consequentes distintas formas de pensar deverão ser aprofundadas, levando os discentes a ir mais além, isto é, provocar uma reflexão que tenha em conta fatores até então desconhecidos, algo que permitirá entender que não há apenas uma perspetiva correta ou, mesmo havendo, poderá ser complementada com outras. Assim, perante turmas repletas de diferenças, o professor terá a função de as tornar úteis, terminando com o mito de que são um impedimento para a concretização de algumas metas.

1.2.1 Turmas de Português

Ao longo do último ano letivo e no que diz respeito à disciplina de Português, tivemos a oportunidade de trabalhar apenas com uma turma, algo que se revelou fundamental nesta fase primária para criar uma empatia com a mesma, bem como avaliar a nossa evolução de uma forma mais justa, visto que, ao manter o mesmo público-alvo, tivemos oportunidade de nos adaptar a ele, corrigindo algumas lacunas que, naturalmente, surgem nesta fase inicial da nossa carreira.

Apesar de a nossa experiência ser escassa, a nossa Orientadora de Português teve uma atitude arrojada e decidi colocar-nos a trabalhar com o 9ºA, turma que, na minha opinião, se encontrava numa das fases mais importantes do seu trajeto. Para além de ser um ano em que os alunos terão de realizar um exame nacional, é também um momento crucial devido à grande proximidade que existe com um momento decisivo para a vida deles: optar por um curso que determinará, não só o que farão no Ensino Secundário, mas também o que poderão seguir, caso seja esse o seu desejo, no Ensino Superior.

Como se costuma dizer e, penso eu que bem, quanto maior é a exigência, maior será o crescimento e, com o estágio a Português, isso verificou-se. Pensando para além das habituais considerações que me levam a afirmar que ser professor é uma das profissões mais

gratificantes, terei de deixar bem vincada uma das questões mais importantes que estão associadas à docência: a responsabilidade. Apesar de parecer algo intimamente ligado a esta carreira, talvez seja algo que não é tido em conta com tanta frequência como se desejaria. Nesse sentido, acredito que será também por aqui que se define uma linha que separa o bom e o mau profissional.

A partir do momento em que nos tornámos professores estagiários, foi importante refletir sobre qual era o nosso papel naquele contexto. Naturalmente, não existia a responsabilidade diária que a nossa Orientadora tinha mas, nas várias ocasiões em que demos aula, éramos igualmente responsáveis pelo futuro daqueles jovens. Muitas vezes, fala-se de que devemos ter em consideração o fator experiência e, quanto a isso, não podemos estar mais de acordo. Ainda assim, no momento em que exercemos a nossa função, esses pensamentos nunca poderão passar pela nossa mente, já que temos tanta responsabilidade como uma pessoa que está em fim de carreira, isto é, se o aluno não aprender connosco é tão negativo como não aprender com alguém que está em final de carreira, já que as consequências serão más em ambas as situações.

Longe de uma falsa nostalgia, apenas poderemos demonstrar gratidão para com aquele grupo de 27 alunos que, ao longo do ano, nos fez evoluir positivamente, existindo uma mescla de compreensão para com o nosso nervosismo, não deixando de nos colocar à prova com perguntas complexas mas que, só com elas, poderíamos testar as nossas capacidades de, mais que saber, transmitir da melhor forma os nossos conhecimentos. Ainda assim, seria falso afirmar que tudo foi positivo e, podemos agora afirmar, ainda bem que assim foi.

Poderá circular por aí a ideia de que qualquer professor sonharia com uma turma de crianças bem comportadas, que estudam regularmente e que, como consequência, obtêm excelentes resultados mas, quanto a mim, isso não poderá ser encarado como uma verdade absoluta. No que lhe diz respeito, pensamos que se trata de um cenário impossível pois, ser professor, é lidar com a habitual irreverência que cada criança tem e que faz dela alguém feliz. Muitas vezes, e talvez devido à crescente relação que temos com as tecnologias, exigimos muito das pessoas, inclusive de jovens, pedindo a perfeição como se fossem um robot. No meu caso, não podia estar mais em desacordo. Ser professor não se resume a transmitir conhecimentos, ou seja, devemos ter em conta que o nosso público são jovens que se encontram em plena fase de crescimento e que, por isso, terão atitudes que correspondem à sua maturidade, ou falta dela. Nós, como docentes, estamos ali para os alertar, para os corrigir e ajudar a crescer, isto é, estaremos a educar. Posto isto, para os que sonham com o cenário que coloquei em evidência no início do parágrafo, o conselho será seguirem outra carreira que não esta. Na minha opinião, um dos grandes desafios do professor é fazer crescer os alunos, não só intelectualmente, mas também como seres humanos e, caso cheguem até nós sem margem de progressão, a nossa motivação nunca será a mesma.

Em relação ao 9ºA, era uma turma constituída por crianças educadas e que, não tenho dúvidas, não nos queriam prejudicar. Ainda assim, o facto de a idade dos alunos andar entre os treze e os quinze anos, sendo que a maioria não apresentava retenções no seu passado

estudantil, ou seja, grande parte nasceu em 2002, levou-nos a momentos em que eles conversavam em demasia, não prestavam a devida atenção mas que, ainda assim, não colocavam problemas que prejudicassem o bom funcionamento das aulas. Com isto e remetendo para algo que vim dizendo, são situações que fazem parte da nossa carreira e que nos obrigaram a encontrar estratégias para as evitar, fazendo de nós professores melhor preparados para o futuro, enquanto os alunos iam percebendo que não estavam a proceder de forma correta, existindo situações em que chegaram a pedir desculpas pelas suas atitudes irrefletidas após o término das aulas. Para além destas questões, terei de deixar bem vincada a ideia de que, de um modo geral, todos mostravam um enorme interesse pelo que se estava a trabalhar, tendo uma participação acima do habitual que, felizmente, era positiva. Apesar disso, não posso esquecer que existiam alunos que apresentavam algumas dificuldades, havendo sete que necessitavam de apoio pedagógico à disciplina. Perante essa situação, é importante referir que, deste grupo, alguns conseguiram obter positiva no final do ano, sendo isso uma demonstração de que todo o nosso trabalho foi um sucesso.

1.2.2 Turmas de Espanhol

Contrariamente ao que sucedeu na disciplina de Português, esta deu-nos a possibilidade de trabalhar com várias turmas, o que também nos permitiu moldar o nosso comportamento perante um público com faixas etárias diversificadas e, naturalmente, com necessidades diferentes, também elas associadas à fase de aprendizagem em que se encontravam.

Se, por um lado, foi positivo ensinar na mesma turma durante todo o ano letivo, por outro, foi também muito gratificante a oportunidade de lecionar perante grupos diferentes, o que nos foi obrigando a encontrar várias estratégias, adaptando-nos aos alunos que tínhamos à nossa frente. Perante esta realidade, tivemos a felicidade de testar as nossas capacidades ante vários contextos, desde crianças de 7º ano a jovens de 11º ou, no que diz respeito aos níveis, desde o mais básico ao quinto, não esquecendo o número de alunos presentes na aula, existindo algumas em que estiveram vinte e nove e outras em que eram ‘apenas’ dez.

Tendo em conta a diversidade existente e conscientes de que existem turmas mais exigentes que outras, nomeadamente no que ao comportamento diz respeito, a nossa Orientadora decidiu, por sorteio, atribuir-nos uma turma no primeiro período, ficando cada Professor estagiário com uma diferente, havendo a promessa de que, no período seguinte, trabalharíamos com outra, sendo esta uma forma de, no final do ano, todos termos trabalhado com as mesmas, ainda que com uma ordem diferente.

No que me diz respeito, ficou definido que trabalharia com o 8ºA/B, uma turma de Espanhol II constituída por alunos de duas turmas que se juntam para aprender esta língua, tal como existem outros que, nos mesmos moldes, se juntam para aprender francês. Apesar de estar perante alunos de conjuntos diferentes, o comportamento foi como se todos

pertencessem à mesma turma em todas as disciplinas, não existindo a timidez ou formação de grupos que, por vezes, se verifica neste tipo de situações, o que acaba por perturbar a aprendizagem e, conseqüentemente, o bom funcionamento das aulas. Por outro lado e, neste caso, falando de algo extramente negativo para a aula é o péssimo comportamento dos alunos, existindo um que se destaca pela falta de interesse e, pior ainda, de educação. Apesar de ser apenas ele o maior responsável por situações menos próprias para aquele contexto, a postura que apresenta acaba por distrair a grande maioria dos presentes, para além de influenciar outros companheiros em algumas situações. Assim, a realização de atividades que promovessem a participação dos alunos acabava por resultar em motivos para destabilizar o bom funcionamento da lição pois, para além de não responderem ao que lhes era pedido de uma forma muito clara, acabavam por gerar um ruído tremendamente inapropriado para aquele contexto. Posto isto, embora o meu desejo fosse apontar vários pontos positivos à turma em questão, acaba por ser difícil pois, na minha opinião, de entre 34 alunos, apenas duas alunas tinham um comportamento adequado mas que, raramente, participavam voluntariamente, quiçá inibidas pelo ambiente em que se encontravam.

No segundo período, após mais um sorteio, ficou definido que trabalharia com uma turma sobejamente conhecida na escola pelos piores motivos: o 7ºA. Inicialmente com 29 alunos, chegou até nós com 27 já que uma aluna tinha sido expulsa da escola e outro tinha de ter aulas individuais pois perturbava qualquer aula de cada disciplina. Para além disso, foram várias as cenas de violência verbal e física entre alunos desta turma nos períodos de intervalo, o que nos obrigava a intervir quando nos deparávamos com elas. Na aula, ainda que não existissem essas situações, a minha tarefa era igualmente complexa. Apesar de a maioria ter 12 anos de idade, a maturidade não correspondia e o comportamento não era o mais indicado. Ainda assim, naquelas em que tive oportunidade de lecionar, a minha estratégia foi bem conseguida, sendo possível manter uma atmosfera adequada na maioria do tempo, o que era raro com aquele grupo. Assim, o grande problema estaria sempre em situações pontuais como fazer um comentário sem sentido ou não copiarem o que o professor ia escrevendo no quadro. Ainda assim e creio que este dado é importante, este tipo de situações ocorria com maior frequência quando nos encaminhávamos para o final da aula, ou seja, quando os níveis de concentração eram reduzidos. Contudo, ao longo da aula, acredito que estavam atentos devido ao facto de o ritmo ser elevadíssimo e, para além disso, os materiais serem maioritariamente interativos.

Ainda no mesmo período letivo e também no seguinte, deparámo-nos com uma realidade completamente diferente já que nos foi pedido que lecionássemos numa turma de 11º ano com 10 alunos, 8 raparigas e 2 rapazes. Com um número consideravelmente inferior ao das outras turmas, o 11º A/B/C era constituído por alunos dos cursos científico-humanísticos de Artes Visuais e Ciências e Tecnologias, o que não era impedimento para um ambiente saudável entre todos. Com uma participação maioritariamente positiva, era visível o empenho de quase todos, havendo sempre um clima de respeito entre os elementos que faziam parte da aula. Para além de a grande maioria ter 17 anos de idade, o facto de ser uma

turma com poucos alunos, caso tenhamos em conta o contexto atual, era um fator de extrema importância para um bom funcionamento da aula já que, para além de não ser tão complexo dominar a turma, cada jovem tinha mais oportunidades para colocar as suas questões sem afetar em demasia o desenvolvimento dos conteúdos programados para a lição. Nesse sentido, não querendo colocar um rótulo de ‘turma de sonho’, posso afirmar que era um excelente grupo onde foi agradável lecionar.

Capítulo 2 - Reflexão do estágio

Depois de vários anos dedicados à teoria, realizar este estágio pedagógico acabou por ser algo que desejava bastante, não deixando de ser encarado com alguns pontos de interrogação pois integrava algo que acabava por ser uma novidade já que, mais que aprender, o desafio era transmitir conhecimentos a jovens, inseridos num contexto que poderia ou não ser favorável. Tendo isto em conta, a expectativa era grande, sendo ainda maior pelo facto de regressar a uma escola onde tinha estudado três anos.

Desde o ano letivo que antecedeu este que a minha ambição era estagiar nesta instituição pois sempre me pareceu bonito poder realizar o meu último ano de Mestrado onde, outrora, havia terminado o Ensino Secundário. Apesar de lá ter estudado, poucas pessoas na escola me conheciam pelo que, ao contrário do que se possa pensar, nunca a escolhi com o intuito de sair beneficiado por alguém gostar mais ou menos de mim. Como já foi referido, comecei, orgulhosamente, esta etapa do zero, sujeito a todas as dificuldades que me transformaram numa pessoa melhor preparada para o caminho que escolhi.

Desde início, foi fundamental encontrar o equilíbrio entre as duas disciplinas que lecionámos, dando-lhes a mesma importância já que a responsabilidade era igual para ambas. Para isso, foi fundamental organizar bem a minha agenda de trabalho, adequando-a sempre ao calendário de aulas que tinha. Felizmente, era possível dividir o calendário de cada período em dois, ou seja, numa parte estaria essencialmente focado numa disciplina e, no que restava de tempo, na outra, isto no que concerne às aulas observadas.

No primeiro período, dei quatro aulas, duas a cada disciplina sendo que, seguindo o que já foi mencionado, trabalhei, numa primeira fase, em Português e, posteriormente, em Espanhol. Na verdade, esta organização acabou por ser bastante positiva para mim já que me dava a oportunidade de preparar com tempo cada conjunto de aulas, especialmente estas que eram as primeiras e que, naturalmente, me colocavam com níveis de ansiedade muito elevados. Ainda assim, o acompanhamento das ‘minhas’ turmas era frequente já que, desde início, nos foi sugerido que fôssemos marcando presença nas aulas das mesmas para que as pudéssemos analisar bem e, como é evidente, aprender com as nossas Orientadoras que, para além de serem bastante experientes, já conheciam os alunos.

No segundo período e já devidamente adaptado ao contexto, a exigência também aumentou com um número maior de aulas e, no caso de Espanhol, com mais que uma turma. Assim, no que à língua nativa diz respeito, dei três aulas, todas numa semana, sendo que duas eram de 90 minutos e outra de 45. Habitualmente, as primeiras eram dedicadas às obras que estávamos a trabalhar e a mais curta seria utilizada para trabalhar conteúdos gramaticais. Assim, apenas poderei afirmar que esta organização era extraordinária, havendo uma demonstração de que, nas aulas de Português, existe um momento para tudo, apesar de nunca ser negado um esclarecimento correspondente a Gramática numa aula onde se estava a trabalhar uma obra. Na língua estrangeira, o método foi outro pois, inicialmente, dei três aulas a uma turma e, na fase final deste período letivo, dei outra a uma turma diferente.

Com esta experiência, tive a obrigação de me adaptar a um grupo diferente, com outras idades e também níveis de aprendizagem distintos, sendo que os resultados foram extremamente gratificantes.

No terceiro período, considerando a sua curta duração, não demos mais aulas em Português, o que não quer dizer que deixámos de marcar presença em algumas aulas e atividades relacionadas com a disciplina. No que diz respeito a Espanhol e para completar um ciclo iniciado no final do período letivo anterior, dei uma aula à mesma turma, terminando assim o meu estágio relativamente às aulas assistidas. Por outro lado, continuámos inseridos nas atividades ligadas à disciplina até ao final do período de aulas, momento em que fomos informados de que já não seria necessário ir à escola.

2.1 Reflexão sobre o estágio pedagógico de Português

Quando um sujeito se prepara para um estágio deste género é fundamental que esteja consciente de que é inexperiente e de que terá muito para aprender sendo que, para que isso aconteça da melhor forma, tem de ser humilde. Na verdade, nem sempre é fácil para o ser humano ter alguém a corrigi-lo várias vezes pois, na maioria dos casos, acreditamos que estamos corretos. Por outro lado, e deve ser isso que devemos ter em atenção, só reconhecendo as lacunas é que podemos ultrapassá-las e, para as assinalar, ninguém melhor que a Professora Maria José Soares, alguém com muitos anos de experiência.

Abordar os primeiros dias deste estágio pedagógico é tratar momentos em que me senti ligeiramente ignorante pois, ao contrário do que a generalidade pensa, a docência vai muito além das aulas e, sobre algumas temáticas, pouco sabia. Assim, desde o momento em que nos apresentámos na Campos Melo, a nossa Orientadora pediu-nos que marcássemos presença nas primeiras reuniões, nomeadamente na do 9ºA (turma com quem trabalharíamos), na do 12ºC (direção de turma da nossa Orientadora), na que reunia os professores da disciplina e, naturalmente, na de boas vindas que contou com a presença da Diretora da escola que aclarou diversas questões relacionadas com as obrigações de todos os Professores.

Após uma primeira fase maioritariamente informativa, aproximava-se o primeiro dia de aulas que nos permitiria, mais que conhecer nomes, contactar com eles. Por uma questão de organização, a Professora Maria José Soares quis, desde início, definir com que turma trabalharíamos e em que datas. Sinceramente, esse planeamento a longo prazo foi fulcral pois permitiu que cada um de nós se focasse exatamente no que havia de mais importante: a ‘nossa’ turma. Nesse sentido, a nossa presença nas aulas de Português do 9ºA foi constante pois, acredito, o elo fundamental para que existam aulas com qualidade são os alunos. Assim, sou conscientes de que muito se fala dos planos de aula mas, seguindo as minhas convicções, os mesmos só serão bons se resultarem com a turma em questão pois nunca devemos esquecer qual é a nossa função: fazer com que os alunos aprendam para que, no futuro, consigam fazer uso dos conteúdos aprendidos. Para além disso, foi igualmente importante

observar as estratégias da nossa Orientadora. Ciente de que tinha à minha frente alguém com uma carreira já longa e que, inevitavelmente, lidou com variadíssimas situações, serviu sempre como exemplo, não só para as aulas com aquela turma, mas também para o meu futuro.

Nessas aulas assistidas e mesmo conhecendo relativamente bem a turma, a primeira aula foi particularmente difícil. Honestamente, ninguém gosta de ser malsucedido, mas, felizmente, isso aconteceu comigo logo ao início, o que me permitiu evoluir a partir dali e terminar com uma boa prestação. Para esse progresso, todas as críticas construtivas foram importantes pois foi através delas que consegui melhorar. Para além disso e embora nunca tenha sido dito, sentia que a turma não tinha a melhor empatia comigo, sendo notória a diferença de atitude dos alunos nas minhas aulas e nas dos meus colegas estagiários. Ainda assim, sempre encarei esta situação como um desafio que teria de ser ultrapassado com o maior sucesso. Nesse sentido, a aula seguinte que teve uma duração de 45 minutos correu francamente melhor, o que também me permitiu elevar os índices de confiança que, admito, ficaram um pouco abalados com aquela primeira experiência.

No segundo período, tendo passado já algum tempo desde aquela experiência negativa, as aulas assistidas desta disciplina foram encaradas com maior motivação. Numa das três, contei com a presença da Professora Doutora Carla Sofia Xavier, vinda da Universidade da Beira Interior para me avaliar. Relativamente à minha prestação, tendo por base aquilo que eu pensava, a opinião dos meus colegas estagiários, da nossa Orientadora e da Professora Carla Sofia Xavier, foi boa, mostrando melhorias significativas em relação às anteriores, o que acabou por me deixar orgulhosos, dada a dureza do primeiro impacto como estagiário. Ainda assim, a turma voltou a colocar enormes dificuldades, comportando-se como nunca havia acontecido desde que estávamos na escola. Contudo, dias depois, alguns dos alunos pediram desculpa pela postura o que, não influenciando uma aula que já havia terminado, não deixou de ser uma atitude que demonstrou respeito da parte deles.

Para além das aulas assistidas, tivemos a oportunidade de participar em algumas atividades extracurriculares como o XXII Sarau Cultural, totalmente pensado pelos alunos mas que acaba por ter o contributo dos professores, inclusive com participações ativas como foi o nosso caso numa peça de teatro. Ao início do ano, também fomos os organizadores de uma conversa descontraída entre docentes sobre a profissão e tudo o que a envolve, isto a propósito do dia do professor.

Entre aulas assistidas, reuniões, atividades extracurriculares e qualquer situação em que pudéssemos dar o nosso contributo, o estágio pedagógico foi uma experiência extremamente enriquecedora, não só no contexto profissional, mas também humano. Assumindo uma função totalmente nova, fomos obrigados a crescer imenso, deixando de ser alunos para sermos professores, não sendo isto sinónimo de que deixámos de aprender pois, ao contrário do que se pensa, também o fazemos com os alunos. A partir deste ano, houve um especial cuidado com as nossas atitudes, com as nossas afirmações pois, mais que nunca, devemos ter a noção de que um docente funciona como exemplo e, já que assim é, devemos

utilizar essa importância que temos para o lado positivo. Para além de tudo isto e mesmo possuindo muitos conhecimentos que resultam de uma licenciatura e de um mestrado, foi ao longo destes meses que desenvolvemos a nossa capacidade de ensinar. Para a desenvolver, foi necessário trabalhar diariamente, não só na escola mas em casa pois, para as perguntas imprevisíveis dos alunos, terá de haver uma resposta segura e cientificamente correta. Perante isto, foi um ano letivo que me ajudou a compreender o que é a profissão docente, a usufruir dos seus pontos positivos e, evidentemente, a lidar com os negativos. Com um início um pouco difícil, nunca baixei a cabeça e fui evoluindo, o que me deixou mesmo muito satisfeito. Sinceramente, cheguei ao final com a sensação de que não sou o professor perfeito (tal como ninguém o é) mas que também nunca o serei, mesmo no fim de carreira, o que não invalida que lute para o ser pois só assim, com a máxima ambição, poderei evoluir e mostrar o meu melhor.

2.2 Reflexão sobre o estágio pedagógico de Espanhol

Embora o estágio pedagógico de espanhol tenha acontecido na mesma escola que o de Português, terminei com a sensação de que foram duas experiências bem distintas, o que não quer dizer que uma seja melhor que a outra. Com esta afirmação, somente gostaria de destacar que, falando deste ano letivo como um todo e dadas as diferenças entre o trabalho desenvolvido nas duas disciplinas, foi bastante enriquecedor.

No caso de espanhol, tivemos a oportunidade de trabalhar com a Professora Sandra Espírito Santo que, sabíamos, já tinha trabalhado vários anos com estagiários o que, na minha opinião, era positivo. Assim, no primeiro dia em que tivemos de ir à escola, mostrou grande simpatia, começando por nos apresentar o centro escolar. No meu caso, acabou por ser importante pois, apesar de ter estudado lá, não conhecia algumas áreas direcionadas especificamente para os professores. Para além disso, este primeiro contacto foi importante para quebrar alguma inibição que pudesse existir da nossa parte.

Nos dias seguintes, a nossa presença na escola foi centrada em reuniões, sendo estas as mesmas anteriormente referidas a propósito do estágio pedagógico de Português. Para além dessas, tivemos outra com todos os professores de espanhol da escola para discutir propostas para visitas de estudo. Nesta, sendo um pouco diferente das demais, foi importante conhecer um pouco mais sobre o funcionamento deste tipo de atividades que vão para além da sala de aula pois têm um funcionamento totalmente diferente já que, na grande maioria dos casos, os alunos são menores de idade e existe uma série de formalidades a cumprir para o bem de todos.

Na semana anterior ao início das aulas, os estagiários e a Professora Orientadora juntaram-se para discutir a melhor forma de distribuir as datas e as turmas. Sempre numa tentativa de nos ajudar, não deixando de ser exigente, ficou decidido que, no que dizia respeito às aulas, haveria um sorteio mas tendo sempre em atenção que não coincidissem com aulas da outra disciplina para que, no final, não existisse alguém que ficasse prejudicado.

Para além disso e nesta questão tudo funcionou de uma forma completamente diferente à outra disciplina, cada estagiário teria a sua turma por período o que, inevitavelmente, levou a que cada um de nós fosse assistir às aulas da 'sua' turma, trabalhando de uma forma autónoma. Ainda assim, no fim de cada semana, existia um horário dedicado para estarmos todos juntos com a Orientadora para discutir diversos assuntos que fossem surgindo.

Falando concretamente das aulas, no primeiro período dei duas sendo uma de 90 minutos e outra de 45. Nesta turma, visto ser um conjunto de várias que optou por espanhol em detrimento de francês, a maior dificuldade centrou-se na falta de participação dos alunos pois, fosse qual fosse a atividade, apenas dois ou três alunos tentavam responder. Ainda assim e no final daquele conjunto de aulas, refletindo um pouco sobre elas, cheguei à conclusão de que eles poderiam estar com algum receio de prejudicar o estagiário o que, no caso, não deixou de ser uma atitude bonita embora, na verdade, não contribuindo para a aula, estando a fazer precisamente o contrário. Apesar disso, o 8ºA/B tinha algumas crianças que apresentavam um comportamento que, por vezes, era inadequado para a aula, havendo um que se destacava pela negativa. Nesse caso, reconheço que foi o melhor que me podia ter acontecido pois contribuiu bastante para a minha evolução no que concerne ao domínio deste tipo de casos problemáticos, fazendo com que o mesmo não prejudicasse em demasia o bom funcionamento da aula. Contudo, mesmo sendo lições extremamente cansativas pela necessidade de criar sistematicamente estratégias para promover uma participação positiva, foram daquelas que, confio, me ajudaram a crescer mais enquanto professor.

No segundo período, optámos novamente por sortear as datas e as turmas e, como resultados, ficou definido que trabalharia com o 7ºA, o que me deixou um pouco apreensivo visto que, 'pelos corredores da escola', circulava a ideia de que era uma turma praticamente incontrollável. Perante estes rumores, criados por professores experientes, havia um certo receio de que estas aulas pudessem prejudicar a minha nota mas, ao mesmo tempo, uma certa vontade de fazer o 'impossível'. Assim, considerando estas duas variáveis, optei por encarar aquelas aulas como um desafio. Na verdade, foi o melhor que fiz pois correu melhor que aquilo que pensava. Apesar de existirem momentos de maior desassossego por parte dos alunos, mostraram vontade em aprender e participavam positivamente o que, na minha forma de ver as coisas, é preferível, não existindo sequer hipótese para a monotonia. Para isso, criei materiais interativos que cativassem as crianças e, no final, considerei que foram um sucesso. Contudo e parecendo algo de surpreendente, as duas aulas de 90 minutos foram aquelas em que consegui dominar melhor a turma pois, na de 45, sendo que nos 45 minutos anteriores haviam tido aula de outra disciplina, eles estavam extremamente inquietos, o que dificultou bastante a minha tarefa. No entanto, no final destas três aulas, fiquei extremamente satisfeito com a minha postura e com os resultados obtidos.

Ainda no mesmo período, ainda que numa fase final, a Professora Sandra pediu-nos para dar uma aula de 90 minutos no 11º A/B/C, sendo um desafio completamente diferente pois, após trabalharmos com turmas do Básico em ambas as disciplinas, tivemos a oportunidade de lecionar numa do Secundário. Para além disso, seria a primeira aula em que

estaria o Professor Doutor Ignacio Vázquez, o que resultava em mais alguém com muita experiência que nos estaria a observar. Nesse contexto, havia um certo receio da minha parte de que, devido à diferença de idades entre alunos e professor não ser muito elevada, não existisse o maior respeito dos alunos. Na realidade, não passaram de ideias erradas pois a relação entre todos foi muito boa o que me leva a crer que foi com esta turma que tive mais gosto em trabalhar. Para além da existência de respeito, havia um interesse quase de todos em aprender, colocando questões, respondendo quando lhes era pedido, sempre num ambiente muito saudável. Assim, naquelas lições, acredito que consegui alcançar o equilíbrio para um bom funcionamento da aula.

No último período, mas numa fase inicial, voltámos a trabalhar com a mesma turma com que havíamos trabalhado no final do período anterior, sendo que esteve novamente presente o Professor Ignacio, para além da Professora Sandra. Menos nervoso, acabou por ser uma aula que funcionou de uma forma muito semelhante à anterior. Mais uma vez, existiu um ambiente muito bom, terminando a aula com a sensação de que os objetivos foram alcançados, sendo que também sentia que, se houvesse mais aulas, correriam bem pois, aliada ao meu trabalho, tinha uma turma que parecia gostar das minhas aulas.

Entre as aulas assistidas, o estágio pedagógico de espanhol foi fundamental na nossa integração como professores naquela escola. Apesar de todos termos de passar por esta fase que é o estágio, acabamos por ficar um pouco isolados naquele contexto, havendo poucos professores a conviver connosco. Nesse sentido, as atividades extracurriculares foram muito importantes pois era através delas que nos inseríamos em certos momentos sendo que, na maioria dos casos, era a Professora Sandra a convidar-nos. A celebração do dia de Reis, a participação numa atividade denominada 'o amigo invisível' ou o intercâmbio com uma escola espanhola fez com que, ao longo deste ano letivo, nos sentíssemos professores que, para além de estarem ali para serem avaliados, tinham a oportunidade de conhecer o meio para além das salas de aula. Nesse sentido, a nossa Orientadora foi crucial.

No final do ano letivo, a grande conclusão a que chego é que as duas disciplinas se complementavam pois, no que uma poderia ser menos enriquecedora, a outra compensava. Assim, no que a espanhol diz respeito, acredito que estou devidamente preparado para, mais que ensinar uma língua, transmitir valores de uma cultura e, no que a isso diz respeito, acredito que as atividades extracurriculares são fundamentais. Para além disso, o facto de trabalharmos com várias turmas permitiu-nos desenvolver uma maior capacidade de nos adaptarmos a grupos diferentes que, naturalmente, têm outras exigências algo que, espero, venha a acontecer no futuro. Assim, julgo que, apesar de ter um longo caminho pela frente, estou capacitado para exercer esta bela profissão, nunca deixando de parte que ainda tenho muito para aprender.

2.3 Aulas observadas

Destacar algum elemento como o mais importante num ano de estágio seria, sem dúvida, injusto pois, pela riqueza que teve, isso implicaria uma desvalorização de determinado momento. Naturalmente, existiram situações fundamentais e, inequivocamente, decisivas já que, quando falamos de algo em que estamos a ser avaliados, é habitual que assim seja. Ainda assim, mesmo considerando essa realidade, prefiro valorizar todo o trajeto porque, na verdade, cada momento serviu de preparação para aquilo que, espero, seja a minha profissão. Perante isso, não deixando de me adaptar àquilo que é a realidade, recordo 2016/2017 como um só, repleto de ensinamentos e que, por isso, faz com que seja complexo definir este ou aquele momento como sendo o mais importante. Contudo, entre todos, surgem aqueles que têm um papel decisivo naquilo que seria a nossa nota no final do estágio: as aulas observadas.

Falar delas é abordar momentos de grande tensão que resultaram em algo que gosto de fazer. Explicando melhor esta nossa afirmação, julgo que é normal apontar as primeiras aulas como aquelas em que estava mais nervoso, não por não ter confiança naquilo que era capaz, mas sim pela imprevisibilidade que os alunos oferecem. Evidentemente, ser professor implica que não existam receios do público que temos diante de nós mas, antes disso, somos simples seres humanos e, para quem enfrenta uma situação nova que, para além disso, pode ser influenciada por outras pessoas, creio que se justifica esse receio. Honestamente, julgo que os primeiros anos serão assim, isto é, com algum respeito pela influência que os alunos têm numa lição mas, também acredito, com a experiência, é uma questão que vai sendo ultrapassada. Para além disso, tal como aconteceu este ano, após a quebra desse nervosismo, lecionar é algo de que gosto pelo que, aliado ao rigor que é necessário para conseguir ensinar, faço-o de forma tranquila. Ainda assim, estas aulas tiveram outras vertentes que, na minha opinião, são absolutamente fundamentais e únicas, isto é, os conselhos dos nossos Orientadores, tanto da escola, como da Universidade da Beira Interior.

Conscientes de que a docência não se resume às aulas, este é um espaço em que devemos refletir sobre elas e, no que lhes concerne, quero destacar a importância que tiveram as críticas construtivas dos Orientadores, bem como dos meus colegas. Na verdade, quando as escutamos, torna-se difícil recebê-las mas, apesar disso, sabemos que são feitas com o intuito de nos fazerem crescer e, no que diz respeito a esta questão, não tenhamos dúvidas, temos muito a aprender. Sabendo disso, encarei cada aula assistida com humildade pois sabia que nunca poderiam ser perfeitas, o que não invalida que tentasse que fossem. Estando consciente de que, para além de muito jovem, estes eram os meus primeiros passos na docência, aproveitei este ano letivo para aprender com pessoas mais experientes que eu e, nesta dinâmica, estão inseridas as aulas assistidas, não esquecendo tudo o que foi feito no resto do ano.

2.3.1 Aulas observadas de Português e planificação das unidades didáticas

Na disciplina de Português, como já foi referido, tivemos a oportunidade de trabalhar durante todo o ano letivo com uma turma, sendo ela o 9ºA. Considerando uma semana normal, o horário desta turma à disciplina consistia em três aulas, havendo duas de 90 minutos que eram dedicadas à interpretação de texto e outra de 45 que era utilizada para trabalhar conteúdos gramaticais. Assim, no primeiro período, tive a oportunidade de lecionar duas aulas, uma de 90 minutos e outra de 45 e, no segundo, duas aulas de noventa minutos.

2.3.1.1 Primeiro período

A minha primeira aula de Português (Anexo 1) foi marcada para o dia 23 de novembro de 2016 e teve uma duração de 90 minutos, ou seja, foi utilizada para trabalhar a interpretação de texto. Assim, tendo em conta o que os alunos vinham estudando nas aulas anteriores relativamente a Educação Literária, trabalhámos mais uma cena do *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente, sendo ela “Os Quatro Cavaleiros”, isto é, a cena XI.

Por uma questão de organização e para que os discentes ficassem com uma sistematização de cada cena que estimularia o estudo, ficou combinado entre mim, os meus colegas estagiários e a Professora Orientadora que, para cada uma, haveria uma ficha. Ainda assim, naquela que seria elaborada por nós, teríamos autonomia para a organizar da forma que considerássemos mais indicada, isto é, não existia um modelo que teríamos de seguir religiosamente.

Tendo isso em consideração, antes de entregar a ficha (Anexo 2) aos alunos, optei por promover, em primeiro lugar, a audição do texto e, posteriormente, achei importante a realização de uma segunda leitura. Neste caso, decidi iniciar o estudo do texto através de uma audição pois é algo que faz com que se instale o silêncio na aula. Ainda assim, sabendo que ouvindo uma só vez, eles não estariam devidamente preparados para responder às perguntas de interpretação, promovi a leitura em voz alta feita por eles, o que os obrigava a estar atentos. Posteriormente, foi feita a ficha, isto é, oralmente os alunos iam contribuindo para uma resposta que, no final, seria registada por todos. Nesses momentos, tentei inserir o maior número de alunos possível para que, no fim, todos se sentissem parte integrante daquilo que foi feito. Depois disso, ainda no mesmo material, decidi trabalhar a oralidade, tentando levar os alunos a estabelecer ligações entre aquilo que leram e as guerras recentemente travadas pelos jihadistas. Na verdade, é importante que eles conheçam as obras de escritores importantes da literatura, não só portuguesa, mas também mundial mas, para além disso, considere que fosse importante estimular a reflexão dos discentes, mostrando, por um lado, que dominavam o texto interpretado ao longo da aula e, por outro, que o facto de estarem informados é importante para as aulas de Português e, claro, para

eles em qualquer momento da sua vida. Algo que também fiz questão de demonstrar é que é importante aprender mas, na verdade, é ainda mais saber aplicar essas informações nas suas realidades. Perto do fim da aula, para sistematizar tudo o que foi feito, apresentei um esquema (Anexo 3) em que os alunos iam respondendo e demonstrando que tinham entendido a cena. Quanto a este exercício, foi importante para os alunos pois, através de um esquema, tinham a matéria ainda mais resumida e, por outro lado, foi muito gratificante para mim pois consegui saber que consegui transmitir toda a informação necessária.

No dia 25 de novembro de 2016, dei a segunda aula sendo que, desta vez, teve uma duração de 45 minutos. Como já foi referido, esta foi centrada na consolidação de conteúdos gramaticais, nomeadamente, as relações semânticas, a formação de palavras, processos fonológicos, funções sintáticas e as orações subordinadas adverbiais. Para cumprir esse objetivo, realizei uma ficha na qual, de forma intencional, coloquei uma questão para todos os alunos, ou seja, todos os presentes foram ‘obrigados’ a responder, estando todas elas relacionadas com frases relacionadas com o texto abordado na aula anterior.

2.3.1.2 Segundo Período

A terceira aula (Anexo 4) foi dada no dia 18 de janeiro de 2017, tendo uma duração de 90 minutos. Como disse, estas dedicavam-se a Educação Literária sendo que, nesta fase, estavam a ser trabalhados vários contos. A mim, coube-me levar até aos alunos *A Palavra Mágica* de Vergílio Ferreira. Assim, decidi introduzir a aula dando a oportunidade aos alunos de referirem qual era, na opinião deles, a força de uma palavra. Com este início, o meu objetivo era que percebessem que a mesma palavra tem a capacidade de ser encarada como algo bom e mau, estando sujeita à intenção com que é referida. De seguida, antes de pedir aos alunos que fossem até ao texto, estabeleci um diálogo com os alunos sobre a biografia do autor do conto. Depois disso, chegou o momento de pedir aos discentes que abrissem os livros na página onde se encontrava *A Palavra Mágica*. Tendo em conta que, na aula anterior, havia pedido para que lessem o texto em casa, havia alguns alunos que já tinham algumas ideias sobre aquilo que nele era discutido. Nesse sentido, pedi que me fizessem um resumo, sendo esta uma forma de valorizar o esforço daqueles que tinham feito aquilo que tinha pedido. Feito isto, é importante referir que, à semelhança daquilo que foi feito no período anterior, ficou combinado com os meus colegas estagiários e a minha Orientadora que cada um de nós teria de fazer uma ficha de trabalho (Anexo 5) para o texto que trabalharíamos em aula. Tendo isso em conta, a análise do texto esteve intimamente ligada a uma que fomos completando à medida que íamos avançando no texto. Explicando melhor, optei por dividir a ficha segundo a introdução, desenvolvimento e conclusão do conto sendo que, nessa segunda parte, tive de dividir em várias sequências narrativas que permitiram, indiscutivelmente, uma melhor organização de ideias pertencentes às diferentes fases pelas quais o conto vai passando. Respeitando sempre essa ideia, os alunos foram lendo e, chegando ao final de cada sequência narrativa, fazíamos a sua análise, complementando-a com a resposta a algumas

questões presentes na ficha de trabalho. Para além disso, considerando as dificuldades que o vocabulário ia provocando, era importante esclarecer as dúvidas atempadamente para que, ao longo do texto, os alunos conseguissem, não só manter o interesse, mas percebê-lo. Nesse contexto, pensei que se justificava a integração de conteúdos gramaticais, nomeadamente a denotação e conotação, bem como o registo de língua popular, o que ajudava os alunos a compreender aquilo que ia sucedendo ao longo do texto. Considerando a extensão do texto e a própria dificuldade que os alunos têm para interpretá-lo, decidi trabalhar parte do conto nesta aula e, na seguinte, dar seguimento a esse estudo com, naturalmente, outra ficha de trabalho que respeitava os moldes da desta lição.

Na quarta e última aula de Português, realizada no dia 23 de janeiro de 2017 com uma duração de 90 minutos, demos continuidade à análise do conto. Na verdade, apesar da ficha ser outra pois, como é evidente, considerava as sequências narrativas ainda não abordadas, a forma como estava organizada era semelhante. Ainda assim, para além da consolidação dos conteúdos gramaticais trabalhados na aula anterior, decidi inserir outros na ficha com o intuito de os consolidar, sendo eles: os tempos verbais; as classes de palavras. Neste caso, para quebrar a monotonia de trabalhar exatamente as mesmas matérias da aula passada, pensei que seria proveitoso encaixar outros, aproveitando também para levar os alunos a treinar outras matérias que podiam ser integradas nesta ficha de trabalho. Desta forma, terminei as minhas aulas de Português que, não tenhamos dúvidas, foram um grande desafio, não só pelas matérias que trabalhei, mas também pela turma e ambiente que encontrei.

2.3.2 Aulas observadas de Espanhol e planificação das unidades didáticas

Nesta disciplina, conforme aquilo que afirmei anteriormente, tudo funcionou de uma forma bem diferente, comparativamente com Português. Nesse sentido, convém dizer que, para além de ter tido a oportunidade de trabalhar com várias turmas, somando todas as aulas, podemos concluir que, em Espanhol, lecionei mais e num período de tempo mais alargado. Assim, no primeiro período, trabalhei com o 8ºA/B, dando uma aula de 90 minutos e outra de 45. No período seguinte, estive, numa primeira fase, com o 7ºA, dando duas aulas de 90 minutos e outra de 45 e, já perto do final, ainda tive a oportunidade de dar uma aula de 90 minutos ao 11º A/B/C. No último período do ano letivo 2016/2017, continuei com a mesma turma, terminando com uma aula de 90 minutos.

2.3.2.1 Primeiro período

A 6 de dezembro de 2016 dei a minha primeira aula de Espanhol, tendo ela uma duração de 90 minutos. Considerando aquilo que o 8º A/B vinha trabalhando, coube-me levar

até aos alunos a unidade 3 do manual que tinha como título: *En contacto*. Nela, deveriam ser abordados os meios de comunicação, o que me fez começar por perguntar quais eram aqueles que costumavam utilizar com maior regularidade. Após essa introdução, coloquei um vídeo e, à medida que o iam vendo, tinham uma ficha no manual com questões sobre o mesmo. Desta forma, acabaram por interpretar aquilo que ia sendo dito e que, na verdade, eram ideias extremamente importante sobre o uso exagerado do telemóvel. Com estes exercícios, o meu objetivo era, claramente, mostrar que é um meio de comunicação bastante útil mas que deve ser utilizado de forma equilibrada, não permitindo que ele substitua momentos importantes que qualquer ser humano deve ter como, por exemplo, conversar pessoalmente com os amigos. De seguida, entreguei aos alunos uma ficha onde estavam alguns conteúdos funcionais relacionados com uma chamada telefónica, tanto em português, como em espanhol sendo meu objetivo que os alunos associassem as colunas. Dominando esses conteúdos, a atividade seguinte esteve centrada numa simulação de uma chamada telefónica sendo que, para ela, os alunos que realizaram a atividade receberam um papel sobre aquilo que a conversa deveria conter, isto é, deveria testar os conteúdos que estavam na ficha anteriormente trabalhada. Para além disso, esta atividade também servia para introduzir o *futuro simple* pois, na realidade, uma das indicações era que tentassem combinar estudar para o dia seguinte. Posto isto, não existia a obrigatoriedade de que os discentes tivessem um uso perfeito desse tempo verbal mas, pelo contrário, que o tentassem utilizar numa fase anterior à sua explicação. Desta forma, terminou a aula, sendo que a próxima começaria por este conteúdo.

No dia 9 de dezembro de 2017 lecionei pela segunda vez na disciplina de Espanhol, tendo esta lição uma duração de 45 minutos. Tendo em conta a forma como terminou a última aula, optei por começar com o *futuro simple*, criando assim uma ‘ponte’ entre as duas. Após a sua explicação, fizemos alguns exercícios que me permitiam saber se os alunos tinham entendido a matéria. Depois disso, trabalhei também as *oraciones condicionales reales*, testando essa matéria com exercícios do manual. Depois disso, terminou a aula sendo que, na minha opinião, foi produtiva já que os alunos iam demonstrando que entendiam, não só nos exercícios, mas também durante a explicação, visto que os ia questionando.

2.3.2.2 Segundo Período

No dia 16 de fevereiro de 2017 dei a minha terceira aula de Espanhol, a primeira aos alunos do 7º A. Assim, considerando tudo o que já haviam trabalhado e combinando com a Orientadora, ficou decidido que trabalharia a unidade 6 - *Ven a divertirte*, sendo abordado *el tiempo de ocio*. Tendo isso em conta, iniciei a aula com um vídeo direcionado para o nível dos alunos em questão que tratava, efetivamente, algumas atividades que os alunos podem realizar nos tempos livres, sendo também uma excelente oportunidade para introduzir algum vocabulário. Para que isso acontecesse, à medida que os alunos o iam vendo, deviam registar as atividades que, segundo as personagens, eram as mais saudáveis. Depois disso, optei por

explorar uma imagem presente no manual que dizia respeito a um acampamento de verão, estando nela inseridas várias atividades. Depois disso, considerei que os alunos estariam preparados para, no mínimo, referirem aquelas que, habitualmente, fazem parte do tempo livre deles por isso, pedi que dissessem quais eram, de todas as que já tínhamos visto, as que gostavam mais. Naturalmente, para que respeitassem aquilo que lhes era pedido, tinham de utilizar o verbo *gustar*, sendo, na verdade, um dos grandes objetivos para a realização deste exercício. Assim, sendo previsível que não o utilizariam da melhor forma, terminámos a aula com a explicação de como se conjuga no Presente do Indicativo, aproveitando também para integrar o verbo *encantar* e *molestar*.

No dia 20 de fevereiro de 2017, desta vez com uma duração de 45 minutos, dei a minha segunda aula a esta turma. Visto que tinha terminado com os *verbos de gusto*, optei por começar por aí também, revendo esses conteúdos pois, como se sabe, com o aproximar do fim da aula, os alunos já não estão tão atentos. Assim, pedi que fizessem em casa alguns exercícios que testavam as matérias lecionadas, sendo uma forma de falar, por alto das atividades de tempo livre e, de forma mais vincada, dos *verbos de gusto*. No tempo que restava da aula, pela importância que tinha a matéria, optei por fazer mais um exercício relacionado com a mesma, tentando estimular a participação do maior número de alunos possível.

Na aula seguinte, que ocorreu no dia 23 de fevereiro de 2017 com uma duração de 90 minutos, introduzi a aula com uma imagem em que estavam duas pessoas a comunicar através do telemóvel. Partindo dela, perguntei aos alunos se costumavam utilizá-lo. Consciente de que a resposta seria afirmativa, projetei algumas expressões que são habituais numa chamada telefónica para que os discentes se pudessem familiarizar com o vocabulário, sendo que lhes ia perguntando o que significariam. Depois disso, decidi encaminhar a aula para algo mais concreto, pedindo aos alunos que fossem até ao manual pois tínhamos um exercício de compreensão oral com dois exemplos de chamadas telefónicas que se baseavam em convites, sendo que, de forma implícita, um foi aceite e outro não. De seguida, perguntei aos alunos o que estávamos a fazer para que pudéssemos introduzir a *perífrasis verbal estar + gerúndio*. Naturalmente, é uma estrutura que não lhes é familiar por isso, optei por dividir a minha explicação em duas fases: 1- certificar-me de que conjugavam bem o verbo *estar*; 2- explicar como funciona o participio passado das três conjugações, demonstrando que também existem verbos irregulares com exemplos. Depois disso, fomos praticar esses conteúdos com um exercício do manual que consistia em referir que atividades estavam a ser praticadas na imagem e com outro em que deviam ser conjugados os verbos que vão surgindo ao longo de um diálogo. Com estes terminados, entreguei uma ficha de trabalho que serviu como revisão de todas as matérias trabalhadas nesta aula. No final da aula, insistimos num exercício de revisão do verbo *gustar* que se encontrava no manual.

Ainda neste período letivo, tive a oportunidade de trabalhar com um grupo de alunos muito diferente daqueles com quem já tinha trabalhado, sendo a primeira vez que tinha a possibilidade de dar aulas no Ensino Secundário. Assim, no dia 16 de março de 2017, lecionei

uma aula (Anexo 6) com uma duração de 90 minutos ao 11º A/B/C. Seguindo aquilo que vinha sendo feito com a turma, tive a responsabilidade de trabalhar conteúdos da unidade 4 - *Ciudadanos europeos*. Para iniciar o tema, coloquei a questão: “Que Europa queremos?”. Com ela, pretendia que os alunos se sentissem parte integrante daquilo que ia sendo feito ao longo da aula, contrastando com uma aula simplesmente expositiva. Para além disso, tinha como objetivo escrever no quadro as opiniões que iam sendo dadas, pedindo posteriormente que identificassem os marcadores que tinham utilizado para manifestar aquilo que pensavam. Depois, considerei que era pertinente fazer um quadro para o registo formal e outro para o informal e, tendo isso em conta, escrever alguns marcadores em cada um. Depois de saber qual era a opinião dos alunos em relação à Europa, fazia todo o sentido perguntar p que devia ser feito para que ela se aproximasse daquilo que pretendemos, sendo também o momento para alertar cada discente de que, mais que pedir, é importante que tenhamos noção de que temos um papel importante na tentativa de ter uma realidade que se adegue mais e melhor àquilo que desejamos. Nesse sentido, fui mostrando algumas imagens e, para cada uma delas, os alunos teriam de referir de que dever se tratava. A propósito dos nos nossos deveres como cidadãos, perguntei aos alunos o que costumavam fazer quando eram crianças em momentos em que percebiam que algum amigo tinha um problema. Neste caso, seria uma pergunta onde tinham de identificar o *Pretérito Imperfecto*. Seguindo essa dinâmica, foi pedido que referissem em que situações podiam utilizar este tempo e, para além disso, pedi a três alunos que cada um conjugasse um verbo neste tempo verbal mas, evidentemente, de conjugações diferentes. Feito isto, questionei os alunos sobre o que fizeram o ano passado que comprove que cumpriram os direitos do cidadão. Relativamente a esta pergunta, para além da resposta, pretendia que identificassem o tempo verbal a utilizar, seguindo a mesma metodologia da anterior. Como última pergunta, levei os alunos a refletir sobre se hoje tinham cumprido os seus deveres como cidadãos, provocando o uso do *Pretérito Perfecto* nas suas respostas, bem como uma revisão da morfologia deste tempo verbal. Perto do final da aula, entreguei uma ficha com dois exercícios (Anexo 7), sendo que um seria sobre o tempo verbal revisto nesta aula e outro com os três tempos trabalhados em toda a unidade que, como se pode perceber, também mereceram a nossa atenção.

2.3.2.3 Terceiro período

A minha última aula (Anexo 8) na disciplina de Espanhol foi no dia 11 de maio de 2017, teve uma duração de 90 minutos e, tal como na última do período anterior, lecionei no 11º A/B/C. Seguindo, mais uma vez, a dinâmica imposta pela nossa Orientadora, tive como função trabalhar conteúdos da unidade 7 - *Ciudad*. Posto isso, decidi escolher uma que fosse familiar a todos e, a partir daí, trabalhar os conteúdos programados para esta aula, tendo optado pela nossa bela Covilhã. Nesse sentido, decidi começar por perguntar aos alunos se gostavam da Covilhã, sendo esta uma questão que, não tinha dúvidas, levaria à exposição de várias ideias, algo que considerei positivo tendo em conta o passo seguinte. Assim,

acreditando que haveria alguns que gostavam da cidade e outros que nem tanto, aproveitei ambas as opiniões para ter duas imagens da cidade que seriam criadas pelas descrições dos discentes, referindo pontos positivos e negativos relacionados com a mesma. A partir daí, demos início a um ‘passeio’ pela cidade neve, projetando várias imagens de locais importantes da cidade, tendo optado por isto para trabalhar o vocabulário referente à unidade, havendo algumas em que pedia que descrevessem o espaço. Evidentemente, estes conteúdos eram alvo de revisão por isso, seriam os alunos a ter de referir de que espaço se tratava. Depois dessa ‘visita guiada’, tendo a Covilhã sido a grande protagonista da aula até àquele momento, escrevi no quadro uma frase sobre a cidade na voz ativa e coloquei-a também na voz passiva. Considerando as duas, pedi, em primeiro lugar, que me dissessem quem era o protagonista em cada uma delas e, estando isso feito, que classificassem sintaticamente todas as palavras. No final, o meu objetivo era que, de forma autónoma, referissem que uma frase estava na voz ativa e outra na passiva, entendo como se passa de uma para a outra. Assim sendo, para consolidação desses conteúdos, entreguei uma ficha de trabalho (Anexo 9) onde os mesmos podiam ser treinados. Perto do final da aula, foi feita a leitura de um texto relacionado com as cidades subterrâneas, promovendo, depois disso, o debate, terminando assim a aula.

Capítulo 3 - Atividades extracurriculares

Ser professor exige muito mais que aquilo que a população em geral pensa. Na verdade, o docente tem horário para entrar mas pode não o ter para sair, tal como sabe que a sua profissão não se deve resumir às quatro paredes das salas de aula onde leciona. De facto, não é uma profissão fácil mas, quem a escolhe, está consciente de que as dificuldades existem mas, como se costuma dizer, elas também surgem nas nossas vidas para serem ultrapassadas. Assim, é compreensível que existam momentos de maior descontentamento mas, para quem está no início, terá de haver um espírito de alegria e motivação. Assim, criticar o cansaço dos mais velhos é, na realidade, apontar o dedo ao futuro dos mais novos. Ainda que muitos o tentem negar, ninguém sobrevive à idade mas, desengane-se quem lê esta afirmação, isso não justifica o relaxamento. A um aniversário, somamos outros mas, em linha paralela, também vemos a experiência a crescer, tal como o conhecimento que, a cada ano que passa, vai aumentando. Posto isto, cada fase da nossa vida tem as suas virtudes e vicissitudes mas, não tenhamos dúvidas, estamos ao nível delas pois, é importante dizer, para cada momento, somos aquilo que queremos.

Ao longo do último ano, tive a oportunidade de estagiar numa escola onde a grande maioria do corpo docente tinha o dobro da minha idade. Perante isto, podia ter alguns problemas em afirmá-lo, já que vivemos numa época em que existe algum preconceito com a idade, não só com os mais velhos, mas também com os mais novos. Ainda assim, afirmo-o sem problemas pois cada ano faz parte do nosso crescimento que, na minha opinião, somente termina quando a nossa vida acaba. Contudo, devemos tentar entender os vários tipos de personalidades existentes e, nesse caso, não devemos ‘misturar’ essa questão com o número de primaveras que temos. Por um lado, existem pessoas empreendedoras que fazem das suas iniciativas o seu *habitat* e, por outro lado, existem outras que preferem ser discretas, o que não tem de significar que são pouco ativas. Evidentemente, abordei esta questão de uma forma muito simples pois o mundo não é feito de dois tipos de personalidades e, na verdade, ainda bem que assim é.

No caso da carreira docente, penso que existe algo que nos deve fazer abdicar um pouco da nossa discricção, caso a tenhamos, sendo esse elemento os alunos. Do mais novo ao mais velho, do extrovertido ao tímido, o professor deve pensar na função da sua profissão e essa, como já vimos, é fazer dos alunos, não só pessoas com conhecimentos em diversas matérias, mas também indivíduos com valores que lhes permitam viver e contribuir para a sociedade. Nesse sentido, as aulas são importantes mas existe algo que, por vezes, é desvalorizado apesar de, na minha opinião ser fundamental: as atividades extracurriculares.

Existem pessoas que acreditam que este tipo de iniciativas são uma forma de provocar atrasos na árdua tarefa de trabalhar todos os conteúdos programáticos previstos para um ano letivo mas, na minha opinião, jamais poderão ser considerados uma perda de tempo. Como sabemos, uma atividade bem preparada, tal como uma aula, será útil para o crescimento dos alunos e para o seu comportamento perante a comunidade. Na realidade, uma boa relação de

complementaridade entre as atividades extracurriculares e as disciplinas resultará, efetivamente, numa forma muito eficaz de trabalhar conteúdos de importância extrema. Para isso, também é crucial que os alunos a encarem da maneira certa e, quanto a isso, o professor é o maior responsável.

Ao longo do meu ano de estágio, tive a oportunidade de participar em algumas e, apesar de nem todas trabalharem concretamente os conteúdos que se encontram nos programas, potenciam outros fatores fundamentais como a melhoria da relação entre os alunos e os professores, a construção de espírito de união entre as turmas e até de toda a escola, entre outros valores que são extremamente importante para aquilo que temos vindo a destacar, isto é, a importância do trabalho que tenha em vista a formação de bons seres humanos. Assim, reitero a importância das atividades extracurriculares que são, na minha opinião, momentos importantes para o crescimento dos alunos e, já agora, de todo o corpo docente. Mais que desculpas para passear ou estar fora dos espaços habituais, são a oportunidade para conviver, conhecer e, tal como na escola, aprender.

3.1 À conversa sobre o que é “Ser professor hoje...”



Fig.2 - À conversa sobre o que é “Ser professor hoje...”

A propósito do dia do professor, no dia 6 de outubro de 2016, tivemos a oportunidade de estar sentados à mesa com vários professores da Escola Secundária Campos Melo e escutar e partilhar vários pontos de vista sobre a profissão. Naturalmente, foram horas extremamente enriquecedoras já que, para além de manifestarmos as nossas ideias, ouvimos pessoas muito experientes que partilharam situações das suas carreiras, algo que lhes permitia analisar as diferenças que se vão verificando à medida que os anos vão passando. Sem dúvida, um período de tempo bem passado que recordarei pelos testemunhos sábios que escutei

3.2 Dia de aulas ao ar livre



Fig.3 - Dia de aulas ao ar livre

Também no dia 6 de outubro, ainda que em conjunto com os alunos, disfrutamos de mais uma atividade extracurricular com algum apetite à mistura. Num ambiente mais descontraído, bem acompanhado por uma temperatura agradável, houve adivinhas e, naturalmente, boa disposição. Mais uma vez, uma excelente ideia que tentarei levar para o futuro.

3.3 *Día de La Hispanidad*

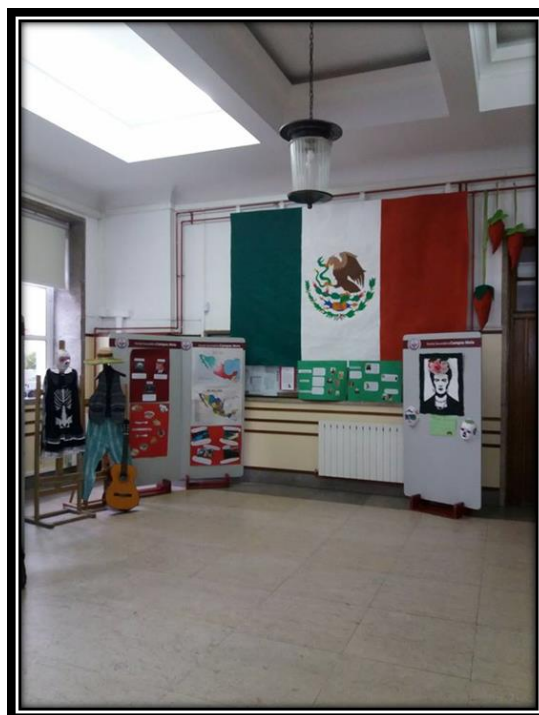


Fig.3 - *Día de La Hispanidad*

No dia 12 de outubro de 2016 foi celebrado, mais uma vez, o *Día de La Hispanidad*, dando especial atenção ao México e, naturalmente, a Frida Kahlo, oriunda desse país. Para além disso, é importante destacar que os materiais presentes na imagem foram feitos por alunos da escola, o que deve ser valorizado por todos.

3.4 *Día de los muertos*



Fig.5 - Celebração do *Día de los muertos*

Coincidindo com as celebrações do Halloween, o *Día de los muertos* foi também festejado na Escola Secundária Campos Melo, juntando as disciplinas de Espanhol e Inglês. Desta forma, foi possível dar a conhecer uma celebração que era, garantidamente, desconhecida pela grande maioria das pessoas, inserindo também a nossa disciplina num dia que é, todos os anos, sinónimo de atividades extracurriculares.

3.5 Visita de alunos de uma escola espanhola à Campos Melo



Fig.6 - Receção aos alunos espanhóis

No dia 4 de novembro, recebemos na Campos Melo alguns alunos oriundos de uma escola espanhola. Ao longo do dia, os discentes, ainda que com alguma timidez, tiveram a oportunidade de conviver com os seus colegas espanhóis, praticando também a língua. Nós, para além de termos acompanhado os alunos, apresentámos também as nossas instalações aos nossos colegas da outra escola. Foi, inequivocamente, um dia bem passado e enriquecedor para todos.

3.6 Viver o Natal na Campos Melo



Fig.7 - Adaptação do *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente

No dia 15 de dezembro de 2016, o departamento de línguas preparou mais uma atividade que tinha como objetivo celebrar o Natal, contando também com a presença de algumas pessoas que eram próximas dos alunos. Assim, juntamente com os meus colegas estagiários, tive o prazer de dar o meu contributo para que esta festa se realizasse, nomeadamente no que dizia respeito às disciplinas que lecionei, isto é, Português e Espanhol. Em relação à primeira, demos o nosso contributo para aquilo que foi a adaptação do *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente que, como já referi, foi um dos conteúdos trabalhados pelos discentes no primeiro período e, no que concerne à língua estrangeira, foram cantadas algumas músicas espanholas tradicionalmente interpretadas nesta época festiva.

3.7 Almoço de Natal da Campos Melo



Fig.8 - Almoço de Natal da Campos Melo

Nesta época natalícia, houve também espaço para um almoço que reuniu, não só o corpo docente, mas também os funcionários. Realizado na cantina da Escola Secundária Campos Melo, foi uma excelente oportunidade para juntar a grande maioria dos professores e funcionários e deixar de ser um amigo invisível, divulgando a nossa identidade e presenteando essa pessoa. Explicando melhor este jogo, nas semanas anteriores a esta refeição, tínhamos a possibilidade de nos inscrever numa atividade que é apanágio nesta época, sendo, posteriormente, comunicado, via *e-mail*, o nome da pessoa que devíamos acarinhar durante esse período que antecedia esta atividade, pagando, por exemplo, um pequeno-almoço, isto sem que se soubesse quem o tinha feito isso. No dia do almoço de Natal, íamos ter com essa pessoa e terminávamos com o secretismo. Naturalmente, este tipo de ideias acaba por ser uma forma de promover uma melhor integração dos novos professores, para além do caráter lúdico que tem pois existe sempre a vontade de descobrir a identidade da outra pessoa.

3.8 *El día de Reyes*



Fig.9 - *El día de Reyes*

Ainda que seja uma data muito mais valorizada no território espanhol, como professores da disciplina, tentámos trazer um pouco dessa importância para a nossa escola, começando por representar os Reis Magos. Para além de o termos feito na Campos Melo, fomos também à Casa do Menino Jesus onde fomos recebidos por algumas crianças, cantando um pouco com elas. Sem querer mostrar preferência por nenhuma atividade, foi uma das mais engraçadas, não deixando de ser útil.

3.9 *Peddy Paper* “Campos Melo Go”



Fig.10 - Posto 4 do “Campos Melo Go”

No dia 20 de janeiro integrámos a atividade denominada “Campos Melo Go”, um *Peddy Paper* que teve postos por toda a parte alta da cidade da Covilhã. No nosso caso, ficámos no número 4, situado no Pelourinho e tínhamos como função, em primeiro lugar, registar a chegada das várias equipas e, para além disso, indicar-lhes algum desafio que teriam de cumprir naquele espaço.

3.10 Apresentação da cidade ao Kevin e à Teresa



Fig.11 - Pela Covilhã com o Kevin e a Teresa

No dia 1 de fevereiro, tivemos todo o gosto em dar a conhecer a cidade neve ao Kevin e à Teresa, dois voluntários da China e do México respetivamente que estiveram na nossa escola. Desde manhã até ao fim da tarde, percorremos os locais mais emblemáticos da Covilhã, convivendo, ao longo do dia, com duas pessoas extremamente acessíveis que partilharam connosco um pouco daquilo que é a vida nos seus países de origem. No fim, fiquei com a sensação de que foi uma experiência absolutamente enriquecedora, tanto para a Teresa e o Kevin, como para mim e para os meus colegas estagiários.

3.11 XXII Sarau Cultural da Escola Secundária Campos Melo



Fig.12 - Adaptação do *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente no XXII Sarau da ESCM

No dia 4 de maio, sob o tema “A minha escola dava um filme”, realizou-se mais um sarau da Escola Secundária Campos Melo, uma festa já habitual que junta alunos, professores, funcionários, famílias dos intervenientes e todos aqueles que pretendam disfrutar de um bom serão. Maioritariamente organizado pelos discentes, conta apenas com o apoio dos docentes em algumas situações, sendo a prova do dinamismo e criatividade que os mais novos desta escola vão tendo ao longo dos anos. Para além disso, à semelhança dos célebres “Óscares”, temos os não menos prestigiantes “Melos” que premeiam os protagonistas do ano letivo que está perto do seu fim.

No que diz respeito aos professores estagiários, demos o nosso contributo nos ensaios e, inclusive, participámos na adaptação do *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente assumindo o papel de políticos. No fim, para terminar em beleza, subimos ao palco com todos os professores da escola, vencendo um “Melo” que tinha como objetivo premiar o melhor de todos. Na minha opinião, de forma justa, venceram todos, destacando o trabalho que qualquer um desenvolveu ao longo do ano letivo 2016/2017.

Considerações finais

Elaborar este Relatório de Estágio foi, na verdade, uma forma de percorrer todo o trajeto acadêmico, desde o primeiro ano de escolaridade até ao momento atual. Ao longo dos anos, fomos crescendo e consolidando noções que nos permitiram chegar até a este momento, defendendo determinadas ideias que, naturalmente, são consequência daquilo que fomos encontrando ao longo deste percurso. Como é evidente, ‘ontem’ sabíamos pouco, ‘hoje’ temos algum conhecimento mas, ‘amanhã’, teremos muito mais. Na realidade, não devemos ter medo de expor as nossas ideias mas, para que o crescimento possa existir, é importante que estejamos recetivos a novas lições que, certamente, farão de nós indivíduos mais evoluídos. Para isso, devemos ser humildes e refletir sobre aquilo que aconteceu até aqui e, quanto a isso, não tenhamos dúvidas, foi um processo evolutivo que pautou pela vontade de aprender.

Embora tenhamos consciência de que não somos únicos, sabemos que se trata de algo que não é tão habitual na nossa sociedade e, nesse sentido, é fundamental que sejam apurados os motivos que nos trouxeram até esta realidade. Por vezes, torna-se mais fácil apontar defeitos e criticá-los mas, na nossa opinião, é crucial encontrar medidas que os eliminem, melhorando aquilo que não nos agrada. Assim, abordar a desmotivação de muitos alunos é, efetivamente, um assunto que devia sensibilizar todo o corpo docente deste país já que, direta e indiretamente, é algo que influencia a profissão e aqueles que deviam ser os nossos objetivos, isto é, ensinar e educar.

Não querendo fazer da nossa opinião uma verdade absoluta, encarámos este Relatório de Estágio como uma oportunidade para abordar algumas ideias nas quais acreditamos, explicando-as e, naturalmente, referindo os benefícios que trariam para o Ensino. Como sabemos, os alunos da atualidade não são idênticos aos de outras gerações, tal como os das próximas não serão semelhantes a estes. Ao longo dos anos, o mundo vai evoluindo e, na nossa opinião, é fundamental que as escolas se atualizem, estando assim preparadas para corresponder às necessidades dos alunos que, com essas mudanças, também vão alterando as suas exigências.

A um professor deve ser exigido que esteja atualizado, não só no que às suas disciplinas diz respeito, mas em relação ao mundo. Nesta profissão, não basta dominar conteúdos pois, na realidade, é importante que saibamos aplicá-los a situações concretas e, estando capacitados para isso, as probabilidades de os transmitir corretamente aos alunos serão maiores. Posto isto, defendemos que se tratem as matérias, não com o intuito de que os alunos conheçam determinados conceitos, mas sim prepará-los para que, quando necessário, os apliquem. Para além disso, seguindo esta postura, acreditamos que devemos preparar os alunos, considerando o contexto em que se encontram. Com isto, mais que valorizar o saber pela relevância que ele possa ter na cultura geral de cada um, achamos que ele deve ser trabalhado tendo como objetivo a melhor preparação possível para aquilo que vão encontrar ao longo das suas vidas.

Quando nos preocupamos com o futuro dos discentes, jamais poderemos desvalorizar a dimensão humana que eles têm de ter. Embora se coloque esta dimensão para segundo plano, ela é fundamental e transversal a cada momento da vida deles sendo, por isso, importante transmitir valores. Assim, mais que reconhecer esta necessidade, devemos encontrar formas de as inserir no Ensino em Portugal, dando-lhes a importância que ela, de facto, merece. Assim, ao longo do Relatório de Estágio, procurámos abordar esta questão, relacionando-a com as nossas disciplinas: Português e Espanhol.

Nessa abordagem, procurámos, numa primeira fase, entender se as disciplinas, por si só, eram valorizadas no Ensino português. Quanto a isso, foi possível entender que se tratam de dois casos distintos pois, por um lado, temos a língua materna que é uma disciplina que todos terão e, por outro, temos Espanhol que é opcional e, por isso, poderão existir alunos que não têm a disciplina ao longo dos anos. Para além disso, entendemos pelas cargas horárias que, no caso da primeira, existe mais tempo para trabalhar com os alunos e, na outra, a aposta é mais reduzida o que, como sabemos, coloca mais dificuldades naquilo que é o desenvolvimento de determinadas competências.

Num segundo momento, tentámos concretizar um pouco mais, abordando os programas. Tratando-se de duas disciplinas totalmente diferentes, a forma como analisámos também foi diferente, apontando os pontos fortes e fracos a ambas. No caso de Português, destacámos a necessidade de trabalhar conteúdos tendo em mente a necessária comparação com a atualidade, tentando aproximar determinados conteúdos à realidade dos alunos. Também nesse sentido, defendemos um investimento mais forte na oralidade, algo que, como sabemos, é extremamente importante para qualquer momento da nossa vida e, no que à via profissional diz respeito, acaba por ser relevante em qualquer setor, embora com exigências diferentes. Relativamente a Espanhol, tentámos alertar para a importância dos conteúdos socioculturais que, no que podemos analisar nos programas, conciliando isso com uma realidade que conhecemos, não só como professores estagiários, mas também como alunos, são apenas trabalhados quando existe algum tempo, não merecendo a atenção que, na nossa opinião, têm. Para além disso, destacámos a proximidade existente entre os alunos portugueses e a língua e a cultura que a envolve, acreditando que será importante tratar a disciplina de outra forma, quebrando a mentalidade de tratar todas as línguas estrangeiras da mesma forma. Com isto, não pretendemos afirmar a nossa como a mais importante mas sim, valorizar, não só Espanhol, como todas as que fazem parte do Ensino em Portugal pois, não tenhamos dúvidas, para um português, espanhol não significa o mesmo que inglês, francês, alemão, etc.

Após este passo fundamental, sendo as nossas disciplinas duas línguas, definimos como ponto importante do nosso raciocínio a abordagem aos fenómenos aprendizagem e memorização. Quanto a eles, decidimos encará-los respeitando a perspetiva dos alunos, isto é, duas questões totalmente diferentes e, por outro lado, a dos professores, sendo esta a que reforçou aquilo que defendemos ao longo do Relatório de Estágio. Assim sendo, sabemos que, como consequência da mentalidade que vinga na sociedade atual, os discentes portugueses

depositam na memorização ou, remetendo para o termo mais vulgar, ‘decorar’, a esperança de alcançar resultados, desconsiderando a importância de entender determinadas matérias para, no futuro, as utilizarem. Na outra perspectiva, encaramos os dois fenómenos como indissociáveis, isto é, estando atentos a determinada matéria, eles podem aprender mas, no futuro, poderemos entender se essa aprendizagem se transformou, de facto, em conhecimento sendo que, para isso, foi necessária a memorização. Posto isto, defendemos esse fenómeno mas, evidentemente, associado à aprendizagem pois, na realidade, o que se pretende é o conhecimento, não apenas os resultados em determinado teste.

Depois de todas as questões já abordadas, acreditamos que era importante definir matérias em concreto e, considerando-as, entender qual o seu papel no desenvolvimento pessoal e social dos alunos. Assim, na disciplina de Português, analisámos duas obras, sendo possível entender que, em ambos os casos, existia a possibilidade de fazer os alunos evoluir nas duas dimensões já referidas. Para isso, considerando as especificidades de cada texto, é importante transportar para a atualidade, promovendo a imprescindível reflexão dos alunos, isto é, devem ser eles a chegar às suas conclusões, sendo o professor somente um apoio. No que concerne a Espanhol, optámos por abordar os conteúdos socioculturais que, como já referimos, são, na maioria das vezes, menosprezados. Nesse sentido, considerámos as potencialidades que eles têm e abordámo-las. Nesse sentido, destacámos a importância que estes conteúdos podem ter na aceitação da diferença, conhecendo outras realidades que podem não ser tão familiares. Para além disso, reiterámos a importância de que, mais que falar espanhol, também é importante conhecer o contexto onde a língua é falada, sendo esse também um meio importante para dominar melhor a língua.

Na segunda parte do presente Relatório de Estágio, abordámos tudo aquilo que envolveu o estágio pedagógico, desde a escola às turmas, das aulas assistidas às atividades extracurriculares, refletindo sobre o contributo que acreditamos que este ano terá no nosso futuro como docentes. Posto isto, entendemos que, não sendo um ano perfeito, foi com ele que evoluímos, estando hoje melhor preparados para a profissão que escolhemos.

Bibliografia

APL [Associação Portuguesa de Linguística] (1994). *Variação lingüística no espaço, no tempo e na sociedade: Actas do encontro regional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri.

Benedetti, A. M. (1993). *Interferencias morfosintácticas y semánticas del portugués en el aprendizaje del español*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.

Bernardes, J. Augusto Cardoso (2005). *A Literatura no Ensino Secundário: Outros Caminhos*. Porto: Areal Editores.

Bianchetti, Lucídio e Ari Paulo Jantsch (1995). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Busquets, M^a Dolors et alii (1993). *Los temas transversales: Claves de la formación integral*. Madrid: Santillana (existe tradução portuguesa de 1997: *Temas transversais em educação: bases para uma formação integral*. São Paulo: Ática).

Camps, Anna (2009). “Actividad metalingüística y aprendizaje de la gramática: hacia un modelo de enseñanza basado en la actividad reflexiva”, em *Cultura y Educación*, 21, 199-213.

Carvalho, Susana Rita (2009). *O ensino da língua espanhola em Portugal - Que metodologias?* Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Ceia, Carlos (2002). *O que é ser Professor de Literatura*. Lisboa: Colibri.

Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, Ensino, Avaliação*. Porto: ASA.

Costa, M^a do Rosário (2016). *A desvalorização das Humanidades: Universidade, transformações sociais e Neoliberalismo*. Lisboa: IUL.

Delors, J. (1999). *Educação: um tesouro a descobrir*. (UNESCO, MEC). São Paulo: Cortez Editora.

Diário da República (2012a, 5 de julho). 1.^a série – N.º 129. Decreto-Lei n.º 139/2012.

Diário da República (2012b, 10 de agosto). 1.^a série – N.º 155. Portaria n.º 243/2012.

Diário da República (2012c, 10 de agosto). 1ª série — N.º 155. Portaria nº 242/2012.

Diário da República (2012d, 10 de agosto). 2ª série — N.º 155. Despacho nº 10874/2012.

Diário da República (2012e, 18 de abril). 2ª série — N.º 177. Despacho nº 5306/2012.

Diário da República (2015, 27 de fevereiro). 2ª série — N.º 41. Despacho 15971/2012.

Dinorah, Maria (1987). *O livro na sala de aula: uma alternativa em educação e leitura*. Porto Alegre: L&PM.

Campos Melo. Projeto Educativo 2014/2018.

http://www.camposmelo.pt/images/downloads/documentos_orientadores/PE.pdf

Duarte, I. (2006). “Ensinar português para o desenvolvimento”. Em Duarte e Morão [orgs.]. *Ensino do Português para o Século XXI*. Lisboa: Colibri, 27-40.

Fonseca, Fernanda Irene (2000). “Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura”, em AAVV. *Didáctica da Língua e da Literatura*. Vol. I. Coimbra: Almedina, 37-45.

Gómez Molina, J. R. (2004). “La subcompetencia sociocultural”, em Lobato, J. S. e I. Santos Gargallo (2004). *Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, 511-532.

Iturra, R. (1989). *A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem*. Bragança: Instituto Superior Politécnico de Bragança.

Lobato, J. S. e I. Santos Gargallo (2004). *Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL.

López, Virgínia (2014). *De Espanha, nem bom vento, nem bom casamento*. Lisboa: A esfera dos livros.

Lourenço, E. (2008). “Da língua como Pátria”, em Carlos Reis [org.]. *Actas da Conferência Internacional sobre o Ensino do Português*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular, 45-50.

Marques, Elisa *et alii* (2007). *Itinerário de formação*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

Martins, J. Cândido (2007). “Humanidades: presente com futuro”. Em Augusto Soares da Silva *et alii*, *Novos Horizontes para as Humanidades*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia, 89- 128.

Ministerio de Cultura [Espanhol] (1993). *En español. Materiales audio*. Madrid: Autor.

Mira Mateus, M. H. e E. Cardeira (2007). *Norma e variação*. Lisboa: Caminho.

Moçambique Editora (2001/2002...). *Exames sem medo*. Maputo.

MOPIP (Ministério das Obras Públicas e da Instrução Pública), decreto de 3 de janeiro de 1884. Diário do Governo, n.º 5; de 7 de janeiro de 1884

Moreno Fernández (2000). “Aspectos sociales de la adquisición de lenguas”, em D. Preston e R. Young. *Adquisición de segundas lenguas: variación y contexto social*. Madrid: Arco-Libros, 9-14.

Morin, Edgar (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.

Navas Ruiz, N. e Alegre, J. M. (1998). *Conversaciones hispánicas. Introducción a la conversación y a la lectura*. Salamanca: Almar.

Oliveira, Teresa Carla Trigo de (1992). *Contributo da memória para uma aprendizagem especificamente humana*. Coimbra: Impr. De Coimbra.

Piaget, J. (1970). *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: Forense.

Porto Editora (2013). *Dicionário da língua portuguesa PRO*. CD-ROM. Porto.

Ramos, J. (1997). *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes.

Silva, Vítor Aguiar e (2010). *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.

Viñes Millet, C. (1991). *La cultura en la España contemporánea*. Madrid: Edelsa.

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Zayas, Felipe (2006). “Hacia una gramática pedagógica”, em Anna Camps e Felipe Zayas (coords.), *Secuencias Didácticas para Aprender Gramática*. Barcelona: Graó, 17-30.

Webgrafia

ABC - FAMILIA - EDUCACIÓN (2016). “Decir a los niños que no se aprendan las cosas de memoria es un gran error”. El pedagogo José Antonio Marina explica cómo el talento se basa en la memoria (consultado em julho de 2017).

http://www.abc.es/familia/educacion/abci-decir-ninos-no-aprendan-cosas-memoria-gran-error-201604041608_noticia.html

EL MUNDO (2015). “Robert Swartz: 'Hay que enseñar a pensar más que a memorizar'” (consultado em julho de 2017).

<http://www.elmundo.es/comunidad-valenciana/2015/02/10/54d901f7ca474190438b456c.html>

INED21 (2015). “Aprendizaje y memoria” (consultado em agosto de 2017).

<https://ined21.com/aprendizaje-y-memoria/>

INVESTIGACIÓN Y CIENCIA (2013). “Aprendizaje y memoria. Relación de dependencia mutua” (consultado em julho de 2017).

<http://www.investigacionyciencia.es/revistas/investigacion-y-ciencia/las-neuronas-de-la-memoria-573/aprendizaje-y-memoria-10995>

SEMANA 35. IDEAS QUE LIBERAN (2017). “La diferencia entre aprender y memorizar” (consultado em agosto de 2017).

<http://www.semana.com/educacion/articulo/tecnicas-para-aprender-para-que-sirve-memorizar/531731>

Anexos

Anexo 1

Plano de aula					
Unidade Didática: <i>À Barca, À Barca...</i> (Texto dramático)		Ano / Turma: 9.ºA		Ano letivo: 2016/2017	
Aulas n.º 46 e 47 Data: <u>23</u> - <u>11</u> - <u>2016</u>	Sumário: Educação literária: Audição, leitura e interpretação da cena XI – “Os Quatro Cavaleiros” do <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.				
Tempo: 90 minutos	Resolução de uma ficha de trabalho relacionada com a referida cena. Correção da ficha de trabalho.				
Domínios / Conteúdos	Objetivos / Descritores de desempenho	Desenvolvimento da aula (Estratégias/ Atividades)	Recursos	Avaliação (modalidades e instrumentos)	Tempo estimado
Educação Literária - Texto dramático; - <i>Auto da Barca do Inferno</i> Cena XI - “Os Quatro Cavaleiros”; - Recursos expressivos (apóstrofe e eufemismo);	- Ler e interpretar textos dramáticos;	- Audição da cena XI - “Os Quatro Cavaleiros”, do <i>Auto da Barca do Inferno</i> ;	- CD Recursos/ e-Manual;	- Observação direta do desempenho, comportamento e participação dos alunos.	+/- 10 minutos
	- Explicitar o sentido global do texto, justificando;	- Interpretação da referida cena;	- Caderno do aluno;		+/- 20 minutos
	- Identificar e reconhecer o valor dos recursos expressivos já estudados;	- Resolução de uma ficha de trabalho relacionada com a cena estudada;	- Manual <i>Conto Contigo 9</i> , pp. 105-108;		
- Fazer deduções e inferências,					

<p>Oralidade</p> <p>- Intencionalidade comunicativa;</p> <p>- Argumentação.</p>	<p>argumentando;</p> <p>- Expressar, oralmente e de forma fundamentada, pontos de vista e apreciações críticas suscitados pelo texto lido;</p> <p>- Considerar pontos de vista contrários e reformular posições.</p>	<p>- Correção oral e escrita da ficha de trabalho;</p> <p>- Apresentação de um esquema para uma compreensão adequada da cena.</p>	<p>- Ficha de trabalho;</p> <p>- Quadro interativo.</p>		<p>+/- 30 minutos</p> <p>+/- 15 minutos</p>
--	--	---	---	--	---

Auto da Barca do Inferno
Cena XI – *Os quatro Cavaleiros*



1. Na última “cena”, surge no cais uma personagem coletiva: os Quatro Cavaleiros.

1.1. Indica e explica os símbolos cénicos que servem para os caracterizar.

2. Os Quatro Cavaleiros surgem em “cena” entoando um cântico onde aconselham os “mortais”.

2.1. Refere quais são os seus conselhos, justificando com afirmações presentes no texto.

3. Os Quatro Cavaleiros rejeitam o convite do Diabo para entrar no “batel dos danados”.

3.1. Aponta o argumento que é dado pelos Cavaleiros.

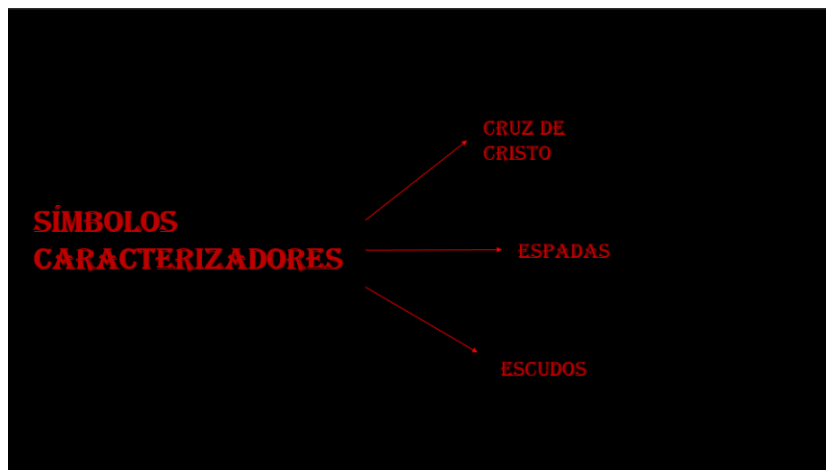
4. Os Cavaleiros embarcam na “barca da Glória”.

4.1. Transcreve a afirmação do Anjo que justifica a entrada destas personagens na “barca da vida”.

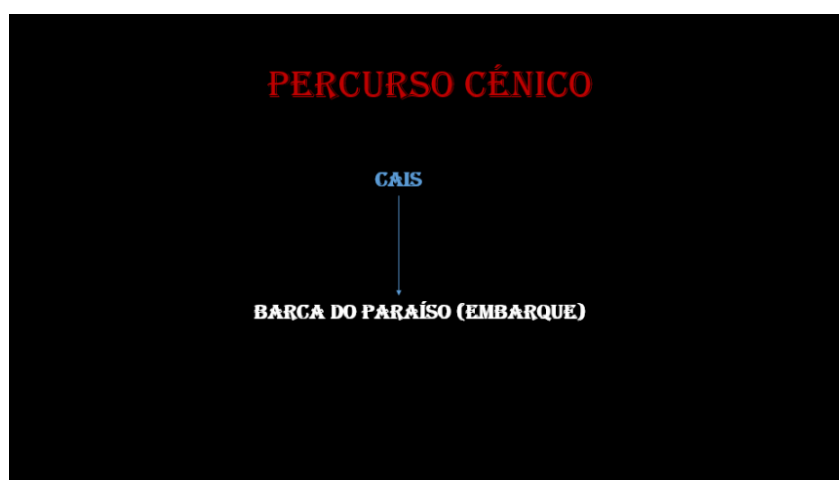
Oralidade

1. Lê atentamente o texto presente nas páginas 107 e 108 do manual.
2. Na tua opinião, é possível estabelecer uma comparação entre as Cruzadas e as guerras recentemente travadas pelos jihadistas?

Anexo 3



ARGUMENTOS DE DEFESA	ARGUMENTOS DE ACUSAÇÃO
-MORRERAM POR CRISTO	




Anexo 4


Plano de Aula					
Unidade didática: Texto narrativo		Ano / Turma: 9.ªA		Ano letivo: 2016/2017	
Aulas n.º 73 e 74	Sumário: Educação literária: Análise do conto <i>A Palavra Mágica</i> de Vergílio Ferreira. Realização e correção de uma ficha de trabalho. Gramática: A denotação e a conotação; o registo de língua popular.				
Data: <u>18 - 1 - 2017</u>					
Tempo: 90 minutos					
Domínios/ Conteúdos	Objetivos / Descritores de Desempenho	Desenvolvimento da aula (Estratégias/ Atividades)	Recursos	Avaliação (modalidades e instrumentos)	Tempo estimado
Educação Literária - Texto narrativo; - <i>A Palavra Mágica</i> , de Vergílio Ferreira; - As categorias da narrativa; - As classes de palavras; - A Denotação e a	- Estimular o gosto pela leitura;	- Chuva de ideias sobre a força das palavras;	- Manual <i>Conto Contigo 9</i> , pp. 217-221;	- Observação direta do desempenho, comportamento e participação dos alunos.	+/- 10 min
	- Analisar um texto narrativo;	- Diálogo com os alunos sobre a biografia de Vergílio Ferreira;	- Quadro;		+/- 10 min
	- Escrever crítica e criativamente;	- Resumo, por parte dos alunos, do conto;	- Marcadores;		+/- 10 min
	- Desenvolver a autonomia e o espírito crítico;	- Delimitação das sequências	- Caderno do aluno; - Ficha de trabalho.		+/- 10 min

<p>Conotação;</p> <p>- Os registos de língua (registo popular).</p> <p>Oralidade</p> <p>- Intencionalidade comunicativa;</p> <p>- Argumentação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a biografia do autor; - Conhecer as características do conto literário; - Sintetizar o assunto do conto; - Conhecer as categorias da narrativa; - Delimitar a ação nos seus momentos mais importantes; - Organizar sequências narrativas; - Reconhecer a expressividade da pontuação; - Identificar a classe de 	<p>narrativas;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análise das primeiras sequências narrativas; - Realização e correção de uma ficha de trabalho. 			<p>+/- 25 min</p> <p>+/- 25 min</p>
--	---	--	--	--	-------------------------------------


	<p>palavras;</p> <ul style="list-style-type: none">- Reconhecer o registo de língua popular;-Entender a diferença entre denotação e conotação- Expressar, oralmente e de forma fundamentada, pontos de vista e apreciações críticas suscitados pelo texto lido;- Considerar pontos de vista contrários e reformular posições.				
--	--	--	--	--	--

 2- Explica o acontecimento que vem alterar o caráter pacífico do Silvestre.


2ª sequência narrativa (linhas 29 a 35)

 1- Tendo em conta que os habitantes da freguesia desconheciam a palavra “inócuo”, refere os dois significados que o vocábulo adquire.


3ª sequência narrativa (linhas 36 a 41)


 1- Indica o significado que a mulher do Paulinho atribui a “inócuo”.

4ª sequência narrativa (linhas 42 a 53)


 1- Indica os quatro significados que a palavra-chave deste conto adquire nesta sequência.


5ª sequência narrativa (linhas 54 a 81)


 1- Explica o sentido da seguinte expressão: “Até que o Perdigão dos Cabritos (...) se azedou com o taberneiro (...)” (linhas 56 e 57)


 2- Constrói uma frase em que a palavra “azedar” tenha um sentido denotativo.

 3- Atenta na seguinte expressão: “Tentou deitar água na fogueira.” (linha 72)

 3.1- Explica o seu valor conotativo.

 3.2- Emprega esta expressão em sentido denotativo.

 4- Transcreve os significados que a palavra “inócuo” ganhou nesta sequência.

 5- Encontra no diálogo desta sequência duas expressões que se integrem no registro de língua popular.

Bom trabalho!!!

Anexo 6

Fecha: 16/03/2017

Español: 11º A/B/C

Profesora orientadora: Sandra Espírito Santo

Profesor en prácticas: Orlando Esteves

Clase observada de Español



- Unidad 4 – CIUDADANOS EUROPEOS

90 minutos								
Objetivos	Contenidos				Actividades/ metodologías	Tiempo	Materiales	Evaluación
	Funcionales	Lexicales	Gramaticales	Culturales				
Expresar una opinión; Diferenciar el registro informar del formal; Conocer los deberes del ciudadano; Identificar los tiempos del pasado; Comunicarse utilizando los tiempos del pasado.	Comunicarse utilizando los tiempos del pasado; Expresar una opinión.	La ciudadanía.	Pretérito Perfecto; Pretérito Indefinido; Pretérito Imperfecto; Usos del Pretérito Perfecto, del Pretérito Indefinido y del Pretérito Imperfecto; Marcadores temporales del Pretérito Perfecto, del Pretérito Indefinido y del Pretérito Imperfecto.	Deberes del ciudadano.	Lluvia de ideas sobre lo que queremos de Europa; Explotación de diferentes formas de expresar una opinión en el registro informal o formal; Ejercicio sobre los deberes del ciudadano; Conversación utilizando los tiempos del pasado y posterior explicación de los mismos. Resolución de la ficha de trabajo "Tiempos de pasado".	20 min 5 min 10 min 25 min 30 min	Cuaderno; Bolígrafo; Manual; Pizarra; Ordenador; Proyector; Ficha de trabajo.	Puntualidad; Motivación; Participación; Comportamiento; Comprensión oral; Expresión oral;

Referencias bibliográficas

<http://drcsciudadano.blogspot.pt/2009/06/deberes-de-un-ciudadano.html>

<https://aprenderespanholesfacil.wordpress.com/2008/05/26/ejercicios-con-preterito-imperfecto-de-indicativo/>

http://www.todo-claro.com/castellano/intermedio/gramatica/Los_pasados/Seite_1.php

Plan de clase
CIUDADANOS EUROPEOS

Profesora orientadora: Sandra Espírito Santo

Profesor en prácticas: Orlando Esteves

Aula: 7

Identificación del grupo: 11º A/B/C

Horario: 11h45-13h15

Número de alumnos: 10

Clase nº : jueves, 16 de marzo de 2017

90 minutos

Sumario:

- Continuación de la explotación de la Unidad 4 – Ciudadanos europeos.
- Deberes del ciudadano – ejercicio de explotación.
- Repaso de la morfología y usos del Pretérito Perfecto, del Pretérito Indefinido y del Pretérito Imperfecto.
- Resolución de la ficha de trabajo “Tiempos de pasado”.

Desarrollo de la clase:

La clase empezará con el profesor saludando a los alumnos y presentándose a estos.

Después, como actividad de precalentamiento, se proyectará en la pizarra la pregunta: “¿Qué Europa queremos?”, el profesor pedirá a los alumnos que expresen su opinión en español y se registrarán las ideas en la pizarra. Al final, el docente pedirá que identifiquen los marcadores que han utilizado para expresar lo que creen que sería mejor para Europa. **(SUBANEXO 1 – Página 102)**

Para completar la actividad anterior, se registrarán en la pizarra algunos contenidos gramaticales. **(SUBANEXO 2 – Página 103)**

A continuación, se planteará qué se puede hacer para que Europa nos guste más, aclarando que tenemos responsabilidad en eso si cumplimos nuestros deberes como ciudadanos. Se proyectarán imágenes que ayudarán a los alumnos a identificar nueve deberes que deben conocer como ciudadanos. **(SUBANEXO 3- Páginas 103 y 104)**

Después de explotados los deberes de los ciudadanos, el profesor proyectará la pregunta: “Y tú, cuando eras un niño ¿qué hacías para ayudar a tus compañeros cuando tenían algún problema?”. Los alumnos tendrán que contestar en español utilizando el pretérito imperfecto, identificando después en qué tiempo están las formas verbales y en qué situaciones las pueden usar. A

Tiempo estimado:

10 min

10 min

5 min

10 min

15 min

continuación, tres alumnos saldrán a la pizarra y conjugarán por escrito un verbo de cada conjugación. **(SUBANEXO 4 - Página 105)**

Se proyectará otra pregunta: “¿Qué hiciste el año pasado que compruebe que cumples dos deberes del ciudadano?”. En esta actividad, los alumnos tendrán que utilizar el pretérito indefinido utilizando el mismo esquema. **(SUBANEXO 5-
-Página 105)**

Como última cuestión, se pedirá a los alumnos que contesten a la pregunta: “Y hoy, ¿crees que has respetado tus deberes como ciudadano?”. Se repasarán la morfología y usos del pretérito perfecto. **(SUBANEXO 6 - Página 106)**

Al final de la clase se resolverá una ficha de trabajo con ejercicios del tiempo verbal repasado en esta clase: el pretérito imperfecto; y otro ejercicio con los tres tiempos de pasado estudiados en esta unidad: el pretérito perfecto, el pretérito indefinido y el pretérito imperfecto. **(SUBANEXO 7 - Páginas 106)** Los ejercicios se proyectarán en la pizarra y se corregirán con la ayuda de los alumnos. **(SUBANEXO 8 - Página 107)**

Al terminar la clase, el profesor, con ayuda de los alumnos, escribirá el sumario, repasando los contenidos estudiados.

5 min

5 min

20 min

10 min

TOTAL:

90 min

SUBANEXO 1



¿Qué Europa queremos?

SUBANEXO 2

¿Cómo puedo opinar en los diferentes registros?

Informal	Formal

SUBANEXO 3

¿Cuáles son tus deberes como ciudadano?



1- Respetar los derechos ajenos y no abusar de los propios.

¿Cuáles son tus deberes como ciudadano?



2- Ser solidario con los demás, respondiendo con acciones humanitarias ante situaciones que pongan en peligro la vida o la salud de las personas.

¿Cuáles son tus deberes como ciudadano?



3- Participar en la vida política, cívica y comunitaria del país.

¿Cuáles son tus deberes como ciudadano?



4- Respetar y apoyar a las autoridades democráticas legítimamente constituidas para mantener la independencia y la integridad nacionales.

¿Cuáles son tus deberes como ciudadano?



5- Defender y difundir los derechos humanos como base de la convivencia pacífica.

¿Cuáles son tus deberes como ciudadano?



6- Mantener la paz.

¿Cuáles son tus deberes como ciudadano?



7- Colaborar para el buen funcionamiento de la administración de la justicia.

¿Cuáles son tus deberes como ciudadano?



8- Proteger los recursos culturales y naturales del país y velar por la conservación de un ambiente sano.

¿Cuáles son tus deberes como ciudadano?



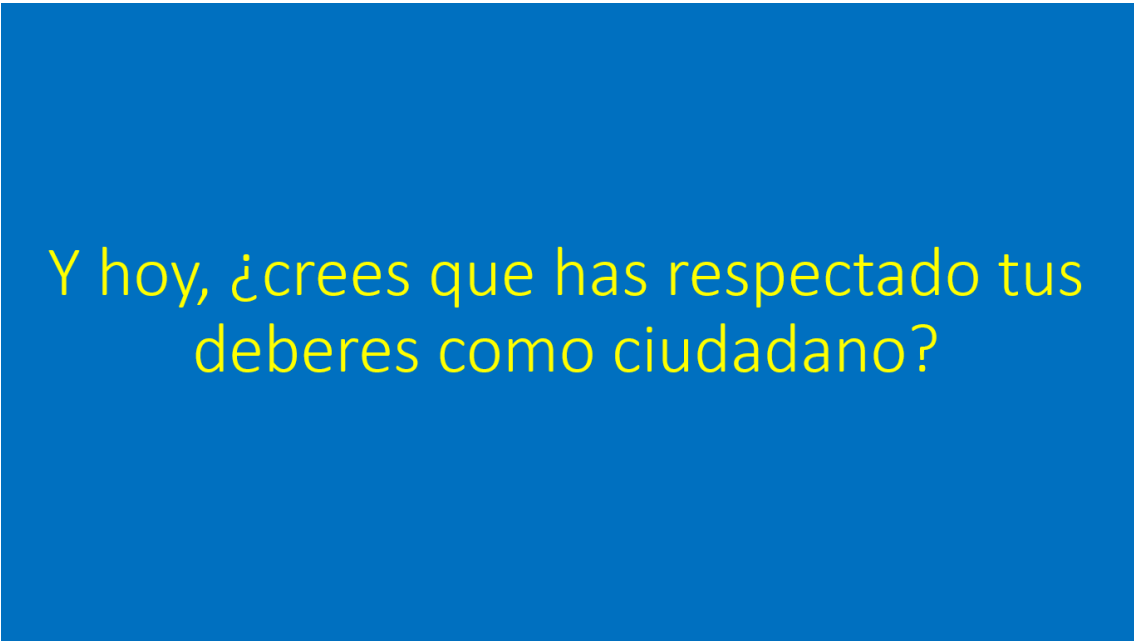
9- Contribuir al financiamiento de los gastos e inversiones del Estado dentro de conceptos de justicia y equidad.

SUBANEXO 4

Y tú, cuando eras un niño, ¿qué hacías para ayudar a tus compañeros cuando tenían algún problema?

SUBANEXO 5

¿Qué hiciste el año pasado que compruebe que cumples dos deberes del ciudadano?



DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES
 DIREÇÃO DE SERVIÇOS DA REGIÃO CENTRO

**ESPAÑOL Y
FICHA DE TRABAJO**

Nombre: _____ Nº: _____ Grupo: _____ Fecha: ___/___/___

Tiempos de pasado

1- Completa las oraciones con el pretérito imperfecto de indicativo usando el verbo que se encuentra entre paréntesis.

- De pequeño, Jorge viaja (viajar) a Barcelona.
- Los lunes, él va (ir) al cine después de hacer las tareas.
- Los sábados, el avión vuela (volar) a las 8 y media de la mañana.
- Antes, Pedro tenía (tener) muchos amigos en su casa.
- A veces, usted come (comer) mucho más de lo necesario.
- Una vez por semana, nosotros tomamos (tomar) el autobús.
- Frecuentemente, usted trabaja (trabajar) demasiado.
- Ella siempre tiene (tener) calor.
- Las tiendas abren (abrir) a las nueve y media.
- Todos los veranos va (ir) a España.

2- Pon los verbos entre paréntesis en pretérito perfecto, indefinido o imperfecto según convenga.

Ricardo: Yo la conocí (conocer) poco. Ella (Ser) muy amable y una persona muy seria. Parada (Parar) una mujer buena, de pocas palabras, pero era (ser) muy cariñosa con los niños.

Felisa: ¿Ella (Ser) mucha gente a su casa?

Ricardo: No, no lo creo. Haba (Haber) la impresión de ser una persona un poco soñadora, reservada... Ya lo he dicho (decir) que hablaba (hablar) poco. De vez en cuando la

(hablar) poco. De vez en cuando la _____ (visitar) un señor bastante mayor, _____ (tener) el pelo canoso y _____ (estar) un poco caído en la frente... _____ (Ser) muy alto y delgado, muy elegante. _____ (Ser) muy bien vestido. _____ (Llevar) gafas.

Felisa: _____ (Hablar) usted con él?

Ricardo: No, pero...

Felisa: ¿Cuándo _____ (ver) usted al señor?

Ricardo: Lo _____ (encontrar) la misma noche que _____ (nacer) a la señora García. Yo _____ (estar) en la portería y _____ (ver) a un hombre _____ (Ser) bajito, él gordo y delgado. Yo no _____ (poder) ver sus ojos, pero _____ (ser) extraño, de eso estoy segura.

Felisa: Mire usted esas fotos. ¿Puede reconocer al señor?

Ricardo: No, ésto no es, tiene la cara demasiado redonda y la nariz demasiado grande. No, ésto otro tampoco, es demasiado viejo. Ésto... ésto no sé...

Felisa: ¿Cómo que es el señor?

Ricardo: No sé, pero se parece a él. Mire ésto de aquí, ¿qué le parece?

Felisa: ¿Por qué es así? ¿Qué le parece gracioso?

Ricardo: No sé... tiene las orejas muy grandes, parece un elefante!

Felisa: No divague: contome sólo a mis preguntas. ¿Es ésto el hombre que usted _____ (ver) la noche del crimen? ¿Sí o no?

Ricardo: No, no, pero sus orejas...

Felisa: Bueno, basta. Hoy _____ (hablar, nosotros) su función. En caso de necesidad le llamaremos otro día.

Ricardo: ¡Aquí estoy a su disposición! ¿Qué día tiene otro trabajo?

Tiempos de pasado

1- Completa las oraciones con el pretérito imperfecto de indicativo usando el verbo que se encuentra entre paréntesis.

- De pequeño, Jorge viajaba (viajar) a Barcelona.
- Los lunes, él veía (ver) televisión después de hacer las tareas.
- Los sábados, el avión salía (salir) a las tres y media en punto.
- Antes, Pedro recibía (recibir) muchos amigos en su casa.
- A veces, usted comía (comer) mucho más de lo necesario.
- Una vez por semana, nosotros tomábamos (tomar) el autobús.
- Frecuentemente, usted trabajaba (trabajar) demasiado.
- Ellos nunca tenían (tener) calor.
- Las tiendas abrían (abrir) a las nueve y media.
- Todos los veranos íbamos (ir, yo) a España.



2- Pon los verbos entre paréntesis en pretérito perfecto, indefinido o imperfecto según convenga.

Ricardo: Yo la conocía (conocer) poco. Era (Ser) muy amable y una persona muy seria. Parecía (Parecer) una mujer buena, de pocas palabras, pero era (ser) muy cariñosa con los niños.

Policia: Ella (Ella) mucha gente a su casa?

Ricardo: No, no lo creo. Daba (Dar) la impresión de ser una persona un poco solitaria, reservada... Ya le había dicho (decir) que hablaba (hablar) poco. De vez en cuando la

visitaba (visitar) un señor bastante mayor, tenía (tener) el pelo canoso y era (era) un poco calvo en la frente... Era (Ser) muy alto y delgado, muy elegante. Él (He) muy bien vestido. Llevaba (Llevar) gafas.

Policia: ¿Había (¿Había) usted con él?

Ricardo: No, pero...

Policia: ¿Cuándo veía (ver) usted al asesino?

Ricardo: Lo encontré (encontrar) la misma noche que mata (matar) a la señora García. Yo entré (entrar) en la portería y vi (ver) a un hombre. Era (Ser) bajito, ni gordo ni delgado. Yo no podía (poder) ver sus ojos, pero era (ser) moreno, de eso estoy seguro.

Policia: Mire usted esas fotos. ¿Puede reconocer al asesino?

Ricardo: No, pero no, tiene la cara demasiado redonda y la nariz demasiado grande. No, ésto otro tampoco, es demasiado viejo. Ésto... ésto no sé...

Policia: ¿Cree que es el asesino?

Ricardo: No sé, pero se parece a él. Mire ésto de aquí. ¿Qué dice usted?

Policia: ¿Por qué se ríe? ¿Qué le parece gracioso?

Ricardo: No sé... tiene las orejas muy grandes, parece un elefante!

Policia: No divague; contome sólo a mis preguntas. ¿Se dice el hombre que usted veía (ver) la noche del crimen? ¿Sí o no?

Ricardo: No, no, pero sus orejas...

Policia: Bueno, basta. Hoy hemos hablado (hablar, nosotros) suficiente. En caso de necesidad le llamaremos otro día.

Ricardo: ¿Aquí estoy a su disposición? ¿Qué dice usted como trabajo?



SUBANEXO 8

Corrección de la ficha de trabajo

1- Completa las oraciones con el pretérito imperfecto de indicativo usando el verbo que se encuentra entre paréntesis.

- De pequeño, Jorge _____ (viajar) a Barcelona.
- Los lunes, él _____ (ver) televisión después de hacer las tareas.
- Los sábados, el avión _____ (salir) a las tres y media en punto.
- Antes, Pedro _____ (recibir) muchos amigos en su casa.
- A veces, usted _____ (comer) mucho más de lo necesario.
- Una vez por semana, nosotros _____ (tomar) el autobús.
- Frecuentemente, usted _____ (trabajar) demasiado.
- Ellos nunca _____ (tener) calor.
- Las tiendas _____ (abrir) todos los días a las nueve y media.
- Todos los veranos _____ (ir, yo) a España.

Corrección de la ficha de trabajo

2- Pon los verbos entre paréntesis en pretérito perfecto, indefinido o imperfecto según convenga.

Ricardo: Yo la _____ (conocer) poco. _____ (Ser) muy amable y una persona muy seria.

(Parecer) una mujer buena, de pocas palabras, pero _____ (ser) muy cariñosa con los niños.

Policia: _____ (¿Ir) mucha gente a su casa?

Ricardo: No, no lo creo. _____ (Dar) la impresión de ser una persona un poco solitaria, reservada... Ya le

_____ (decir) que _____ (hablar) poco. De vez en cuando la _____ (visitar) un señor

bastante mayor, _____ (tener) el pelo canoso y _____ (estar) un poco calvo en la frente...

_____ (Ser) muy alto y delgado, muy elegante. _____ (Ir) muy bien vestido. _____

(Llevar) gafas.

Policia: _____ (¿Hablar) usted con él?

Ricardo: No, pero...

Policia: ¿Cuándo _____ (ver) usted al asesino?

Ricardo: Lo _____ (encontrar) la misma noche que _____ (matar) a la señora García. Yo

_____ (entrar) en la portería y _____ (ver) a un hombre. _____ (Ser) bajito, ni

gordo ni delgado. Yo no _____ (poder) ver sus ojos, pero _____ (ser) moreno, de eso estoy

seguro.

Los pasados

✍ 1- Completa las oraciones con el pretérito imperfecto de indicativo usando el verbo que se encuentra entre paréntesis.

- a) Jorge _____ (viajar) a Barcelona.
- b) Él _____ (ver) televisión después de hacer las tareas.
- c) El avión _____ (salir) a las 3 y media en punto.
- d) Pedro _____ (recibir) muchos amigos en su casa.
- e) Usted _____ (comer) mucho más de lo necesario.
- f) Nosotros _____ (tomar) el ómnibus.
- g) Usted _____ (trabajar) demasiado.
- h) Ellos _____ (vender) el auto para comprar uno nuevo.
- i) Las tiendas _____ (abrir) a las 9 y media.
- j) Ella _____ (contestar) el teléfono en el comedor.



✍ 2- Pon los verbos entre paréntesis en pretérito perfecto, indefinido o imperfecto según convenga.

Ricardo: Yo la _____ (conocer) poco. _____ (Ser) muy amable. Una persona muy seria. _____ (Parecer) una mujer buena. De pocas palabras, pero _____ (ser) muy cariñosa con los niños.

Policía: _____ (¿Ir) mucha gente a su casa?

Ricardo: No, no lo creo. _____ (Dar) la impresión de ser una persona un poco solitaria, reservada... Ya le _____ (decir) que _____ (hablar) poco. De vez en cuando la _____ (visitar) un señor ya bastante viejo, _____ (tener) el pelo canado y _____ (estar) un poco calvo aquí adelante... _____ (Ser) muy alto y delgado, muy elegante. _____ (Ir) muy bien vestido. _____ (Llevar) gafas.

Policía: _____ (¿Hablar) usted con él?

Ricardo: No, pero...

Policía: ¿Cuándo _____ (ver) usted al asesino?

Ricardo: Lo _____ (encontrar) la misma noche que _____ (matar) a la señora García. Yo _____ (entrar) en la portería y

_____ (ver) a un hombre. _____ (Ser) bajito, ni gordo ni delgado. Yo no _____ (poder) ver sus ojos, pero _____ (ser) moreno, de eso estoy seguro.

Policía: Mire usted estas fotos. ¿Puede reconocer al asesino?

Ricardo: No, éste no es, tiene la cara demasiado redonda y la nariz demasiado grande. No, éste otro tampoco, es demasiado viejo. Éste... éste no sé...

Policía: ¿Cree que es el asesino?

Ricardo: No sé, pero se parece a él. Mire éste de aquí, ¡qué divertido!

Policía: ¿Por qué se ríe? ¿Qué le parece gracioso?

Ricardo: No sé... tiene las orejas muy grandes, ¡parece un elefante!

Policía: No divague: conteste sólo a mis preguntas. ¿Es éste el hombre que usted _____ (ver) la noche del crimen, sí o no?

Ricardo: No, no, pero sus orejas...

Policía: Bueno, basta hoy nosotros _____ (hablar) suficiente. En caso de necesidad le llamaremos otro día...

Ricardo: ¡Aquí estoy a su disposición! ¡Qué divertido este trabajo!



Anexo 8

Fecha: 11/05/2017

Español: 11° A/B/C

Profesora orientadora: Sandra Espírito Santo

Profesor en prácticas: Orlando Esteves

Clase observada de Español



- Unidad 7 - CIUDAD

90 minutos

Objetivos	Contenidos				Actividades/ metodologías	Tiempo	Materiales	Evaluación
	Funcionales	Lexicales	Gramaticales	Culturales				
<p>Expresar una opinión;</p> <p>Conocer los lugares de la ciudad;</p> <p>Describir a un lugar;</p> <p>Identificar la voz activa y la voz pasiva;</p> <p>Diferenciar la voz activa de la pasiva;</p> <p>Transformar oraciones activas en pasivas;</p> <p>Conocer la formación de la pasiva perifrástica y de la pasiva refleja;</p>	<p>Expresar una opinión;</p> <p>Describir a un lugar.</p>	<p>Los lugares de la ciudad;</p>	<p>La voz pasiva;</p> <p>La pasiva perifrástica y la pasiva refleja.</p>	<p>Los lugares de la ciudad.</p>	<p>Exposición de ideas que justifiquen si nos gusta Covilhã;</p> <p>Lluvia de ideas sobre lo qué nos gusta y lo qué no nos gusta en Covilhã;</p> <p>Presentación de una ciudad, identificando los diferentes lugares y describiéndolos;</p> <p>Ejercicio sobre la voz pasiva;</p> <p>Resolución de la ficha de trabajo: “Voz pasiva”;</p> <p>Lectura del texto “Las ciudades del futuro serán subterráneas” de la página 127 del manual;</p> <p>Conversación sobre si las ciudades subterráneas serán nuestro futuro.</p>	<p>20 min</p> <p>10 min</p> <p>20 min</p> <p>10 min</p> <p>15 min</p> <p>10 min</p> <p>5 min</p>	<p>Cuaderno;</p> <p>Bolígrafo;</p> <p>Manual;</p> <p>Pizarra;</p> <p>Ordenador;</p> <p>Proyector;</p> <p>Ficha de trabajo.</p>	<p>Puntualidad;</p> <p>Motivación;</p> <p>Participación;</p> <p>Comportamiento;</p> <p>Comprensión oral;</p> <p>Expresión oral;</p>

Referencias bibliográficas

Endirecto.com 5 – Libro del Profesor, Areal Editores p. 127

Plan de clase

CIUDAD

Profesora orientadora: Sandra Espírito Santo

Profesor en prácticas: Orlando Esteves

Aula: 7

Identificación del grupo: 11º A/B/C

Horario: 11h45-13h15

Número de alumnos: 10

Clase nº : jueves, 11 de mayo de 2017

90 minutos

Sumario:

- Los lugares de la ciudad – ejercicio de explotación.
- La voz pasiva – la pasiva perifrástica y la pasiva refleja.
- Resolución de una ficha de trabajo “Voz pasiva”.

Desarrollo de la clase:

La clase empezará con el profesor saludando a los alumnos y refiriendo la unidad que va a ser trabajada en las próximas lecciones: unidad 7 – Ciudad. (SUBANEXO 1 – página 113)

Después, como actividad de precalentamiento, se proyectará en la pizarra la pregunta “¿Os gusta Covilhã?”, pidiendo a los alumnos que contesten oralmente en español, dejando clara la idea de que se hablará como si el docente no la conociera. (SUBANEXO 2 – página 114)

Teniendo en cuenta la posibilidad de que existan alumnos a quien les guste la ciudad y a otros que no, se pedirá a dos que describan la ciudad, señalando los puntos positivos y los puntos negativos. (SUBANEXO 3 – página 114)

Siempre con el objetivo de presentar Covilhã, se simulará un paseo por la ciudad, presentando imágenes de diferentes lugares. Para cada una de ellas, los alumnos tendrán de decir cómo se dice en español (ej. *Polícia*- comisaría) y describirla siempre que el profesor lo pida. (SUBANEXO 4 – páginas 115, 116 y 117)

El primer lugar será el instituto, donde estamos teniendo clase. Como es un lugar que todos conocen bien, seguramente se pedirá que lo describan.

El segundo punto será el centro de la ciudad donde está el ayuntamiento y, además, hay muchos lugares que todos tendrán que identificar, siempre con ayuda de las imágenes. Como ejemplo, tenemos la estatua, el teatro, el quiosco de periódicos, entre otros que merecerán nuestra atención en clase.

Partiendo del último lugar, tenemos algunas calles que servirán para identificar otros lugares. Por ejemplo, si vamos por una encontraremos algunas tiendas y nos dirigimos al

Tiempo estimado:

10 min

10 min

10 min

20 min

cementerio y al estadio. Si vamos por otra tendremos restaurantes o el mercado. Siguiendo siempre este modelo, se presentarán imágenes de toda la ciudad.

En el centro comercial, sin imágenes, se preguntará a los alumnos qué podemos encontrar allí, repasando los contenidos trabajados en la clase y otros que los alumnos hayan trabajado en otros años.

A continuación, se dirá a los alumnos que, en esta presentación, la ciudad ha sido protagonista lo que llevará al profesor a escribir en la pizarra la frase: “Covilhã ganó el premio”. Abajo, se escribirá otra: “El premio fue ganado por Covilhã”. Ante las dos, el docente pedirá a un alumno que identifique el protagonista de las dos, bien como las funciones sintácticas presentes en las frases. Al final, el objetivo será que asocien la primera a la voz activa y la segunda a la voz pasiva. **(SUBANEXO 5 – página 117)**

10 min

Para practicar estos contenidos, el momento siguiente se basará en una ficha de trabajo donde se testará, naturalmente, la voz pasiva, existiendo una frase para cada alumno. **(SUBANEXO 6 – página 118)** La corrección se hará en la pizarra. **(SUBANEXO 7 – página 119 y 120)**

15 min

Cerca del final de la clase, se solicitará que van hasta la página 127 del manual donde será explotado el texto 3, relacionado con las ciudades subterráneas, promoviendo después una actividad de interacción oral donde todos tendrán la oportunidad de practicar el español, dejando su opinión sobre el tema. **(SUBANEXO 8 – página 121)**

10 min

Al final, como repaso, se escribirá el sumario, pidiendo a los alumnos que refieran los contenidos trabajados.

5 min

TOTAL:

90 min

SUBANEXO 1

Unidad 7 - Ciudad



SUBANEXO 2

¿Os gusta Covilhã?

SUBANEXO 3

Two empty survey boxes are displayed side-by-side. The left box has a green header with a white smiley face icon, and the right box has a green header with a white frowny face icon. Both boxes have a light green body area for text entry.

SUBANEXO 4



→ El edificio

↓
El instituto



→ El centro de la ciudad

↓
El ayuntamiento



↓
La estatua



↓
La cafetería/El restaurante



↓
La iglesia



← El banco

→ El teatro

↓
El quiosco



↓
El cementerio



↓
El estadio



Los bomberos



El mercado



El restaurante



El hotel ←



La biblioteca



La camisería



El centro comercial

¿Qué hay en el centro comercial?



El parque



La gasolinera



SUBANEXO 5

1- Los bomberos apagaron los incendios producidos.

2- Los incendios producidos fueron apagados por los bomberos.

CORRECCIÓN


1- Los bomberos apagaron los incendios producidos.


Sujeto Predicado Objeto directo

2- Los incendios producidos fueron apagados por los bomberos.

Sujeto Predicado Complemento Agente

SUBANEXO 6


 REPÚBLICA PORTUGUESA | MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES
2016/2017
DIREÇÃO DE SERVIÇOS DA REGIÃO CENTRO

 Escola Secundária
Campos Melo

**ESPAÑOL Y
FICHA DE TRABAJO**

Nombre: _____ Nº: _____ Grupo: _____ Fecha: ____/____/____

Voz pasiva



1- Transforma las siguientes frases en voz pasiva:

a) Yo leo el libro.

b) El dios ha encontrado el reloj.

c) Roberto y David comieron la tarta.

d) Los alumnos habían hablado con el profesor.

e) Mis compañeros habrán cocinado la cena.


f) Un hombre ha conducido la moto.


g) Él se comprará un coche.

h) La policía recogió los testimonios.

i) Yo limpiaré el coche.

CORRECCIÓN


 REPÚBLICA PORTUGUESA | MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES
2014/2017
DIREÇÃO DE SERVIÇOS DA REGIÃO CENTRO

 Escola Secundária
Campos Melo

**ESPAÑOL Y
FICHA DE TRABAJO**

Nombre: _____ Nº: _____ Grupo: _____ Fecha: ____/____/____

Voz pasiva



E- Transforma las siguientes frases en voz pasiva:

a) Yo leo el libro.
Corrección: El libro es leído por mí.

b) El chico ha encontrado el reloj.
C: El reloj ha sido encontrado por el chico.

c) Roberto y David comieron la tarta.
C: La tarta fue comida por Roberto y David.

d) Los alumnos habían cogido el ejercicio.
C: El ejercicio había sido cogido por los alumnos.

e) Mis compañeros habían cocinado la cena.
C: La cena había sido cocinada por mis compañeros.

f) Un hombre ha conducido la moto.
C: La moto ha sido conducida por un hombre.

g) Elker comprará un coche.
C: Un coche será comprado por Elker.

h) La policía recogió los testimonios.
C: Los testimonios eran recogidos por la policía.

i) Yo limpiaré el coche.
C: El coche será limpiado por mí.

SUBANEXO 7

Corrección de la ficha de trabajo

a) Yo leo el libro.

b) El chico ha encontrado el reloj.

c) Roberto y David comieron la tarta.

Corrección de la ficha de trabajo

d) Los alumnos habían hablado con el profesor.

e) Mis compañeros habrán cocinado la cena.

f) Un hombre ha conducida la moto.

Corrección de la ficha de trabajo

g) Iker comprará un coche.

h) La policía recogía los testimonios.

i) Yo limpiaría el coche.

3

Lee el texto y explica a tus compañeros si te gustaría vivir en una ciudad como estas y el porqué.

Las ciudades del futuro serán subterráneas

Varias ciudades han comenzado a construir y a desarrollar proyectos subterráneos

Hasta ahora, las grandes ciudades buscaban expandirse hacia el cielo, ya fuera por necesidad o por prestigio, inmensos rascacielos se han levantado mostrando la grandeza de estas ciudades. Sin embargo, en el siglo XXI el desarrollo de estas ciudades ha puesto su mirada en el subsuelo.

El siglo pasado ha sido sin duda el siglo de los rascacielos, las grandes ciudades de todo el mundo han buscado durante este siglo poseer los edificios más altos del mundo como señal de poder. El Empire State Building, terminado en 1931 en Nueva York, tuvo el prestigio de ser el edificio más alto del mundo, con 381 metros de altura, durante 41 años. El World Trade Center fue el encargado de asumir dicho reconocimiento en 1972, con su Torre Norte de 110 pisos.

A partir de entonces han sido varios los intentos por poseer el edificio más alto del mundo, se levantó la Sears Tower, en Chicago, seguida por las torres Petronas, en Kuala Lumpur, después el Taipéi 101, en Taiwán, terminando con la construcción del gigantesco Burj Khalifa, en Dubái, con 830 metros de altura.

Sin embargo, la tendencia está cambiando. Ciudades como Helsinki o París ya han comenzado a desarrollarse en dirección contraria, bajo tierra. El ahorro de recursos, el transporte, la temperatura, son algunas de las causas que han propiciado este cambio, aunque, sin duda, la más importante es el cambio climático.



Voz pasiva



✍ 1- Transforma las siguientes frases en voz pasiva:

a) Yo leo el libro.

b) El chico ha encontrado el reloj.

c) Roberto y David comieron la tarta.

d) Los alumnos habían invitado al profesor.

e) Mis compañeros habrán cocinado la cena.

f) Un hombre ha conducido la moto.

g) Iker comprará un coche.

h) La policía recogía los testimonios.

i) Yo limpiaría el coche.
